

PQ
9261
.B26G3
Copy 2



Class PQ 9261

Book B26C3

Copy 2




3092
5363

CANCIONEIRO PORTUGUEZ

POR

A. F. BARATA



COM UM JUÍZO CRÍTICO

DO SENHOR

THOMAZ RIBEIRO.



COIMBRA

IMPrensa LITTERARIA

1866



CANCIONEIRO PORTUGUEZ

POR

*Antonio
Ramos*
A. F. BARATA
"



COIMBRA
IMPRESA LITTERARIA
1866

Copy 2

PQ 9261
B26 C3
copy 2

«Sejam as memorias da patria que tivemos, o anjo de Deus
que nos revoque á energia social e aos sanctos affectos da
nacionalidade.»

Sr. A. Herculano, *Bobo*, no Panorama, v. 7.º, pag. 12.

387270

'29

HJW 21536

A

SEUS AMIGOS

E

ASSIGNANTES



ANTONIO FRANCISCO BARATA



PROLOGO

Occupando na esteira social, em que vivo, o mesmo lugar que tão nobilitado foi por Domingos dos Reis Quita (na *Arcadia Lusitana*, Alcino Micenio), Antonio Joaquim Carvalho e Francisco Antonio Gomes, e nascendo com propensão para as lettras, bem era que eu addicionasse mais um nome ao pequeno mas notavel escholio d'artistas que ennobreceram sua classe, grangeando para si as attentões dos vindouros.

Talvez inferior ao menos talentoso dos tres, com os limitados recursos de minha intelligencia e de meus conhecimentos ahi vou lançar ao mar da publica leitura a minha sexta e provavelmente ultima publicação.

Sem haver recebido educação litteraria, não sei se alguma cousa fiz nas cinco que dei á estampa, e se 'nellas, da primeira á ultima, haverá gradação constante de melhora. Sei sim, que em baixa conta as tenho, para só ver na presente, a unica que poderá mostrar meu aproveitamento.

A vir a lume com este pequeno livro duas ideias

me incitaram: a de convidar com o exemplo meus irmãos no trabalho a seu nomei llustrarem, e a de mostrar as vantagens da poesia historica.

A poesia militar, a epica, aquella em que os rapsodos em primitivos tempos cantavam as glorias dos heroes, e mais tarde os bardos e os trovadores no seu divagar pelas habitações dos grandes, foi em todos os tempos elemento civilizador; pois que, relembrando as acções altas dos que passaram, convidava as novas gerações a saciar a ambição de renome na imitação d'esses quasi indígetes.

Bastos exemplos comprovativos podéra eu citar: fiquem, porém, aqui dous, já que tanto a ponto vêm.

Quando em 1655 os Hollandezes, depois de dilatarem seus dominios nas muitas conquistas que fizeram, obstinados assediaram Colombo, cidade nossa na ilha de Ceylão; quando, depois de uma resistencia pertinacissimamente superior a elogios, perdidas já sete mil pessoas que á fome suc-

cumbiram, o capitão Antonio de Sousa Coutinho teimava brioso em defender sua praça, os soldados portuguezes, imitando seu exemplo, cantavam sobre as muralhas, ou nas brechas que defendiam, as patrioticas estancias de Camões, procurando reverdecer com ellas o seu emmurcheido trabalhado valor.

Da historia ingleza é o outro exemplo.

Na batalha d'Hastings, ferida em 1066, em que Guilherme, o *Bastardo*, empunhou o sceptro da Inglaterra, os soldados Normandezes, para se animarem, cantavam em verso as proezas de Rolando.

D'aqui resalta a vantagem da poesia historica.

Cumpre solicitar agora, para o merito ou desmerito do livro, a imparcialidade dos espiritos rectos.

Não se olvide o que presta no satyrisar do mau.

Terminando estas linhas, com um pedido será: Professores de instrucção primaria, homens que

deveis dirigir, encaminhar bem os espiritos incipientes, que mais tarde darão fructos de poesia, pintura, musica; de estatuaría, mechanica, arte militar, de tudo; fazei-lhes ler e explicae-lhes o meu livro, para que esses fructos por vós bafejados, tenham o agradavel sabor da independencia, da abnegação, da lealdade, do valor, e do sacratissimo amor da patria.



PARECER

Desejando eu entrar no mundo litterario á sombra amiga do lauri-c'roado poeta o Sr. Thomaz Ribeiro, sombra que não podia ser para mim a da mancinella, mas a de frondente cedro do Libano, alvo das attensões e visitas do viajor, diriji-lhe a seguinte carta:

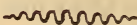
Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Thomaz Ribeiro

Por V. Ex.^a me haver considerado amigo, desde os bons tempos de Coimbra, tempos de saudosas alegres recordações, e por amentar a fineza que ao pouco ditoso Quita fizera um dia o Conde de S. Lourenço, procurando-o, conversando-o, estendendo-lhe mão amiga, transponho esperançado a porta de V. Ex.^a, para que se digne fazer-me o que áquelle meu collega fez o Conde, apresentando ao publico illustrado um homem que a seus grandissimos esforços deve unicamente os escassos conhecimentos que tem, e emittindo

a respeito de meus escriptos o seu ponderoso
juizo imparcialissimo.

Por tamanho favor eterna viverá em mim a
lembrança do beneficio.

Benevolo acolheu S. Ex.^a a minha carta, en-
viando-me a resposta que adiante segue.



Meu prezado Barata

É amavel o seu convite, e lisongeiro para mim; mas, sobre ser-me grandemente embaraçoso acceder aos seus desejos, não lhe será por ventura inconveniente? Vão maus os tempos para apresentações litterarias, meu caro amigo! Olhe bem para mim, que fui apresentado pelo nosso primeiro poeta, e não consegui cobrir-me com a sua grande respeitabilidade. O que elle fez, foi deixar-se metralhar em vez do seu afilhado. A aristocracia litteraria ou critica da nossa terra, não viu braços no meu escudo, e não se dignou dirigir-me cartel. Se eu pudesse dizer aos criticos sanguinarios da nossa terra o — *in me convertite ferrum*, e deixal-o a coberto da sua ferocidade, dar-me-hia por bem pago do meu empenho, e absolveria-o de seu temerario desejo. Não o creia, porém, e prepare-se; que se houver lucta, hão de procural-o e feril-o sem respeito ao companhei-

ro, que lhe dá o braço, e sem ouvirem a desautorizada voz, que o apresenta.

Cuidavamos nós, que todo o esforço d'uma grande vontade; que toda a laboração d'um trabalho difficil; que todo o producto d'um talento amadurecido ao sol das proprias fadigas e alumiado pelos clarões vasquejantes d'um estudo aturado e improbo, seria titulo para animações jubilosas, para recepções amoraveis, para admoestações esclarecidas e amigas; e em todo caso para respeito de confrades, quer no elogio, quer na censura. Pois não é.

Sei que ha critica justa e apreciavel. Tenho-a mesmo entrevisto, e entreouvido no meio da tumultuosa gritaria dos atrabilarios, que apupam e assobiam os neophitos, que veem para elles, com os braços abertos e a anciedade no rosto, e que muitas vezes, se não tem orgulho que reaja e os sustente, sahem corridos e amedrontados para nunca mais voltarem.

Vae sendo isto entre nós! que tristeza e que descrédito!

Eu nunca vejo as toiradas do campo Sant'Anna. Condoe-me a lucta com as feras; condoe-me ainda mais a alegria delirante dos espectadores. São sempre os circos de Roma com toda a sua embriaguez hedionda; falta a fereza dos leões nu-

midas e a coragem dos luctadores. Não é que os costumes estejam melhores; estão degenerados. Pois fui hontem ao Campo de Sant'Anna! Levou-me lá o amavel convite d'um amigo, e a tentação diabolica d'um cartaz, em que se annunciavam duas *sympathicas toreras*, uma das quaes, condecorada por S. M. Catholica!!!! Fui, para ver por meus proprios olhos, até onde tinham descido as mulheres, e as condecorações.

Com effeito vi, viram milhares de espectadores, viram os *homens do forcado*, viram os *campiños*, viram os *moços do curro*, viram os homens do *sol* e os da *sombra*, viram SS. MM. e Altezas, duas mulheres de carne e osso, nem bonitas nem elegantes, nem *sympathicas*, escarranchadas sobre dois cavallos de osso sem carne, mettidas e acunhadas n'umas singulares sellas de picaria. Esquecia-me dizer-lhe que do peito d'uma d'ellas pendia a sobredicta condecoração.

Contar-lhe como eu tive alli dó do bello sexo por se ver tão amesquinhado n'aquellas suas representantes... Perdoem-me as pobres *toreras* o tom desdenhoso com que fallo d'ellas! Sei eu por ventura que destinos as levaram ali? Se n'aquillo ha degeneração, é menos das pobres mulheres, do que da sociedade, que as applaude, e as condecora depois de as haver perdido!

E, para que hei de eu fazer sempre de moralista, sem ninguém me ter encommendado os sermões? quem sabe mesmo se o grande typo da mulher é aquelle? Será. Isto de teimas em crer que as mulheres foram só feitas para o bem e para a paz, vae-me parecendo insistencia tresloucada. Seja o que for, eu detesto as amazonas e as *toreras*.

Vamos ao meu caso.

Quando eu presenciava a toirada do Campo de Sant'Anna, sabe o meu amigo em que eu estava pensando? No seu livro, na critica, fallo da critica estrepitosa e feroz, em si, e em mim. Ora repare nas boas similhanças, que eu ali fui encontrar:

O programma, o prospecto, o cartaz, como quizer, annunciava as *toreras* para o quarto boi. Corrido o terceiro, houve aquelle silencio precursor da tempestade, que conhecem os nautas, e os heroes, e os frequentadores da praça de Santa Anna. Os olhos todos, voltados para uma porta baixa, fronteira ao camarote real, e as damas debruçadas dos camarotes, e os homens anhellante e curvados, e as respirações comprimidas, e as bôccas semi-abertas, tudo me dizia, que um grande acontecimento ia ter lugar ali, 'naquelles recinto, diante dos meus olhos!

Abre-se a porta, apparecem a *toreras*!.. Oh! meu querido Barata! O que eu vi e ouvi, nem se pinta nem se escreve. Era uma gritaria selvagem, uma confusão babilonica, um silvar e bradar de injurias ensurdecedoras, desde o gemido do leão, até o assobiar da serpente, um concerto hediondo de chufas e de vaias, e d'uns cumprimentos e protestos mais injuriosos, que as injurias. As *toreras* vinham acompanhadas e guiadas por um bandarilheiro hespanhol.

Veja agora este espectaculo transformado no theatro da minha imaginação. Em vez de se esperarem as *toreras*, condecoradas por S: M. Catholical espera-se o meu amigo *Barata* e o seu *Cancioneiro*. Abre-se a porta da imprensa, e entrâmos na praça enorme e temerosa da publicidade, o meu amigo, o seu livro, e eu. Eu esquecia-me dizel-o, sou o hespanhol bandarilheiro.

A critica desembaraçada, a critica chocarreira, a critica bonacheirona, que tem dichotes engraçados, que faz estalar as ilhargas com riso, a critica dos *homens do sol* em fim, essa, ainda sem saber se ficará contente; se tem diante de si algum merito individual, ou alguma utilidade social; se vale a pena ver ou ouvir para julgar depois, essa, aguça logo a trilingue, e começa o

côro infrene, selvatico, horripilante, dos apodos mais vis, e das mais refinadas injurias!

A critica séria e sincera, conscienciosa e illustre *está á sombra*. Consta, mesmo, que se quer demittir do seu emprego, principalmente por dous motivos. Primeiro, por que já não póde obter a palavra no meio d'aquelle *charivari* degradante. Segundo, por que os *criticos do sol*, na sua semcerimonia, costumam dispensar-se d'uns certos cuidados de aceio e de limpeza, e teimam sempre em apertar a mão aos seus *collegas da sombra*.

A verdade é, meu amigo, que nos nossos toiros, como na critica litteraria, as unicas vozes que se ouvem, são as *do sol*.

Era n'isto que eu pensava, e foi esta a primeira similhança, que eu achei na praça do Campo de Sant'Anna.

Prosegue a toirada. O prospecto annuncia, que a bandarilha condecorada ha de picar um toiro a pé. O cavallo porém desboca-se, joga uma cabeçada violenta, e esmaga o nariz da pobre rapariga, que tem de apear-se para ir estancar o sangue, que lhe sahe em golfadas. O *sol* impacienta-se e agita-se, pedindo a desafortunada; ella vem, mostra o seu desastre, desculpa-se, e volta para as mãos do seu medico. O *sol* desatina, clama,

uiva, blasphema. A *sombra* agita-se, e proclama contra a ferocidade do *sol*; o tumulto cresce; as senhoras desmaiam; os homens ensurdecem; os moços da agua fresca derramam-se pelas trincheiras falsas; os lenços e os chapéus agitam-se. O boi pára attonito! Os homens do forcado encostam-se ao seu bidente; os campinos assentam-se nas portas do toiril; a auctoridade ordena por gestos a sahida do boi; o *sol* sobe ao zenith da sua indignação, mas o boi é recolhido, e o miserando *sol* fica d'esta vez ás escuras.

Voltemos agora ao theatro da minha imaginação. Transfigurou-se o quadro: agora o *sol*, o mau, o injusto, o tyranno, é o meu Barata, e a bandarilha sou eu!

O prospecto annunciava, que no seu livro appareceria uma carta minha; debalde lhe tenho mostrado os meus *ferimentos* e a impossibilidade em que estou de lh'a escrever! — «A carta!» — clama o meu amigo, «a carta!» — E não haver auctoridade, que me salve da sua tyrannia!

Pois saiba, que me salvo eu! Não posso. O — *non possumus* — é o grande esteio da moderna diplomacia.

E, creia-me, é-me doloroso não acceder ao seu benevolo convite, e mais por mim, que por si. O moderno *Quita*, o trovador popular, o salvador

das nossas glorias tradicionaes, o colleccionario das nossas lendas e balladas, offerece ao seu paiz um tão valioso trabalho e é já tão familiarmente acolhido dos ledores da sua terra, que não precisa da minha voz amiga, por auctorisada que ella fosse, para o apresentar no mundo litterario. O seu grande merecimento, está menos no que faz, que é muito, do que na razão por que o faz.

O homem que entra na sociedade, e acha n'ella os meios necessarios para se educar, pôde ser grande, muito grande, mesmo; porém o que nasce e cresce desprotegido de todos, e de tudo; quem tem de trabalhar, dia e noite, em mister modestissimo e inglorio, para prover ás mais instantes necessidades da vida material; e que, sem livros nem mestres, e sem tempo, e sem animações, vae ouvindo e colhendo, aqui e além, na palestra familiar, ou na discussão academica, onde o acaso ou o proposito o leva, uma ou outra vez, e a que assiste no mais modesto logar, entre os espectadores, que ninguem vê, um preceito de doutrina, uma phrase modelo de bom estylo, uma concepção philosophica, uma verdade historica, uma tradição gloriosa, uma preciosidade litteraria, para, comestes sobejos dos opulentos, irenchendo o seu modesto mealheiro espiritual, e preparando e governando a riqueza futura do seu coração, e

da sua alma; que trabalha, desde creança, de si para si, no laboratorio solitario do seu intimo; que é, a um tempo, seu mestre e seu discipulo, impulso e meta, lapidario e brilhante, obreiro e obra, esmero e assumpto, para, em verdes annos ainda, nos apresentar, um livro, como o seu *Cancioneiro*, esse homem é maior que o muito grande; é portentoso!

Os que souberem apreciar as enormes luctas do seu talento, hão de adorar-o. Os outros... os outros hão de calar-se, ou injurial-o sem o lerem ou sem o entenderem.

Cada um a seu modo, ha de prestar homenagem ao seu talento. Descance.

Os seus versos, sobre revelarem um aturado e consciencioso estudo dos nossos chronistas, livros velhos e pardos, em que d'antes com tanto amor se pasciam os olhos dos estudiosos, e em que hoje se cançam e enfadam as *lunetas* dos elegantes, são, por vezes, ricos de descripção, e de colorido.

Embora lhe esteja escrevendo uma carta singela, só para si, e não a critica ao seu livro, deixe-me indicar-lhe alguns, que, entre todos, escolho e prefiro.

Do *Abbade João*, já eu lhe disse alguma cousa, quando escrevia no *Commercio de Coimbra*, onde

esses versos foram publicados. Acho no *Cerco de Celorico*, o vò da aguia salvadora n'estes versos cheios de verdade. É a pag. 31 :

.....

«Quando além, d'aquella baixa,
Uma aguia se viu erguer.

Ligeira cortava os ares
Da praça na direcção ;
Apertada a garra adunca,
Nas azas toda a extensão,
Como quem se chegar tarde
Póde não dar salvação».

Encontro na *Padeira de Aljubarrota*, poemeto, cuja dedicatória do coração lhe agradeço, o revolutear da peleja pintado n'estas formosas quadras :

«E no immenso torvelinho,
E das lanças no estalar,
E no rechino das settas,
Das espadas no brilhar,

E dos trons e das bombardas
Nos roucos sons d'atroar,
E dos ardegos ginetes
No estridente relinchar ;

E nos remoques e pragas
Que alli se ouviam rogar,

E nos gemidos d'angustia
Dos que estavam a expirar,

Se via a cópia do inferno,»
.....

Aqui ha côres e vozes, luz e harmonia. O pensamento sahiu inteiro e feliz.

Ainda uma descripção, ou antes esboço rapido, onde ha galas e ternuras. É no *Conde dos Arcos*: estamos na ultima toirada de Salvaterra:

«Cavallos e cavalleiros
Nunca se viu cousa assim!
Os brasões de seus maiores,
Na gualdrapa do sellim;
A espada, em forro de prata,
Pende de rico telim:

Velludos, rendas e cassas,
Seda e ouro em profusão;
Penachos de finas plumas
Tremem pendidos ao chão;
Muita alegria nos rostos,
Muita fé no coração:

Muita firmeza nas sellas,
Em muitos peitos valor;
Nos homens muita loucura,
E nas bellas muito amor:
Tal essa gente aguardava
Um drama de pranto e dôr!»

Não transcrevo mais. Estes excerptos bastam para lhe provar, que li com cuidado as folhas avulsas, que me foi enviando, á proporção que iam sahindo da imprensa.

O seu livro tem defeitos, devo dizer-lh'o tambem, e eu sei, que ha de aceitar as admoestações d'um amigo, que ha tantos annos o conhece, e o estima. A metrificação parece, uma vez por outra, descurada, e aqui e além, menos o conceito, que o estylo, descahe em familiaridades, nem sempre poeticas.

Talvez, tambem, eu no seu caso, me tivesse abstido de escrever o *D. Alvaro Vaz d'Almada*, ou a *Batalha d'Alfarrobeira*. O Sr. Ignacio Pizarro tinha tão recentemente, e com tão boa acolhida, escripto no seu Romanceiro o *Conde de Abranches!*.. Em fim issò não foi senão uma temeridade. A propriedade litteraria não chega nunca á propriedade do assumpto.

A maior parte dos nossos homens grandes são em grande parte o transumpto da educação. O meu amigo Barata é só o transumpto da sua grande vontade.

Homens assim, não tem craveira por onde possam medir-se, e são o maximo argumento de que que a humanidade é grande.

Sinto não poder escrever-lhe uma critica no

seu livro, desculpe-me com os seus leitores, uma vez que a elles me annunciou; e, se tanto quizer, auctorisese na desculpa com esta carta.

Aperta-lhe a mão e abraça-o cordealmente o

Seu sincero e velho amigo

Lisboa 23 de Abril
de 1866.

Thomaz Ribeiro

NOTA

Errados me sahiram tres versos na composição *Pero Gallego*. A um concurso inexplicavel de palavras traçoeiras, que se harmonisaram para me peitar o ouvido, attribuo eu a pecha dos versos. Alguns mais escapariam talvez: para esses, a benevolencia das pessoas que se costumam entregar a eguaes trabalhos, e que, impreterivelmente, devem ter sido enganados tambem por essa seductora miragem que me trahiu, para os que eu conheço defeituosos, proponho este remedio:

Pag. 21 — Não domine o oceano

» 22 — Onde terminou a empreza nobre

» 25 — Mas, em vez de castigar acção tamanha.

Leia-se o 1.º — Não impere no oceano,

» o 2.º — Onde veio findar a empreza nobre

» o 3.º — Mas, em vez de punir acção tamanha,

INDICE

Prologo	v
Parecer.....	ix
Abbade João	1
Pero Gallego.....	17
Fernão Rodrigues Pacheco	27
Brites d'Almeida	33
D. João d'Eça	47
Pedro Esteves	55
Salvador Ribeiro de Sousa	65
O conde dos Arcos	79
D. Pedro Affonso	93
O consorcio mysterioso	103
Soror Rosimunda	111
Espinhos e louros	119
Ouro e peste.....	131
D. Alvaro Vaz d'Almada.....	147
Breve memoria sobre Conimbrica	161
Vopeliares	187

CANCIONEIRO PORTUGUEZ

O ABBADE JOÃO

Era pelo mez de Julho de 1863. Preparavam-se em Montemór-o-velho as celebradas festas do *Abbate João*, quando me occorreu a lembrança de tomar conhecimento da origem d'ellas.

Na *Monarchia Lusitana* me dizia a memoria se consagravam algumas regras ao combate sangrento que immortalisára o nome do Abbade e dos monges negros de Lorvão; mas, era esta uma ideia imperfeita, gasta, quasi apagada, que, semelhante aos desenhos apagados com gutta-percha, ainda se conservava em minha reminiscencia.

Na indole e na propria vocação tinha eu sobrejo incentivo para averiguar essa patriotica lenda: era preciso ler. Consultei, pois, a citada *Mo-*

narchia, e várias chronicas onde se relata o acontecimento.

Fôra, na verdade, uma das mais notaveis batalhas a que se ferira em campos de Montemór, entre as forças mahometanas, commandadas por Çolema, ou Zuleima, e as que lhe oppozeram vencedora resistencia ás ordens do valoroso Abbade, a quem D. Ramiro havia confiado a defensão d'aquelle padraço do Islamismo.

Em duvida, comtudo, achei posta a celebrada batalha: auctores ha que a negam. Isto não obstante, resolvi cantar em verso os feitos do *Abbate João*, embora elles só existam nas tradições patrias, sem haverem o cunho da historia imparcial.

Ennervára-me tambem a vontade, uma carta que, mezes antes, me escrevêra o Sr. F. A. Rodrigues de Gusmão, onde, entre muitas palavras animadoras, o tão conhecido litterato dizia: *é um bom assumpto para romance*.

Já tinha á mão o preciso material para a obra; só me faltava o molde, o typo, o desenho que devia seguir no construir do meu edificio.

Sem muito cogitar o encontrei na bonita chacara de *N. S. da Nazareth*, do Sr. Castilho.

Assente a primeira pedra, a obra fez-se de um folego.

Como havia já annos que eu lêra aquella chacara, aconteceu que melhormente a podéra ter imitado, se a houvesse relido, e não presistiria tanto em fazer duas rimas obrigadas em cada quadra, podendo, talvez com mais vantagem, jogar uma toante com uma verdadeira rima, cousa que muito caracteriza este genero de composições.

No entanto, como pouca é sempre a harmonia das toantes, eu preferi conservar o escripto assim, embora cada uma das partes d'elle possa parecer monotona.

Se defeito é, á conta fique do mau gosto que tenho.

Mais do que um livro podéra eu citar para o leitor curioso se compenetrar melhor da bonita lenda; mas, valha por todos a referida *Monarchia Lusitana*, de paginas 439 a 441 do Tomo II.



O ABBADE JOÃO



AO SEU COMPADRE E AMIGO

LEOVEGILDO ANTONIO DA CUNHA



Historias e lendas, que ouvimos na infancia
Sentados ao lar,
Rescendem aromas, suave fragrancia
De muito encantar.

Não podem os annos, no curso ligeiro,
De nossa memoria taes crenças levar,
Só levam dos olhos brilhar passageiro,
Só podem nas faces as rugas cavar.

No ouro fundido, feição arbitraria
Não custa a imprimir;
Depois que arrefece, a fôrma primaria
Tem longo existir.

Na tenra memoria, ideia que imprime,
Assim é tambem;
Innata se torna, durando sublime
Pela vida além.

Por isso nas cordas do meu alaúde,
Dos contos que sabe contar tradição,
Canções tecerei ao valor e virtude,
Aos bellicos feitos do Abbade João.

I

De Montemór pelos campos
Corre solta a mouraria:
—Montemór por Almansor!
Brada a turba em gritaria.

Almansor, capitão forte,
Nos seus guerreiros confia,
No seu encurvado alfange,
Que é joia da mór valia;

E 'nesse traidor apostata,
Entre os de Christo, Garcia,
E que nas dibras dos mouros
Zuleima por nome havia;

Que havendo sido engeitado,
Nem pae nem mãe conhecia,
Mas homem se tinha feito
Do Abbade na companhia;

E que por nutrir inveja,
Cuja origem se sabia,
Jurára, o tredo, vingar-se
De quem sombra lhe fazia.

E, cumprindo seu desejo,
Abraçára a heregia,
E olvidára crenças, patria,
Até o Abbade esquecia!...

Recostado em molle estofo,
Como a seu uso sohia,
A Zuleima e demais chefes
Almanson assim dizia :

— A estrella d'alva, meus bravos,
Nos céus não será tardia;
Eia, sus, aprestae armas,
Que ella será vossa guia.

— Não quero logo na lucta
Em ninguém ver cobardia,
Nem que pedra sobre pedra
Ponha dique á valentia.

— Pelos pannos d'esses muros
Combatereis á porfia;
— D'esse roqueiro castello,
O logar onde existia!

— Da morte a muda tristeza
Tome o logar d'alegria;
Velhos, mulheres, e creanças
Desça tudo á terra fria.

— Esse Abbade abominavel,
Com toda sua abbadia,

Mandae-o por esses ares
À sua Virgem Maria!

«E dictas aquestas vozes
Como a bom chefe cumpria,
Ergueu-se; que já nas trevas
D'essa noute, a luz rompia.

D'alva a estrella mensageira
Após de si a trazia,
E a brilhante, azul abobada
Em rubra faxe envolvia.

Manhã fresca e socegada
Rompe feroz gritaria:
— Alah! — já bradava um grupo;
— Almansor! — outro dizia.

Nos pendões de Mafamede
O crescente reluzia,
E na adarga d'Almansor
O sol espelhar-se via.

E a turba fervia alegre,
E o anafil retinia,
E as armas assacaladas
A mourisma mais polia.

Um aqui, em pedra propria,
Lanças e adagas afia,
Outro afaga o corcel lesto
Que impaciente nitria.

Já mui grande reboliço
Se vê na mourisma impía,
Todos se aprestam p'ra lucta
Como para gran folia.

Dos bellicos instrumentos
Brava soada se ouvia,
E a turba dos Musulmanos
Ao som d'ella reunia.

Ah! Christãos de Montemór,
Mostrae vossa galhardia,
Porque na lucta sanguenta
Não seja grande a agonia!

II

Balsões e sinas tremulam
Da brisa ao brando soprar,
Trombetas fino resoam
Dos échos no acordar.

De Montemór nos adarves
Christãos se vêm formigar;
Soldados novos e velhos
Move contínuo lidar.

Aureas pulidas celadas
Encantam com seu brilhar,
Lorigas de boa malha
Fazem longo ramalhar.

A todos o Dom Abbade,
Providencias anda a dar,
Guarnecer manda setteiras,
Combatentes aprestar.

E descendo das ameias
Ao templo se foi orar,
Pedindo a Nossa Senhora
Por elles queira velar.

Que essa cruz em que seu filho
Morreu por nos libertar,
Possa d'esses Islamistas
Mais uma vez triumphar.

E nas mãos a cruz tomando,
Sem mais palavra soltar,
Sahiu do templo com ella
Para os seus ir animar.

Por todas praças e ruas
Num teimoso perpassar,
Andam mulheres e creanças
A se carpir e chorar.

Aqui uma receiosa
De sem marido ficar,
Pede, exora ao céu piedoso
Que a não deixe enviuar.

Em lagrimas debulhada
Além outra a soluçar,

Faz votos porque seu filho
Possa vir inda a abraçar.

Donzella de tranças pretas,
Olhos negros d'encantar,
Bôcca breve, cinta estreita,
Pés de muito enfeitiçar,

Tambem triste e lacrimosa
Alli se vê suspirar
Pelo amado, que da pugna,
Quiçá não possa voltar.

E o heroico Dom Abbade
Vendo tal desanimar,
Do teso d'um morro baixo
Começou de lhes fallar:

— Proximo á hora da lucta
Porque vos vejo chorar?
Só se quereis por esse modo
Alegria demonstrar.

— Sohiam vossos passados
Pela cruz a vida dar,
E raça de nobres Godos
Em al não póde pensar.

— Eia, pois, tornaes-vos dignas
D'essas gentes imitar,
Que eu mando vossas cabeças
Pela cruz no chão rolar.

— Com esses perros descritos
A lucta vae começar:
Eu sei bem que do crescente
A cruz deve triumphar:

— Mas elles em grande numero
Montemór podem tomar,
Nós, em menos, na batalha
Podemos todos ficar.

— E se a chusma d'Agarenos
Montemór poder entrar,
Ao menos que a feroz sanha
Nunca possa em vós cevar.

— Eia, sus, apparelhae-vos
Para espadas encarar,
Que eu mando vossas cabeças
Pela cruz no chão rolar.»

E depois de longa prece.
E após as abençoar,
Mandou todalas mulheres
E meninos degolar.

III

O sol em seu carro lúcido,
Para á batalha assistir,
Já no circulo de bronze
Um quarto dá a medir.

Um — alah! — por toda a parte
Tremendo se faz ouvir,
Após, ruído soturno,
Qual da tormenta o bramir.

Um brado por — Sanct'Iago!
Dos christãos se ouve sahir,
E mil arcos retezados
Mil frechas fazem partir.

Trava-se rija peleja;
A mourisma quer subir,
Mas encontra nos de Christo
O mais tenaz resistir.

Ballistas e catapultas
Tudo querem destruir,
E os pesados ariêtes
Ferradas portas abrir.

Nos pontos mais arriscados
Vê-se o Abbade a esgrimir;
Na dextra a espada terrivel,
Que onde vae não torna a ir.

E os mouros pelas muralhas
Em renitente investir,
E o Abbade dando sobre elles
Sem nenhum o presentir.

Os mouros despercebidos
Quando os Christãos viram vir,

Do seu empenho d'assalto
Tiveram de desistir.

E em grita desordenada
Sobre os nossos a affluir,
Tentavam em laço estreito
Todos elles comprimir.

O chão parecia abrir-se
Para Agarenos cuspir,
E que a turba furiosa
Qu'ria a todos engulir.

Então os christãos começam
Mil golpes a despedir,
E unidos á voz do Abbade
Fazem os mouros fugir.

Os nossos, que dentro estavam,
Ao Abbade vêm seguir,
E o alfange encontra a espada
Ao som de longo tinir.

E destroçando nos mouros
Com teimoso perseguir,
A bom numero, 'nesse dia,
Deram o eterno dormir.

Agora que os mouros captivos, sem vida,
Por essa campina estendidos estão,

A nota final á canção promettida
Darei 'nesta lyra ao Abbade João.

E porque a verdade convém que se diga,
Direi o que ainda nas lendas ficou;
E rezam que o Abbade da longa fadiga,
Alfim junto a Ceixa seus dias finou.

E mais d'esta historia por dar uma prova,
Direi que seu corpo lá jaz sepultado
'Naquella ermidinha, que fez toda nova,
E onde mandou, que com muito cuidado,

No collo de neve de Nossa Senhora,
Um risco vermelho fizessem pintar,
Lembrando o milagre em que foi Redemptora
Da gente que o Abbade mandou degolar.

Aqui faz seu fim o Rimance do Abbade,
Que em todala Hespanha se ouvia contar;
E agora em meus versos, á posteridade
Quicá, Deus o sabe! não custe a lembrar.



PERO GALLEGO

No primeiro volume do *Anno historico*, a pagina 382, relata-se miudamente o caso que originou a canção *Pero Gallego*.

Pero Gallego, o destemido mancebo de Vianna, obrára realmente prodigios!

Enthusiasta d'aventuras, embriagado com a recente gloria do reinado de D. Manoel, com a ventura de seus navegantes, e talvez movido pela sêde de bens que poderia obter nas conquistas, Gallego fez-se ao mar; e, pirata de piratas, o seu nome echoou com estrondo em todos os portos do mediterraneo.

Alguem poderá haver que só veja em Pero Gallego um simples corsario como qualquer d'esses que nos infestavam o Algarve.

Eu não: vejo no mancebo denodado, a coragem e bravura dos vinte annos, estimuladas pela ambição de nome, e quiçá de haveres. Vejo-o ofuscado pelo ouro das conquistas que nos perdeu,

como em antigos tempos a Gregos e Romanos, e
contra o que já bradava Sá de Miranda:

« Fez no começo a pobreza
« Vencer os ventos, e o mar,
« Vencer quasi a natureza,
« Medo ey de nouo á riqueza,
« Que nos torne a catiuar.»

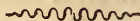
Mas, pirata ou aventureiro, fraco ou corajoso,
Pero Gallego deu aos Castelhanos, no ancara-
douro de Cadiz, tremenda lição!

Era o poder das tradições! era a força moral
das victorias, que lhe dava brio e valor!

Por pequeno e debil, um povo póde ser grande,
alentado pelos feitos dos seus maiores.

Sparta não tinha muralhas: se a accommet-
tiam, um cinto de homens robustos a defendia!
Tal era o valor dos seus!

Leia-se a canção:



PERO GALLEGO

REINADO DE D. JOÃO III

1546

I

Com quatro peças de ferro
Vento em pôpa a toda a vella,
Uma leve caravella,
Em todas as direcções,
Corta do mar as correntes,
Com trinta moços valentes,
Com armas e munições.

Um capitão a commanda
Por nome Pero Gallego,
Que tomou o nobre emprego
De mouros importunar,
Para ver em toda a parte
A cruz de seu estandarte
O crescente derribar.

Lá no brumoso horizonte
Já vê pirata mourisco,

Que procura a todo o risco
À sua prôa fugir;
Mas nas ligeiras manobras
Das vellas as grandes dobras
Já o vento as faz abrir.

Não vôa tanto o alcyon,
Que vem de remotas plagas,
Como vôa sobre as vagas
A caravella christã;
Nem mais leve corta os ares
Como rompe erguidos mares
Ligeira a barca louçã!

E o navio do corsario
Logo é feito boa preza,
Por dar começo á empreza,
Do esforçado portuguez,
Que desde a patria Vianna
Muito além do Guadiana
Notaveis proezas fez.

Lança ferro e poja em Sagres,
Onde vende a caravella,
Deixando em logar d'ella
O navio que tomou;
E no qual, abastecido,
O capitão destemido
Outra vez ao mar voltou.

II

«Dae á brisa as vellas todas!

«Que sopra 'neste momento

«De feição!

«Dae á brisa as vellas todas!

«Que é por nós do salso argento

«A monção!

«Ao mar alto, destemidos!

«Caça rija á mouraria

«Com valor!

«Ao mar alto, destemidos!

«Combate á pirataria

«Sem amor!

«Abatei o collo erguido

«As vagas que 'nesse dorso

«Vem quebrar!

«Abatei o collo erguido

«Ao navio que anda a corso

«'Neste mar!

«De Vianna até ao Estreito

«Não domine o oceano

«Mais ninguém!

«De Vianna até ao Estreito?

«Iremos a todo o panno

«Mais além!

«Nas ondas mediterraneas
«Vogue o barco assoberbado
«Sem rival!
«Nas ondas mediterraneas
«Faça grande e respeitado
«Portugall!

III

Sobre a tolda, de pé, entusiasmado,
Essas fallas dizia o capitão,
Em quanto cada qual vae empregado
Nas antenas, escotas e timão;
Em quanto o leve barco vae levado
Pelo vivo soprar da viração,
E atrás se vão sumindo os patrios montes,
Ficando aguas e céu por horizontes.

As herculeas columnas já descobre
Que o estreito de Gibraltar são agora,
Onde terminou a empreza nobre
O heroe que as levantou ali outr'ora,
Por que mais não viaje, ou feitos obre,
Quem vier d'onde nasce e vem a aurora.
Ali, pois, toda a terra terminava
'Té que Colombo novo mundo achava.

A prôa ao estreito faz Pero Gallego,
E brevemente em novo mar se entranha;
Atrás deixa ficar o immenso pégo,
Africa á direita, á esquerda a Hespanha:

E proseguindo assim no seu emprego,
Por desejar concluir empreza estranha,
O mar talhando vae para levante,
D'onde só voltará um dia ovante.

Tres annos em combates ha passado,
Em victorias, exicios, e pilhagens,
Tornando o proprio nome respeitado
E a fama portugueza em mil paragens.
De tanto triumphar alfim cançado,
E para termo pôr a mais viagens,
Determina vir ás terras portuguezas
Rico de glorias, cheio de riquezas.

A Cadiz arribou o nauta ousado,
Com toda sua audaz tripulação:
De hispana esquadra o porto viu pejado,
Que um tal Navarro tem por capitão:
De ser tambem da Hespanha respeitado
Gallego não maldiz a occasião,
E do tope do mastro o pendão luso
Não desce aos hespanhoes como era de uso.

Raivosos fervem já os castelhanos
Vendo no portuguez tanta loucura:
E assim chamando vão verdura d'annos
Á pura intrepidez, ao que é bravura!
E já de o ameaçar com grandes damnos,
E de lhe dar o mar por sepultura!
Ai! mas d'Aljubarrota a maior gloria
Foi a pagina dourada em nossa historia!

Na alterosa galera capitana
Contra o fraco baixel Navarro avança;
Não para combater, ideia insana!
Vae para castigar com tal pujança
O tal aggravo feito á honra hispana,
D'onde espera tirar atroz vingança;
Que bem mostra d'os seus esse rompante
Que parecer os faz povo gigante.

No entanto o portuguez tranquillo ordena
Que as peças se carreguem brevemente;
Que toda a vella penda lá da antenna,
Que se arme de fuzis a mais da gente;
Porque a tripulação com ser pequena,
Guardará sua bandeira nobremente,
Mostrando aos hespanhoes 'neste combate,
Que ainda d'esta vez se não abate.

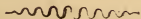
A tiro já navega a nau possante
Do bravo portuguez que se não move,
Até comêço dar á acção brilhante.
A que um grande valor muito o demove.
Crendo a aproximação ser já bastante,
Gran copia de metralha 'nella chove,
E de quantos mosquetes alli tinha
Tantas ballas tambem lhe manda asinha.

Sobre a tolda baqueiam já sem vida
Não poucos hespanhoes que a tripulavam;
Outros, sendo feridos na investida,
Navarro 'nessa conta numeravam:
E emquanto a nau assim foi recebida,

Já os nossos ao vento as vellas davam,
Deixando os hespanhoes envergonhados,
Ruinosos, abatidos e assombrados!

IV

Do caso memorando, a nobre hespanha
Por fim a Portugal queixumes fez;
Mas, em vez de castigar acção tamanha,
O pio D. João só deu mercês.



FERNÃO RODRIGUES PACHECO

Escriptores ha que nos apresentam o cerco de Celorico como facto verdadeiro e inconcusso: outros, porém, que duvidam de sua existencia, por não acharem documentos em que se fundamentem.

São do Sr. A. Herculano estas palavras: « Quanto ao cerco de Celorico e ao caso da truta ha « 'nisso um tal sabor de novella, que nos falleceu « o animo para a mencionar no texto.»

Não me falleceu, comtudo, a mim a necessaria força para desprezar a tradição.

Historia veridica, ou simples lenda, Fernão Rodrigues Pacheco « é o symbolo dos homens, que, na quéda de Sancho, souberam respeitar o pundonor de cavalleiro, e a religião do juramento, » como diz o mesmo historiador.

Para o fim que me proponho, até de summo proveito me apparece a lenda, porque incute nos

animos da gente moça ideias de lealdade, patriotismo, coragem, e de todos os sentimentos que podem nobilitar o homem.

A canção diz assim:

CASTRO ALBUQUERQUE

~ ~ ~ ~ ~

~ ~ ~ ~ ~

FERNÃO RODRIGUES PACHECO

ou

O CERCO DE CELORICO

— Real, real pelo rei
D. Affonso, o Bolonhez!
Já bradam mil pregoeiros
'Neste solo portuguez;
Já bradam mil pregoeiros
Cada um por sua vez.

No castello de Leiria
Já D. Affonso entrou,
E na torre da menagem
O seu balsão tremulou;
E na torre da menagem
Mais do que um o imitou.

Ruem pontes levadiças
Até pousarem no chão,
E quasi por todo o reino
Já homenagens lhe dão;
E quasi por todo o reino
Já domina seu pendão.

Rendei-vos, fortes castellos,
Que essa Beira atalaiaes;
Rendei-vos, que o rei D. Sancho
É morto, não volta mais;
Rendei-vos que o rei D. Sancho
Já não quer que o defendaes.

Apertado vae o cerco
De Celorico da Beira;
Fernão Rodrigues Pacheco,
D'esse solar de Ferreira,
Inda conserva hasteada
Do rei D. Sancho a bandeira.

Defende suas muralhas
Com estremado valor;
Defende-as com lealdade,
Como a um sagrado penhor:
Como quem nas patrias Quinas
Vê as chagas do Senhor.

Mais lhe vale honrada fama
Por ser leal portuguez,
Do que o seu forte castello
Entregar ao Bolonhez,
Sem saber se negra morte
Seu juramento desfez.

Os sitiantes combatem
Com mais renhido teimar,

Porque o demonio da fome
Lá se fez manifestar.

Mas, nem robustos soldados,
Nem a fome o póde entrar!

Já não havia comidas,
Nem agua para beber,
(Tão apertado era o cerco
Para um homem se render!)
Quando além, d'aquella baixa,
Uma aguia se viu erguer.

Ligeira cortava os ares
Da praça na direcção;
Apertada a garra adunca,
Nas azas toda a extensão,
Como quem se chegar tarde
Póde não dar salvação.

Sobre a altura do castello
Por algum tempo pairou;
Depois desceu, foi descendo,
'Té que mais perto chegou,
E das garras formidaveis
Uma truta ao chão lançou.

Lembrava a formosa aguia
O mais salutar ardil.
Póde mais que o mesmo homem
Às vezes o ser mais vil:
Ao leão já pôde o rato
Despedaçar o redil.

Em massa de pão de milho
Cozer-se a truta mandou,
E, Pacheco, aos sitiantes,
Da muralha a arremeçou:
— Quando assim ha mantimentos
Ninguém jámais se entregou!

E as tropas de D. Affonso,
Que foi conde Bolonhez,
Cahindo no laço, ergueram
O cerco d'aquella vez,
Pensando que não venciam
Um tão leal portuguez!



BRITES D'ALMEIDA

Quem vive ahí que não conheça este nome? Quem ha que não lesse ainda talvez a melhor pagina de nossa historia, essa que consubstancia o brio e cavalheirismo de Portugal na bellicosa época de D. João 1? Quem ha que desde o berço não ouvisse pronunciar o nome da *Pa-deira d'Aljubarrota*?

Eu, que desde a meninice me acostumei a venerar a tremenda pá, aqui deixo esta lembrança do meu respeito e da minha adhesão á sympathica lenda, á popularissima tradição.

Não me diz a memoria que poeta algum a cantasse além do Sr. João de Lemos, no 2.^o volume do seu *Cancioneiro*.

João de Lemos canta-a, porém, de um modo diverso do que para minhas canções escolhi.

Talvez que eu não devesse publicar esta composição, para deixar que a posteridade admirasse a heroica mulher nas vozes da tradição, e nos

versos do mimoso cantor legitimista; mas, não ha sido Camões cantado por tantos poetas?

Não disse o engraçado auctor do Hyssope, no começo da sua ode a Vasco da Gama:

«Bem que a teu alto esforço eterna c'rôa

«Tecesse, inclito Gama,

«Clarim sonoro que no Pindo vôa

«Sobre as azas da fama;

«Eu que apesar da inveja, e seus furores,

«Aos astros levo o nome lusitano,

«Á minha lyra o pano

«Pelo mar soltarei dos teus louvores?»

Este pensamento repito, e com taes ideias me desculpo.

Ahi vae a composição: o assumpto é o mesmo; diversa, porém, a acção, o entrecho, os episodios e a contextura.



BRITES D'ALMEIDA

OU

A PADEIRA D'ALJUBARROTA

AO INSPIRADO AUCTOR

DO D. JAYME

«Jardim da Europa á beira-mar plantado
Portugal cá no mundo já viveu;
Foi novo, foi valente e respeitado,
Mas por muito lidar envelheceu.

Como cadaver que descarga electrica
Com abalo tremendo levantou,
Convulsos membros, com a face tetrica,
E ephemero viver ainda gozou:

Assim as tradições, as patrias lendas,
Qual pilha enorme que o valor produz,
Soltam descargas que por novas sendas
O morto arrastam com fanaes de luz.

Embora Portugal, o pobre morto,
Só fugaz existencia possa ter;
Deve na sua gloria achar confôrto,
Nos feitos dos avós, se quer viver.

—
Por morte de D. Fernando,
Que sem filhos se finou,
E na historia d'este reino
Singelo nome deixou,

Tentaram suster o sceptro
Com que tal rei governou,
Os dous primeiros Joannes
Que a Peninsula contou.

Um d'elles, Rei de Castella,
Sobre Lisboa marchou;
Mestre d'Aviz, o segundo,
Esse jus lhe contestou.

Hispana luzida armada
As ondas do mar sulcou,
E um vistoso e grande exército
As nossas raias entrou.

'Nelle, D. João de Castella
Dous mil ginetes junctou,
E a mais oito mil bésteiros,
Quinze mil, de pé, ligou.

Com setecentas carretas
Que tambem lhe addicionou,
E mais dezeseis bombardas,
O exército completou.

As forças do Mestre, orçavam,
Se bem informado estou,
Por mil setecentas lanças
Que a cavallo apresentou,

Por oitocentos bésteiros
Apenas, que lhe aggregou,
E com quatro mil peões
Os de Castella arrostou!

Nun'Alvares, o esforçado,
Na jornada o acompanhou,
E o famoso Mem Rodrigues
Na turma que commandou!

Era a Ala dos Namorados
Que grandes feitos obrou,
Pela Patria e pelas damas
A quem o nome empenhou.

Petrechado o nosso exército
Os Castelhanos buscou,
E juncto d'Aljubarrota
A marcha lhes embargou.

Posições bem escolhidas
A nossa gente occupou,

E o poderoso inimigo
'Numa planura acampou.

Luzido e mui animoso
O seu poder ostentou,
No rufar de mil tambores,
Nos pendões que floreu.

Entrementes nossa gente
Mui bem se fortificou;
Na c'rôa d'uns montes baixos
Os de Castella aguardou.

Descendo o sol do zenith
As tres da tarde marcou,
E a voz d'um trom castelhano
Pelos valles retumbou.

Partira os diques ao impeto
Que alli Castella mostrou,
Aquelle tiro primeiro
Que pelos valles troou.

Qual tempestade d'areia
Que a caravana acosou,
E que na veloz carreira
Fugitiva a sepultou;

Tal sepultar-nos, Castella
Em seu orgulho pensou;
Mas, ai! que — *del dicho al hecho*
Gran trecho sempre se achou!

Deram rijo sobre os nossos
Com rompante que assustou,
E quasi, quasi a victoria
Por elles se declarou!

Mas, 'nisto — S. Jorge e ávante!
Nas nossas filas soou;
E o Mestre d'Aviz, brioso,
Taes fallas aos seus fallou:

— Que é isto, bravos guerreiros?
Á vossa frente não sou?
Não descendeis d'essa gente
Que no Salado se achou?

— Eia! coragem, valentes!
Enthusiasmado exclamou;
E combatendo animoso
A batalha começou.

—
Tal como quando nas rochas
As ondas se vem quebrar,
E altivas se despedaçam
'Num inutil porfiar;

E as rochas negras, limosas
Se mostram erguidas no ar,
E quaes firmes atalaias
Que a praia estão a guardar,

Repellem continuamente
A furia do bravo mar;
'Nessas loucas tentativas
Da terra qu'rer alagar:

Assim se quebram e partem
Em porfioso luctar,
Os batalhões de Castella
Nos fortes em que vêm dar!

Apenas uma diff'rença
No exemplo se pôde achar;
É que a rocha encontra as ondas
Sem se mover, sem andar;

E os heroicos Portuguezes
Em teimoso batalhar,
Investem aos Castelhanos
Com denodo d'assombrar!

Bem como o soberbo Ganges
Já no fim do seu lidar,
Parece que as salsas ondas
Faz ante si recuar:

Taes as forças de Castella
Se viam retrogradar,
Ante um punhado de bravos,
Em completo debandar!

E no immenso torvelinho,
E das lanças no estalar,

E no rechino das settas,
Das espadas no brilhar,

E dos trons e das bombardas
Nos roucos sons d'atroar,
E dos ardegos ginetes
No estridente relinchar;

E nos remoques e pragas
Que alli se ouviam rogar,
E nos gemidos d'angustia
Dos que estavam a expirar,

Se via a cópia do inferno,
Como o costumam pintar
Esses debuxos phantasticos
Compostos para assustarl...

Tão f'rida foi a batalha,
Que 'nella vimos ficar
A D. Pedro de Mendoza
E a D. João d'Aguilar;

A Diogo Sanches Sarmento,
A João Fernandes Tovar,
E a muitos que a louca Hespanha
Lá veio sacrificar...

Tambem alguns Portuguezes
Tivemos de lamentar...
Os dous irmãos de D. Nuno
Que lá vimos expirar,

E João Tello de Menezes,
Que não quizeram cantar
Os epinícios comnosco
Nas febres do triumphar!

Não quizeram, que nefanda
Traição os fez renegar
Da patria, d'irmãos e amigos,
Para a Castella os passar!

Foi a quatorze d'Agosto
Que a lucta teve logar,
De mil trezentos e oitenta
E seis, a bom computar.

Os raios do sol ardente
Já se viam 'smorecer,
E além, na cima dos montes
As sombras apparecer.

O chão coberto de mortos,
Rios de sangue a correr,
E uma nuvem de poeira
Que ao longe se via erguer,

Na qual alguns que escaparam
Fugir se podiam ver,
Era tudo o que restava
Do Castelhana poder!

Agora o caso famoso
D'aquella heroica mulher,
Contarei singelamente,
A quem o queira saber.

Chegaram a Aljubarrota,
Começava a escurecer,
Os poucos que na batalha
Se não deixaram morrer.

Mortos de fome e cansaço
Uns pediam de comer,
Alguns uma sêde d'agua
Ao menos para beber!

Mas, clamavam no deserto!..
Ninguém lhes qu'ria valer...
Ninguém qu'ria em suas casas
Esses pobres recolher!..

Semelhante odio de raças
'Té me custa a descrever...
E mais isto não é muito
Ao pé do que vou dizer.

A thia Brites d'Almeida,
De varonil parecer,
Era d'estas patriotas
«D'antes quebrar que torcer.

Era Padeira, é verdade,
Mas Padeira com seu qu'rer,

Vontade energica e firme
Que não havia mais ver!

Sabendo que os Castelhanos
Rojando a custo o viver,
Vencidos, tristes, e f'ridos
Sem se poderem mexer,

Andavam na sua Villa
De porta em porta a bater,
Tomando uma pá do forno
Sahiu para os receber.

Os primeiros que lhe viram
Os modos d'accommetter,
Puxando das rôtas armas
Ainda a tentaram conter ;

Mas ella, com furia insana,
E depois da pá erguer,
Com um terrivel mandobre
Logo um d'elles fez jazer.

E apressando crebros golpes
Sem os contrarios temer,
Fez uns sete Castelhanos
À pazada perecer.

Assim nas historias que li da Padeira
A proeza se encontra narrada em geral ;

E todas affirmam que é mui verdadeira,
Bem como outras muitas que tem Portugal.

E para remate da heroica façanha,
Se diz que a Padeira no forno os metteu ;
Que para escarmento da gente d'Hespanha
Não só os quiz mortos, tambem os cozeu !

E mais accrescentam, que feita uma estrada
Com ossos dos mortos, mais tarde se viu ;
E como lembrando a Padeira afamada
Por mui largos annos depois existiu.

A pá formidavel, em Aljubarrota
É arma que ufanos podemos mostrar ;
É marco que indica a tremenda derrota
Que a altiva Castella cá veio buscar.

Agora que ao fim já chegou o meu conto,
Na vossa memoria completo o guardae ;
E em quanto da penna me não cahe o ponto,
Por alma dos mortos um *pater* rezae.



Así que se me va el tiempo y el día
Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día

Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día

Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día

Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día

Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día
Y me va el tiempo y el día y el día

D. JOÃO D'EÇA

Foi nos *Annaes de D. João III*, por Fr. Luiz de Sousa, publicados pelo Sr. Alexandre Herculano, onde colhi objecto para fallar de *D. João d'Eça*.

'Naquelles tempos de portugueza gloria, succediam-se os combates navaes nos mares das Indias, e de longe em longe vinha um dia em que as nossas quinas não tremulassem no tope de um parau ou de uma fusta asiatica, e em que um capitão portuguez não ornasse a fronte de louros e não insculpisse o nome no livro da immortalidade.

Portugal era então vigoroso! Deixára a adolescencia no reinado de D. Fernando, para dar seu primeiro passo d'homem feito, conquistando Ceuta em tempo de D. João I, para abrir as portas de novos mundos á velha Europa que os não conhecia, para brandir a lança, a espada e o montante, e para por elles se fazer temido em todo o orbe.

Hoje, velho cansado, aquece os frios membros ao sol de sua gloria!..

Tudo tem infancia e morte.

Na pagina 247 dos citados *Annaes* diz Fr. Luiz de Sousa: « É na verdade foy huma batalha na-
« val das bem pelejadas que ouve na India ».

Apropriado me pareceu o consagrar alguns versos ao vencedor do notavel mouro china Cutiale.

'Neste presupposto, escrevi o *D. João d'Eça*.

~~~~~

Portugal em milão vigia o Brasil e a Índia  
conceito no tempo de D. Fernando, para dar um  
primario passo d'homenagem, propriamente  
dizem em tempo de D. João I, para dar os por-  
tos de navegação a velha Europa, e os mares  
conhecidos, para expandir a lingua, e a cultura  
monarchica, e para dar elles se fazer tambem  
toda a obra.

## D. JOÃO D'EÇA

REINADO DE D. JOÃO III

1529

---

A Lopo Vaz de Sampaio,  
Homem d'acção e valor,  
De mouros açoute e raio,  
Dera o governo das Indias  
D. João, nosso senhor.

Para de mouros corsarios  
Os nossos mares limpar,  
Tinha os meios ordinarios  
Que 'nesses tempos de brio  
Costumavam empregar.

Paráos, fustas e almadias  
Para as costas escorrer,  
Mosquetes para agomias,  
Para os alfanges, espadas,  
E braços p'ra combater.

---

Era nos mezes do estio  
Em que o mar é de feição,

E o numeroso gentio,  
Desde Ormuz até Ceylão,  
Costuma dar rija caça  
A todo o barco christão.

Do ancoradouro de Goa  
Nova armada vae sahir;  
Deus a leve em hora boa,  
P'ra que possa resistir  
A tantos mouros, que as ondas  
De si parecem cuspir!

Já ledos os marinheiros  
Andam na faina a lidar,  
Contentes e prasenteiros  
As proas voltando ao mar,  
E á fresca brisa da tarde  
Procurando as vellas dar.

Era d'esta linda armada  
D. João d'Eça, o capitão,  
Que com ella encaminhada  
Pelos ventos de monção,  
Cincoenta vellas aos mouros  
Tomou 'naquelle verão.

E sulcando o immenso lago,  
O bravo de Cananor,  
Para fazer mor estrago  
Foi pojar em Mangalor,  
Que destruiu, semeando  
Nos mouros susto e terror.

E, vencedor do inimigo,  
De novo se fez ao mar:  
De repente, enorme p'rgo  
Pôde na frente avistar:  
Dá de rosto com sessenta  
Vellas, de mui respeitar.

Eram do rei poderoso  
De Calecut essas naus,  
E um capitão mui famoso  
Commandava esses paráos  
Com munições, boa gente,  
E abundancia de pardãos.

O capitão, mouro china,  
Cutial' por nome tem;  
Traz comsigo gente dina,  
De feito, e limpa também,  
Que não teme os elementos,  
Os portuguezes, — ninguém!

Assim, correu para os nossos  
Como quem julga vencer,  
E não se lembra dos ossos  
Que seu officio sohe tér,  
E nem imagina o modo  
Por que o podem receber...

Travou-se rija batalha  
Como a India nunca viu!  
Nuvem de grossa metralha  
Do nosso lado sahiu,

Contra a chuva d'azagaias  
Que sobre os nossos cahiu.

Depois chegaram mais perto,  
Redobrando o pelejar,  
'Te que d'um modo mais certo  
Já se podiam mandar  
As ballas, lanças e xaras,  
Sem o receio d'errar.

Na confusa gritaria,  
Nas vozes de maldição,  
No verde mar que bramia,  
Do fumo na cerração,  
E no gemer do vellame,  
Reinava a destruição!

Cutial', mouro valente,  
Confiava em seu poder;  
Na sua briosa gente,  
Que, sem pé atrás volver,  
Pedacos seria feita  
Se não podesse vencer.

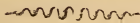
Com ser muito mais pequena  
A armada de Portugal,  
Lá tinha mais d'uma antenna  
Para enforcar Cutial',  
E bravos para vencerem  
Esse combate naval.

Duvidoso esteve o feito

Num teimoso batalhar,  
Té que os nossos pondo peito  
A proeza d'illustrar,  
Poderam na capitaina  
Denodados penetrar.

E na lucta braço a braço,  
Que sobre a tolda se f'riu,  
Qual rija muralha d'aço  
Que mil golpes repelliu,  
A nossa briosa gente  
Vencida a mourisma viu.

E, depois de haver captivo  
O valente Cutial',  
D. João d'Eça o mandou vivo  
De presente a Portugal,  
Ganhando no mar das Indias  
Mais um combate naval.



... (faint text) ...  
... (faint text) ...  
... (faint text) ...  
... (faint text) ...

... (faint text) ...  
... (faint text) ...  
... (faint text) ...  
... (faint text) ...  
... (faint text) ...

... (faint text) ...  
... (faint text) ...  
... (faint text) ...  
... (faint text) ...  
... (faint text) ...

## PEDRO ESTEVES

### O BARBADÃO DE VEIROS

---

A ideia d'esta composição suggeriu-m'a o livro do Sr. Teixeira de Vasconcellos, *Les contemporains*.

O auctor d'este livro resume com muita habilidade o que D. Antonio Caetano de Sousa tracta dilatadamente na *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*.

Nunca vi cantado em verso o justo ressentimento de Pedro Esteves, a sua offensa, a sua dôr.

Em prosa sei eu que o Sr. Antonio Pereira da Cunha romanticára o caso, no seu drama — *A Herança do Barbadão*.

Por isto, e porque a historia de Pedro Esteves nos offerece um excellente modelo de brios portuguezes, escrevi o *Barbadão de Veiros*.

Publicada a composição na *Folha do Sul*, periodico d'Evora, precedeu-a a seguinte introdução



da penna do meu amigo, o Sr. A. F. Simões, intelligente professor no Lyceu d'aquella cidade, e director de sua rica bibliotheca:

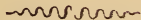
---

A poesia que hoje damos em folhetim foi-nos obsequiosamente offerecida por seu auctor para a *Folha do Sul*, onde em razão do facto que memora, tem melhor cabimento do que em qualquer jornal d'outra provincia. Agradecemos sinceramente a offerta ao sr. Barata, artista de Coimbra, que muito honra a distincta classe a que pertence, e a quem de ha muito nos ligam laços de sympathia e amizade.

É nas horas que as suas occupações lhe deixam livres que o auctor se tem dedicado com proveito á cultura das lettras, e em particular da poesia. No genero da poesia historica popular, a que pertence—*O Barbadão de Veiros*, publicou já algumas notaveis producções, que lhe grangearam merecidos elogios. Em prosa tem tambem alguns trabalhos que denotam natural ingenho e incansavel amor do estudo.

O facto, que dá assumpto ao *Barbadão de Veiros*, acha-se mais ou menos circumstanciadamente

relatado por alguns dos nossos historiadores. D. Antonio Caetano de Sousa dedicou-lhe algumas paginas da sua *Historia Genealogica*, e 'num livro recente que tamanha sensação causou em toda a Europa — *Le Portugal et la maison de Bragançe* — conta o auctor o caso do *Barbadão de Veiros*, a proposito da origem da casa de Bragança, referindo que por muitas vezes o recordavam os duques d'este titulo, como motivo de lustre e gloria para a sua familia.





## PEDRO ESTEVES

### O BARBADÃO DE VEIROS



#### I

Vêdes vós aquelle velho  
Que tão longas barbas tem?  
Que sombrio e cabisbaixo  
Por aquella encosta vem?  
Que pára, encostado á bésta,  
Como esp'rando por alguem?

Vêdes-lhe a fronte enrugada  
Na velhice prematura?  
E como as barbas corpidas  
Já mostram precoce alvura?  
E como os passos tardios  
O levam á sepultura?

Como o roble da montanha  
Que o fogo dos céos tocou,  
E que as folhas verde-escuras  
Para logo lhe queimou;  
Que sêcca a seiva da vida  
Antes de tempo murchou:

Tal o espinho da desdita  
Lhe pungiu bem fundo 'nalma...  
Tal o fogo da vergonha  
Lhe roubou socego e calma,  
E ás barbas longas e brancas  
Junctou do martyr a palma.

Lavrador dos mais honrados  
D'esta briosa nação,  
Viu um dia que a deshonra  
Lhe manchára o coração...  
Pedro Esteves é seu nome,  
Por alcunha o *Barbadão*.

Mas que pensa o moço-velho  
No profundo meditar?  
— A vingança presta ouvidos;  
Quer seu bom nome illibar:  
Que ha nodoas que unicamente  
O sangue póde occultar.

Que as manchas mais indeleveis  
E de maior duração,  
São as que a honra maculam,  
O nome e a reputação;  
E só póde uma outra mancha  
Neutralisar-lhes a acção!..

«Que tristeza, Pedro Esteves,  
«Tua alegria tomou!  
«Quando acabará a magoa  
«Que teus dias enluctou?..

— Só quando por mim for morto  
Esse que a paz me roubou!

A quem é que Pedro Esteves  
Tão feias palavras diz?  
Porque a bésta de garrucha  
Descarregar-lhe não quiz?  
— Porque atirava ao valente  
D. João, Mestre d'Aviz.

É que sempre que um só homem  
Uma espera a outro faz,  
Não sendo ainda no vício  
Endurecido e tenaz,  
Se lhe falla o inimigo  
Já do crime é incapaz!

É da natureza humana  
Esta triste condição:  
A coragem, muitas vezes,  
Afrouxa a mais forte mão:  
Este exemplo é bem frisante  
Do Mestre e do *Barbadão*.

E bem firme em seu proposito  
Da escura offensa vingar,  
*Barbadão* sahira ao Mestre  
Para contas ajustar,  
E para com sangue d'elle  
A negra mancha lavar!

Mas, qual o labéo infame

Que d'um moço um velho fez?  
Que tanto manchou o nome  
D'um honrado portuguez?  
— Vejâmos as nossas chronicas,  
Que nol-o dirão talvez.

## II

Na villa de Veiros vivia um sujeito  
Bemquisto de todos, honrado e leal,  
Com elle uma filha d'angelico aspeito,  
Que em todo o Alemtejo não tinha rival.

Por nome Ignez Pires, gentil e donosa  
Foi mui requestada com grandes paixões;  
Que nunca se vira mulher mais formosa  
Com tão grande imperio em mais corações.

Nas filas d'amantes que tinha a donzella  
D. João se alistou, que foi Mestre d'Aviz:  
Mui bem recebido e adorado por ella  
Foi elle o ditoso, só elle o feliz.

Dos ternos amores que mutuos se deram  
O fructo 'num filho ditosos os fez:  
E como lembrando os avós, lhe pozeram  
O nome d'Affonso, de Rei portuguez.

O pae d'Ignez Pires, de brios modelo,  
Bemquisto de todos, honrado e leal,  
Ao ver da deshonna em seu nome tal sello  
Maldisse seu fado, cruel e fatal.

As barbas cresceram-lhe a um ponto excessivo,  
E o povo por isso o chamou *Barbadão*;  
No rosto enrugado, no olhar pensativo,  
A dor transluzia de seu coração.

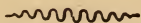
No entanto os successos levaram ao throno  
O Mestre d'Aviz, que foi Rei portuguez,  
E o homem de Veiros votou a abandono  
Projectos que tinha de morte talvez.

Os annos volveram, e da dynastia  
De D. João primeiro, já filhos não ha:  
Intrusa reinou a cruel tyrannia  
Que a *boa* Castella nos trouxe de lá.

Depois, de Bragança dos Duques o oitavo  
O mando supremo ditoso assumiu,  
E um povo gigante, que já foi escravo,  
De bens nova quadra ditoso fruiu.

El-Rei D. João quarto, d'Aviz descendia;  
De D. Ignez Pires provinha também:  
Porque de seu tronco mui bem se sabia  
O Mestre ser pae, e Ignez Pires a mãe.

O excelso Monarcha que d'elles procede,  
O sceptro sustenta da nossa nação;  
E possa na prole que o céo nos concede  
Por mui largos annos lembrar *Barbadão*.





The first of these is the fact that the  
 number of persons who have been  
 found guilty of the crime of murder  
 in the United States has increased  
 steadily since 1850.

The second fact is that the number  
 of persons who have been found  
 guilty of the crime of murder in  
 the United States has increased  
 steadily since 1850.

The third fact is that the number  
 of persons who have been found  
 guilty of the crime of murder in  
 the United States has increased  
 steadily since 1850.

The fourth fact is that the number  
 of persons who have been found  
 guilty of the crime of murder in  
 the United States has increased  
 steadily since 1850.

The fifth fact is that the number  
 of persons who have been found  
 guilty of the crime of murder in  
 the United States has increased  
 steadily since 1850.

The sixth fact is that the number  
 of persons who have been found  
 guilty of the crime of murder in  
 the United States has increased  
 steadily since 1850.

## SALVADOR RIBEIRO DE SOUSA

---

À leitura que eu fizera da *conquista do Reino de Pegú na India Oriental*, inserida no tomo 4.<sup>o</sup> das obras de Fernão Mendes Pinto, impressas em Lisboa em 1829, e a do que ao mesmo assumpto patenteia o *Anno Historico*, me demoveram a cantar os feitos grandes de Salvador Ribeiro de Sousa.

Enthusiasmaram-me as acções d'aquelle heroe!

Empenhei, pois, minhas forças em narrar os prodigios de seu valor, ignorando (de tal não córo) que o harmonioso Elpino lhe consagrara a sua ode 12.<sup>a</sup>

Sob o titulo *Massinga*, vira eu no 2.<sup>o</sup> vol. do *Romanceiro Portuguez*, do Sr. Pizarro, um romance cujo heroe era o mesmo, sendo diversa, porém, a fórma, e mais descorada, talvez, a pintura de suas acções.

Lamento que me encontrasse com Elpino e com Pizarro, pois que o meu intento foi sempre cantar aquelles que acinte o não houvessem sido;

mas estimo-o, porque bom se me offerece o ensejo de confessar que, não foi louca persuasão de melhor memorar suas obras, a mola que me impelliu a mal dizer o que outros bem fizeram, e porque posso, terminando estas linhas, dizer ao publico que me ler : que se

«Tributo de caudaes rios ãceita,

«Soberbo não rejeite

«Pobre feudo de incognito regato.»

---

AO MEU AMIGO

**JOSÉ PEREIRA JUNIOR**

---

Amizade velha, communhão no sanctuario do trabalho, identidade de pensamento em muitas cousas, ambos mineiros da civilisação nas furnas da obscuridade, justo é que vos offereça uma de minhas composições.

*Salvador Ribeiro de Sousa* faz parte d'um *Cancioneiro Nacional*, que darei á estampa um dia, quando houver cantado as façanhas de muitos

varões prestantes, que assombraram o mundo com seu valor inexcedível.

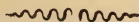
Arvore sem cultura só enfesados fructos poderei dar. Tomam-me a seiva da vida as silvas do trabalho, e ferem-me os espinhos de uma sorte avessa: não engeiteis por isso o fructo mal sazonado. A golodices não anda habituado o artista.

Os ricos de bens, os que possuem grandes haveres, podem ter fartura de manjares exquisitos: nós, os ricos de mortificações, os famintos de pão espiritual, saboreâmos tudo á força de provar os azedumes da vida!..

Somos, comtudo, mais felizes: se não havemos passageira riqueza, temos a independencia que nos vem do trabalho, e não chapeâmos de ferro a porta de nossas habitações.

Se com alguma offensa nos maculam os brios e o nome, com a penna e com o desprezo lavâmos essa mancha.

Mas, a que vêm taes ideias? A composição é para vós: que a não leiam os que a acharem acida.





## **SALVADOR RIBEIRO DE SOUSA**

**1578 a 1602**

---

O homem que no mundo herdou um throno,  
Ou muito ennobrecido ou deshonrado,  
    É bem pouco a meus olhos  
Se o não engrandecer com sãs virtudes,  
Provasdas por mil vezes nos trabalhos  
    De uma senda d'abrolhos.

Mas esse que levanta com seus feitos  
Um throno d'afeições em que se assenta,  
    Mais alto do que os seus,  
Acatando a virtude e as leis da honra,  
Amphora de crystal que o nada encerra,  
    Vale mais do que um Deus.

Sim, Deus, o Summo Bem, a Essencia Prima,  
Unico, sem egual, sem semelhantes,  
    A quem se ha de elevar?  
E o homem entre os seus, que se guerreiam,  
E uma esphera procuram em que possam  
    Mais alto dominar,

Não fará mais que um Deus, já de si Maximo,  
Se por suas acções e seu talento

Alto poder subir?

E com laços d'amor e de respeito,  
Elementos junctar dispersos, varios,  
E um throno construir?

«Talento tens em ti, em ti ha genio,  
«Portanto, aspirações que te engrandecam:

«Sobe, sobe até mim:

«Eu sou teu creador, sou Deus, sou Unico,

«E a Summa perfeição, que nunca teve

«Nem jámais hav'rá fim:

«Principio nunca tive; no infinito

«O mais alto lugar é meu imperio,

«Não posso subir mais:

«Tu, com o pensamento que te eleva,

«E com esse aspirar que em mim fallece

«Ês Deus entre os mortaes».

E foi; e foi um Deus o valoroso

O brayo portuguez a quem meus versos

Vou consagrar agora,

Que lá nas regiões que lava o Mecom,

No reino de Pegú, foi levantado

Como seu rei outr'ora.

# I

Eil-o, o valente heroe, rasgando os mares  
Na conquista de um nome e d'alta gloria!



Eil-o das ondas arrostando azares  
Para uma lauda mais juncar á historia,  
Que lá em novos climas, novos ares,  
Esforçados varões fazem notoria  
Com seus feitos, na terra ou no profundo,  
Assombrando a Asia, a Europa, o mundo!

Vae pela patria combater distante,  
Porque chega d'aqui ao oriente  
A patria amada do varão prestante,  
Que viu a luz do dia no occidente,  
E que me inspira agora e faz que eu cante  
Accções de seu valor humildemente,  
Que lyra d'altos sons nem pulso ou tenho  
P'ra bem satisfazer ao meu empenho.

Pela espada sómente protegido  
Demanda Salvador remotas plagas,  
Onde espera tornar bem conhecido  
O nome que seu é: entregue ás vagas  
Accções cogita com que seja lido  
'Té mesmo do porvir nas patrias sagas:  
E assim dobrando vae o promontorio  
Das *tormentas* chamado tormentorio.

Já passa por Sofala e por Quiloa,  
A extensa costa após de si deixando,  
E Mombaça e Melinde: para Goa  
Ao vento vae o lenho as vellas dando  
E ás correntes do mar a aguda proa;  
E em quanto com mil p'rigos vae luctando

A penna d'ouro já prepara a historia  
Para eterna fazer d'elle a memoria.

Não pára em Goa o navegante ousado:  
Mais longe o quer levar a amiga sorte,  
Que aquelle emporio com valor ganhado  
Portuguezes lá tem d'altivo porte,  
Por quem das invasões será guardado,  
Em quanto a vida não ceder á morte,  
Em quanto lá houver um só dos nossos  
E o inimigo poder não for destroços.

Assim por Anchédiva e Batecala  
A rota vae fazendo o nobre Sousa;  
Por Tanor e Coehim obriga a escalla  
E o cabo Comorim dobrar já ousa,  
Até singrar no golfo de Bengala,  
Pojando em Syrião, onde repousa  
Das fadigas do mar sempre inconstante,  
No reino de Pegú lá tão distante.

Com razoavel pretexto logo funda  
Uma casa com ar de fortaleza;  
De grossos baluartes a circumda,  
Para melhor servir á sua empresa  
De fazer guerra 'num paiz que abunda  
Em ouro e prata e muita mais riqueza,  
E poder acudir mui facilmente  
Ás nossas possessões mais a oriente.

Comtudo, carecia o bom Ribeiro  
Que da India os vice-reis o soccorressera

Com braços, munições e com dinheiro,  
Para que d'este modo ali podessem  
Alguma permanencia obter primeiro;  
E dado que os Pegús o accommettessem,  
E sua praça derruir tentassem,  
Já preso ao solo com raiz o achassem.

Estava então o reino dividido  
Em muitos regulos que a ambição perdia,  
Quando o mais poderoso e mais temido,  
E que Banhadalá por nome havia,  
Um exército ergueu mui aguerrido,  
Com o qual destruir-nos pretendia:  
Com seis mil homens mais de cem navios  
Vogavam a encontrar os nossos brios.

Mas Salvador Ribeiro que só tinha  
Remadas por christãos umas seis vellas,  
Contra essa armada que no rio vinha,  
D'alcanzias de fogo, ou de panellas,  
As manda guarnecer como convinha;  
D'escopetas, espadas e rodellas,  
De trinta portuguezes destemidos  
Affeitos a vencer, jámais vencidos.

Repontára a maré: a nossa armada  
Sobre o seu collo já se entrega á brisa;  
Já prestes cada vella é infunada,  
E cada embarcação veloz deslisa:  
Entretanto essa frota procurada  
Inda lá muito longe se devisa;

Que é na razão inversa da grandeza  
De tudo o que move a ligeireza.

Vogava contra o esto a esquadra imiga,  
Portanto, qual reptil, morosamente;  
Protege a nossa a mesma causa, e obriga  
A voar-lhe ao encontro a nossa gente,  
Que, pouca em numero, mas leal e amiga,  
Fará ver á mourisma que o occidente,  
Com ser a região que o sol occulta,  
Aos bravos filhos seus mais luz faculta:

E que, na intrepidez e na bravura,  
Sempre o sol da grandeza os alumia;  
Que nas suas acções não ha negrura,  
Porque no seu valor é sempre dia:  
Que o genio portuguez só deixa a altura  
Quando vae repousar na campa fria,  
Quando de todo a luz é apagada,  
Quando, pago o tributo, é cinza, é nada!

Já perto se avistavam: na contenda  
Se empenha cada qual com gran denodo.  
Enorme cuquiada em grita horrenda  
Aos mouros dá valor lá a seu modo;  
E sem que no ruido alguém se entenda,  
Sacrificam alli seu poder todó,  
Tinindo crizes, despedindo settas,  
Mandando ballas sobre nós inquietas.

O forte Salvador 'neste momento  
'Num diluvio de fogo os embarça;

Como nos ares dormitava o vento  
'Numa nuvem de fumo os cega e abraça;  
E auxiliado assim no seu intento  
De subjugar a mahometana raça,  
Meneando a aguda espada, a forte lança,  
Aborda a esquadra e valoroso avança.

A lucta foi tremenda! a gritaria  
Na immensa confusão, amedrontava;  
A maré, que a nós só favorecia,  
A esquadra dos Pegus prejudicava,  
Que por ser grande, nem sequer podia  
Aos nossos escapar, e abalroava;  
E, por que diga tudo em breves termos,  
Não havia, afinal, a quem vencermos!

Como despojos do naval combate  
Muitas embarcações presas ficaram,  
A que o bom Salvador não deu resgate,  
Para 'nellas mostrar nossas proezas,  
E poderem servir 'nesse remate  
Das heroicas façanhas portuguezas,  
Pelas quaes, hoje mesmo, 'nessas plagas  
Inda suspiram gemebundas vagas.

Alguns dias depois d'essa peleja  
Em que Banhadalá foi derrotado,  
Seu genro Banhalau, porque não seja  
O poder portuguez mais dilatado,  
E movido tambem de grande inveja,  
Resolve accommetter com braço armado



E prompto aniquilar completamente  
Do forte Portugal a pouca gente.

O bravo Salvador não se intimida;  
E quando certo dia a fortaleza  
Era toda por mouros já eingida,  
E lá por alta noute a natureza  
O somno dorme tão preciso á vida,  
Investe-os mais os seus, com tal braveza,  
Que dando a Banhalau primeiro a morte,  
Derrota e vence cada vez mais forte!

De victoria em victoria, dilatando  
O seu imperio foi o bom Ribeiro;  
Até que um dia, não relembro quando,  
Certo rei comarcão, por verdadeiro  
Successor do Pegú se foi mostrando;  
E, como prompto e diligente obreiro,  
Com dez mil homens a conquista intenta,  
E com embarcações cento e cincoenta.

Massinga era o seu nome; e estando perto  
Da fortaleza que o incommoda tanto,  
Porque já o seu fim tem como certo,  
Não a quer atacar sem entretanto,  
Como medida de gran tino e acêrto,  
Os idolos beijar 'num templo sancto:  
E com seus generaes a esquadra deixa,  
Para do falso deus não haver queixa.

No entanto á voga surda já navega  
Na volta d'elles Salvador brioso,

Que emquanto a devoções el-rei se entrega  
A armada lhe accommette impetuoso;  
E na breve, confusa e audaz refrega,  
O exército lhe vence numeroso,  
Não lhe valendo preces, sacrificios,  
Em tal destruição, em taes convicios.

Fugiram todos; só Massinga, o bravo,  
Que prompto alli voltou o combatia,  
Pois do nome e valor em desaggravo  
A mesma propria vida até daria  
Para d'um portuguez não ser escravo,  
E nobreza mostrar e valentia:  
Que o sorriso do labio vencedor  
É 'num exilio o mais cruel horror!

Massinga fôra o cedro que arrostava  
A furia ao vendaval que o sacudia;  
Salvador, o tufão que aniquilava  
Tudo, tudo o que mais lhe resistia!  
Assim, ao pobre rei a morte dava,  
Que o throno e as ambições ali perdia,  
Deixando o portuguez victorioso,  
Socegado, feliz e poderoso.

## II

A fama da morte do triste Massinga  
Em breve no reino se fez conhecer,  
E das injustiças dos mouros se vinga  
A Sousa offertando um extenso poder.



Ministros dos deuses, os nobres e o povo  
Suppondo que Sousa não era mortal,  
Resolvem concordes fazer um rei novo,  
Um rei que não tenha no mundo rival.

E pois que a fortuna andou sempre a seu lado,  
Com festas immensas seus preitos lhe dão,  
E pondo-lhe o nome do rei desthronado  
Massinga se chama por toda a nação:

E mais lhe accrescentam — *Quiay*-deus da terra,  
E assim o respeita já todo o Pegú,  
E até alliança perfeita, e não guerra  
Os reis solicitam d'Ová e Tangut.

Por falsos avisos, no entanto, movido  
Lhe expede umas ordens o seu vice-rei,  
Nas quaes d'esse cargo em que foi investido  
Mui prompto o exautora por mando da lei.

Submette-se ás ordens o heroico soldado!  
Que assim costumava cumprir seu dever;  
Porque preferia morrer ignorado  
A a patria dos bravos jámais esquecer.

Agora d'esse homem que tão grande exemplo  
De immensa fortuna na historia deixou,  
Sómente Alemquer inda guarda 'num templo  
A campa funerea em que alfim descansou.



## O CONDE DOS ARCOS

---

A *Semana*, periodico litterario que se publicou em Lisboa, insere a *ultima corrida de touros em Salvaterra*, do Sr. L. A. Rebello da Silva.

Assumpto achei 'nella para o *Conde dos Arcos*.

Se por um lado a soberba descripção me indignou contra as touradas; se 'num tempo em que a vontade de um homem extraordinario fazia mil reformas liberaes, antecipando e antevendo o reinado de uma nova ordem de ideias, sem curar da extincção de semelhante espectaculo, opprobrio de um povo civilisado, maravilhou-me o rejuvenescimento de um velho que pede á morte forças, para vingar 'num irracional furioso a perda de um filho.

Sublime me pareceu o quadro, e digno do pincel e da tela poetica.

Por isso escrevi o *Conde dos Arcos* que sendo publicado no *Commercio de Coimbra*, foi precedido d'esta dedicatoria:

## AOS MEUS COMPADRES

ANTONIO BERNARDINO CERQUEIRA LOBO

E

RODRIGO AUGUSTO VELLOSO

---

Uma das cousas mais bem escriptas, e descriptas que tenho visto em lingua portugueza, é, sem contradicção, *A ultima corrida de touros em Salvaterra*, do nosso accurado escriptor Rebello da Silva. Escusado é, pois, encarecel-a aqui com elogios sem força. Mereceu as honras de ser vertida em francez por Mr. Fournier, e isto não é pouco.

No meu empenho de cantar em pobre metro as lendas e tradições da patria, os feitos e as acções homericamente heroicas de nossos maiores, acordou-me a vontade de poetar o magnifico escripto a que vou alludindo. Mas que? Achei-me de repente mettido 'numa camisa de onze varas, como vulgarmente se diz, 'numa como ensanguentada tunica de Nessus, que me apertava a vontade sem poder esmagar o meu intento. Era forçoso, por tanto, cantar *A ultima corrida de touros em Salvaterra*.

Dizer-vos o que soffri na incubação (relevae o termo) do *Conde dos Arcos*, fôra, além do inutil, desnecessario, porque bem conheceis as innumeras bellezas com que o primoroso escriptor adornou o soberbo quadro, e bem sabeis tambem a que finos traços, a que delicados adornos se presta a prosa, quando mão habil lhe ordena que descreva, e pinte.

São vantagens da prosa sobre a poesia, que só desconhecerá quem nunca fez um verso.

Sobreleva vantagens, é certo, a poesia; mas 'num estilo apanhado, vigoroso, conciso; 'num estilo axiomatico.

A poesia campeia altiva na região do pensamento; como locomotiva a grande velocidade vôa de uma ideia a outra; as suas estações intermedias são as nugas que despreza.

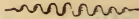
A prosa não é assim; tudo descreve, contempla, esmiuça; como escalpello em mão de intelligente operador, descobre o musculo mais recondito, a veia mais delgada.

Não póde a poesia, com o onus da rima, com o numero de versos para cada estrophe, especializar como a prosa; e d'aqui me veio o grande receio que tive de não fazer cousa que se lesse.

Se me não illudo, creio que podia ser menos feliz; por isso vos offereço esta composição, que,

se não fôr digna de vós, não será, comtudo, indigna de um artista.

Não é perfeita, porque a não pôde ser: tem defeitos, talvez erros; mas, aquelles, acceitae-os como pecha inherente ás obras do homem, e estes, considerae-os como cifra commercial, ou marca da casa.



## O CONDE DOS ARCOS

REINADO DE D. JOSÉ

---

### I

El-Rei D. José primeiro  
Governava em Portugal;  
Apesar de que as beatas  
E a fidalguia, em geral,  
A meia voz murmuravam  
Que era o Marquez de Pombal.

E a razão que apresentavam  
Para do Rei murmurar,  
Era que o nobre Ministro  
No *throno* estava a reinar,  
Porque o Monarcha indolente  
Estava ao *torno* a tornear.

Isto diziam os imigos  
D'El-Rei D. José primeiro,  
Porque sabiam do gosto  
Que o Rei tinha em ser torneiro;  
E... não sei; até as honras .  
Lhe davam de um bom toureiro.



Mas, deixando os maldizentes  
Em seu eterno ralhar,  
Corrâmos a Salvaterra,  
Que ha lá festa d'assombrar;  
'Té o Rei, com toda a côrte,  
Á funcção não quiz faltar.

Uma corrida de touros,  
Raça andaluza de lei,  
Attrahe grande concorrência,  
De terras que nem eu sei!  
Convida toda a nobreza,  
Chama a côrte e chama o Rei!

O pequeno amphitheatro  
Ninguem mais póde conter;  
Os trages, na côr diversos,  
É cousa linda de ver;  
;Pois as bellas portuguezas?  
Mal se podem descrever.

Os Forcados e os Capinhas  
Que bem vestidos estão!  
Seus fatos á castelhana  
Airoso garbo lhe dão:  
Cabellos bem penteados  
Capa vermelha na mão.

Cavallos e cavalleiros  
Nunca se viu cousa assim!  
Os brasões de seus maiores  
Na gualdrapa do sellim,



A espada em forro de prata  
Pende de rico telim:

Velludos, rendas e cassas;  
Seda e ouro em profusão;  
Penachos de finas plumas  
Tremem pendidos ao chão;  
Muita alegria nos rostos,  
Muita fé no coração:

Muita firmeza nas sellas,  
Em muitos peitos valor;  
Nos homens muita loucura,  
E nas bellas muito amor:  
Tal essa gente aguardava  
Um drama de pranto e dôr!

## II

negativis o negativis

Já resoam charamelas,  
 Á tribuna El-Rei chegou,  
 E 'num viva immenso, unísono,  
 A multidão o saudou.

1100105 011070 2 0000000000

Em seguida, um cavalleiro  
Galopando, a arena entrou;  
Circumdou-a com mestria,  
E, em certo ponto, quedou.

A um rosto que um véu cobria  
Os negros olhos mandou;

Sorriu-se, e da mão da bella  
Uma rosa ao chão tombou.

Deu de esporas ao ginete  
Que, como a setta, voou;  
E ao passar junto da rosa  
Na lança destro a tomou.

Depois, em meio d'arena,  
Sustendo a brida, estacou;  
E, volvendo á dama os olhos,  
Como de pedra restou.

Quem seria o cavalleiro  
Que a donzella cortejou?  
E quem seria a formosa  
Que velada se mostrou?

Se o sabia o cavalleiro  
A ninguem o divulgou:  
Como a pomba occulta o ninho  
O seu amor occultou.

Elle, era o Conde dos Arcos,  
Que amor á bella jurou:  
Progenie dos Marialvas  
De quem o valor herdou

Vestido á Luiz quatorze,  
De lucto se apresentou.  
Seria agouro sinistro?  
Jesus! alguém o pensou...

Abriu-se a porta do curro...  
Um touro na praça entrou  
Na mais rapida carreira...  
Mas, de repente, parou.

No cavallo e cavalleiro  
Os igneos olhos fitou;  
Depois, retrahindo um pouco,  
Fero mugido soltou.

E, precípite correndo,  
Ao cavalleiro voou;  
Que, premendo-bem a farpa,  
Sobre o arção mais se firmou.

Momentanea anciedade  
De todos se apoderou,  
Até que o Conde dos Arcos  
No touro a farpa cravou,

E lesto sobre o ginete  
Do touro se desviou,  
Ao som de um brado tremendo  
Que pela praça troou!

Imponente na agonia,  
O boi a terra escarvou;  
E, mugindo ferozmente,  
Como em lethargo ficou.

D'essa inacção dolorida  
Presto o Conde o accordou;

Na corrida, a farpa aguda  
Pela frente lhe roçou.

Sobre o Conde desgraçado  
O boi se precipitou...  
E, 'num és não és, cavallo  
E cavalleiro prostou!

Depois, nas pontas agudas  
O pobre moço tomou,  
E, sacudindo-o com força,  
Aos ares o arremeçou...

O corpo desceu á terra,  
Mas não mais se laventou...  
E o touro da côr da noute  
Vencedor então urrou.

### III

Quem será aquelle vulto  
Que ao cadaver insepulto  
Tanto aperta e beijos dá?  
É o velho Marialva,  
Conheço-o na fronte calva  
E nas barbas brancas já.

É o pae do desditoso  
Que seu ultimo repouso  
Na tourada veio achar;

É seu pae, que allivio sancto  
Encontra no ardente pranto,  
Antes que o possa vingar.

Guerreiro de D. João quinto!  
Mostra valor não extincto,  
Não succumbas, velho, não!  
Que o sangue de um filho amado  
Fumega por ser vingado  
Do pae pela propria mão!

— Vede o velho, ao chão pendido,  
Como se apruma, aquecido  
Na febre de interna dôr!  
E se um filho á terra desce,  
Como um pae rejuvenesce  
Pelo paternal amor!

Eil-o! já empunha a espada  
Ha pouco por elle dada  
Ao filho que tanto amou:  
Lá toma a capa escarlate  
Para entrar 'nesse combate  
Em que seu filho expirou.

Eil-o ahi vae! já não parece  
Um homem que não aquece  
O sangue que as veias tem;  
Erguida a cabeça altiva,  
Parece uma estatua viva  
Que automatica alli vem!

Parece que a natureza  
Lhe deu graça e deu belleza,  
Coragem, garbo, vigor;  
Tem as barbas côr de neve,  
— Mas o andar airoso e leve,  
— Mas do mancebo o valor!

Na direita a aguda espada,  
Na esquerda a capa incarnada,  
Ao touro vae o Marquez:  
Á furia lhe furta o alvo,  
E adiante, são e salvo,  
Lhe surge por muita vez!

Arqueja e espuma raivoso  
Cada vez mais furioso  
O corpulento animal;  
E o alvo sempre a escapar-lhe!  
E o Marquez sempre a acenar-lhe,  
Em lucta tao pouco egual!

De repente, Marialva,  
Descobre a fronte já calva,  
Bate as palmas, corre ao boi:  
O touro, de um pulo, avança...  
Co'a espada o Marquez o alcança  
Porque ao encontro lhe foi;

Sustendo-lhe a furia brava  
Detraz da nuca lh'a crava  
E dá com o boi no chão:

E em quanto seu filho abraça,  
Rebenta por toda a praça  
Estrondosa acclamação!

E o Marquez de Marialva  
Limpando a fronte já calva,  
Vencedor era a final:  
Da arena desvia os passos;  
Mas, 'nisto, cingem-no uns braços...  
— Era o Marquez de Pombal.

#### IV

Consta, por fim, que o Ministro  
D'El-Rei D. José primeiro,  
Fallando de tal sinistro,  
Dissera assim ao Toureiro:  
(Na phrase da fidalguia  
Que o Monarcha aborrecia.)

— Senhor! declaram-nos guerra!  
— Poupe os vassallos leaes:  
— Lançar homens a animaes  
— Não é de bem avisado.

« Marquez! estou emendado;  
« Nunca mais em Salvaterra  
« Haverá touradas reaes.»





Il est question de l'histoire  
de la ville de Paris  
et de son développement.

Il est question de l'histoire  
de la ville de Paris  
et de son développement.  
Il est question de l'histoire  
de la ville de Paris  
et de son développement.

Il est question de l'histoire  
de la ville de Paris  
et de son développement.  
Il est question de l'histoire  
de la ville de Paris  
et de son développement.

Il est question de l'histoire  
de la ville de Paris  
et de son développement.  
Il est question de l'histoire  
de la ville de Paris  
et de son développement.

Il est question de l'histoire  
de la ville de Paris  
et de son développement.  
Il est question de l'histoire  
de la ville de Paris  
et de son développement.

## D. PEDRO AFFONSO

---

Ainda do *Anno Historico* tirei o espirito d'esta composição.

D. Pedro Affonso fôra um homem dos mais notáveis no reinado do nosso primeiro Rei.

Educado por Egas Moniz, conjunctamente com seu irmão Affonso, temperou e aferiu os sentimentos de sua alma pelos do mestre, sahindo não menos delicado e brioso cavalleiro pela educação, do que esforçado pelo nascimento.

E, em verdade, que melhor eschola não podia ter para consumado guerreiro!

Ao lado de um homem corajoso para quem o condado de Portugal era lemitadissimo campo a suas ambições, uma serie de victorias lhe patenteava a senda do renome, da fama, da immortalidade.

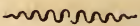
Destemido em Trancoso, valente em Santarém, experimentado, vigilante e generoso no cêrco e tomada de Lisboa, D. Pedro Affonso ele-

vou-se a uma altura para que se não olha sem respeito.

Não foram seus cuidados sómente dilatar o ninho da aguia que a olhos vistos crescia e implumava, para mais tarde desferir audacioso vôo em busca de terras desconhecidas, mas implantar no solo portuguez a cruz de Christo, como arvore a cuja sombra medrassem todas as instituições proveitosas á humanidade.

Assim, essa grande fabrica de Alcobaça, ainda hoje arruinada representante das necessidades de uma época, por seus esforços se fundava, crescia, prosperava.

Complete Mariz estas considerações; «...depois de muitas cavallarias, que em ajuda d'El-Rey seu irmão fez, entrou em a Religião de S. Bernardo, no Mosteiro de Alcobaça, onde morreu, e está sepultado.»



## D. PEDRO AFFONSO

25 D'OUTUBRO DE 1148

---

### I

Reinava o primeiro Affonso  
No breve reino que herdára,  
E 'naquelle que á mourisma  
Com seu valor conquistára.

Lisboa, a nobre cidade,  
Pelos mouros ainda estava,  
Apesar do estreito cêrco  
Que de perto a ameaçava.

Era pedra preciosa  
Que muita gente invejava,  
E que d'Affonso primeiro  
Inda na crôa faltava.

Assim do Tejo a princeza  
Por mar e terra cercada,  
Aos nossos por cinco mezes  
Resistiu sem ser entrada.

Mas ao cabo d'esse espaço  
Sulca o Tejo extranha armada,  
E Lisboa, a forte, a grande,  
É prestes a ser tomada.

Antes, pois, que nossas quinas  
Alli sejam exalçadas,  
Cousas diremos do cêrco  
Que devem ser memoradas.

## II

Pedro Affonso, afamado guerreiro,  
Foi d'Affonso um irmão natural,  
D'esse bravo que foi o primeiro  
Rei, que teve este bom Portugal.

Nas batalhas, d'Ourique e Trancozo,  
E depois no tomar Santarem,  
Por seu Deus fez seu nome famoso,  
Por seu rei combatendo tambem.

De Lisboa no cêrco lembrado  
Commandava, num troço d'heroes,  
Como o sol 'nesse espaço azulado  
Manda e guia cardumes de soes.

Com seu braço valente impedia  
Que algum fosse a mourisma ajudar;  
Pois que a gente do Algarve podia  
Soccorrel-a por terra ou por mar.

Noute escura, sem lua, sem 'strellas,  
Quem os campos iria correr?  
Quem dispensa o brilhar e luz d'ellas,  
Quem deseja cumprir seu dever:

Quem na sella ou na espada encostado,  
Breves somnos costuma dormir;  
Quem é d'elles tambem despertado  
Se ouve d'armas um leve tinir:

Quem nasceu para ser um guerreiro,  
Quem foi typo de brio e valor,  
Quem irmão foi d'Affonso primeiro,  
Quem nasceu para ser vencedor.

### III

Ferrea ponte levadiça  
Foi além ao chão lançada;  
Tropel confuso de vozes  
Quebra da noute a callada.

São trinta mouros que sahem  
De Lisboa em arrancada,  
E livram donosa moura  
De ser breve captivada.

Não galopam, correm, voam,  
Por sobre hervosa esplanada,  
Acicates nos ginetes  
Respiração abafada.

Ondeia ao vento da noute  
A madeixa desatada ;  
Enfunam-se as vestes largas,  
Pelo vento, vae levada.

Ai quem fôra leve brisa  
Que nos ares te levára !  
Ai quem fôra subtil zephyro  
Que nas roupas te brincára !

Ou quem fugitivo gamo  
Perseguido na caçada,  
Que te colhêra, donzella,  
Linda moura enamorada !

#### IV

As aves gorgeliam nas balsas sombrias,  
Os crepes da noute já rompe a manhã;  
E ao som d'esse côro de mil harmonias,  
A moura já entra na tenda christã.

Captiva dos nossos, com joias, com ouro,  
A esposa formosa do infiel Cide Achim,  
Soltando gemidos, vertendo gran chôro,  
Queixosa dizia lamentos assim:

«Não quiz o destino que eu fosse ditosa,  
«Que os ferros do exilio podesse evitar,  
«Não quiz que á matança, talvez horrorosa,  
«A filha do mouro devesse escapar.



«Guerreiro de Christo, salvae a donzella,  
«Da negra deshonra, da morte talvez...  
«Daixae que eu procure um abrigo em Castella,  
«E o nome beindiga do heroe portuguez.

«A cruz por instantes derriba o crescente;  
«Lisboa mal póde seus muros guardar;  
«E a filha d'Ulysses, antiga e potente,  
«Submette-se ás forças da terra e do mar.

V

E das bandas de Lisboa,  
Inda mal se distinguia,  
Um certo ponto avultava  
Quanto mais perto se via.

Correu, chegou; e já perto  
O vulto se conhecia,  
Era um mouro dos Algarves  
Que Lisboa defendia.

Abastado nobre moço,  
Cide Achim por nome havia;  
Namorado louco amante  
Após da moura corria.

— Como d'alva a branca estrella  
Nos premostra a luz do dia,  
Más novas um peito amante  
Quasi sempre as annuncia..

Mas nas graças da ventura  
Que o coração presagia,  
Erra, mente; e quantas vezes  
Muda em prantos a alegria!

— Quem penetra taes segredos?  
Quem entende esta harmonia?  
Esta esp'rança e desenganos  
Que nos são fanal e guia?

Este sempre anhelar íntimo  
Que a mente nos alumia?  
Este antever mysterioso  
Que nos segue á campá fria?...

.....

À tenda de Pedro Affonso  
Cide Achim seus passos guia,  
E, curvando-se a seu modo,  
Taes palavras lhe dizia:

«Pelas luas do propheta  
«Não ha muito combatia;  
«De Lisboa os vastos muros  
«Com meu ouro abastecia.

«Mas no ceu de minha vida  
«Um astro resplandecia!  
«Mas no calor do combate  
«Esta mulher me sorria!

«Dae-lhe vós a liberdade  
«Para seguir sua via,  
«Que minha adaga e alfange,  
«Contra vós jámais se afia.

«Pois a gente assoldadada  
«Que a meu mando obedecia,  
«Em lhe faltando o meu ouro  
«Logo perde a valentia.

---

Aceitou D. Pedro Affonso  
Tudo o que o mouro pedia,  
E Lisboa, a forte, a grande,  
Pouco depois se rendia.

Não, comtudo, sem combate  
Que nos deu a mouraria,  
Concedendo um nome eterno  
Aos christãos 'naquelle dia.

---

Depois do que dicto já fica em meus versos,  
Agora mui pouco se póde augmentar:  
Porém alguns factos que ainda andam dispersos,  
As cordas da lyra farão relembrar.

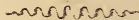
Tomada Lisboa como é, pois, sabido,  
A França D. Pedro brioso passou;

Alli fez na guerra seu nome temido,  
E o ser Par de França tambem alcançou.

Depois, já de volta, foi mui festejado  
Por todos os homens do nosso paiz;  
E até para prova de ser respeitado,  
Foi mestre primeiro da Ordem d'Aviz.

Mais tarde Alcobaca, mosteiro grandioso,  
No gremio tal homem gostosa contou;  
E em mil cento e tantos, já bastante edoso,  
Alfim sanctamente seus dias finou.

E visto que a historia é a luz da verdade,  
Convém que bem todos a devam saber;  
Que o pae da familia, na mais tenra edade,  
A filhos e a netos a faça aprender.



## O CONSORCIO MYSTERIOSO

---

Um dos pontos controvertidos de nossa historia é o casamento de D. Pedro I com D. Ignez de Castro, na Sé de Bragança, e annos depois, feito publico em Cantanhede.

No *Anno Historico*, repositorio animador de brios nacionaes, embatem-se opiniões que o affirmam e que o negam, e no tomo I das obras de Fr. Francisco de S. Luiz, pag. 209, diz o notavel critico: «Reflectiremos tamsómente que o casamento d'aquelle Principe com D. Ignez he ainda hoje um facto problematico, e a sua nullidade (se o houve) quasi decidida. Até parece, que o mesmo Rei D. Pedro reconheceu esta nullidade, pois supplicou ao Papa Innocencio VI a dispensação dos impedimentos, e a legitimação dos filhos que lhe foi denegada. E esta foi a nosso juizo, a verdadeira causa porque elle demorou tres annos a declaração publica do mesmo casamento, fazendo-o sómente quando perdeu a esperanza da graça

Pontificia, sem ter perdido o amor a D. Ignez, nem o capricho de a fazer Rainha, valesse o que podesse valer.»

Depois de palavras tão auctorisadas, falso parece o casamento em vida, da linda e desditosa Ignez: mas, verdadeiro ou falso, historia ou lenda, assumpto é d'amorosa poesia, e de crenças populares, que bom será não deixar morrer.

As crenças de um povo são o dique de suas febrís paixões, como podem ser poderoso estímulo a grandissimos feitos.

## O CONSORCIO MYSTERIOSO

1335

A PEDRO JOSÉ DA CONCEIÇÃO

---

### I

Portas da Sé de Bragança  
Abertas de par em par  
Às horas mortas da noute!  
Que quer isto denotar?  
Brandões accesos lá dentro  
Antes do dia raiar!

Será que os mortos pretendam  
Suas funcções lá fazer?  
Ou algum de seus peccados  
Da campa os fizesse erguer?  
Ou serão almas penadas  
Que perdão não podem ter?

Mas os mortos não se movem;  
Os mortos falla não têm;  
E dous d'elles em conversa



Dizem que esperam alguém:  
Um traja como fidalgo  
Mas o outro de bispo vem.

Um terceiro accende as velas  
Que dão luz ao altar mor;  
E nem mais um'alma viva!  
Sombras sómente em redor,  
E algum echo murmurante  
'Num ou 'noutro corredor...

Quem, pois, explica o motivo  
De tão grande madrugada?  
E para que é tanto lume  
Que se accende em cada altar?  
E as portas do velho templo  
Se abriram de par em par?

## II

Na Sé de Bragança  
Dous vultos entravam,  
Os braços se davam  
'Num laço d'amor,  
E sem mor tardança  
O par mysterioso  
Sorrindo' ditoso  
Orava ao Senhor.  
Veludos custosos  
O homem trajava,

No rosto inculcava  
Mui nobre altivez;  
Cabellos formosos,  
Olhar penetrante,  
Perfil insinuante  
De rei portuguez.

Prenuncia do dia,  
Qual lucida estrella,  
A linda donzella  
Encanta, seduz;  
Da egreja sombria  
Vão trevas fugindo,  
Que o seu olhar lindo  
É dia, dá luz!

Ao bispo da Guarda  
Por nome D. Gil,  
Esse par gentil  
Seus passos guiou;  
O bispo os aguarda  
Já paramentado,  
E em laço sagrado  
As mãos lhe junctou.

Depois de casados,  
Reciproca sorte  
Na vida e na morte  
Juraram os dous,  
E mui descuidados  
Da vida futura,

Sorrindo ventura  
Sahiram depois.

O bom do prelado  
E Estevam Lobato,  
Sem mais apparato  
Seguiram tambem:  
O dia era nado;  
Fechára-se o templo,  
E do amante exemplo  
Não soube ninguém.

### III

O fim desgraçado da amante formosa,  
Não devo em meus versos ao mundo narrar,  
Camões o cantára na lyra famosa,  
Na lyra que o genio sohia afinar.

Condor atrevido, 'num vôo sublime  
De Ignez á desdita conquista o porvir;  
Em verso magoado que a dor só exprime,  
Quem póde com elle seus vôos medir?

### IV

Uns seis annos depois, em Cantanhede,  
Se achava então o rei de Portugal;  
De Sancta Cruz de Coimbra, mui adrede  
Alli mandára ter o seu Geral.

Os prelados que havia em redondeza  
Sem grande dilação mandou chamar,  
Um convite tambem fez á nobreza,  
A quem segredos seus quer divulgar.

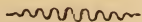
E D. Pedro, o *cruel*, o *justiceiro*,  
Seu consorcio alli notorio fez;  
Pois que sem inda ser Pedro primeiro  
Desposára em Bragança a bella Ignez.

Em seguida, prestando juramento,  
No evangelho pousou a regia mão,  
E mandou que 'num publico instrumento  
O devesse saber toda a nação:

Que o D. Prior dos Cruzios, o fizesse  
Na igreja do Mosteiro publicar,  
Nos estudos e Sé tambem se lesse,  
Para a toda a nação poder constar.

V

A lenda ainda diz, que se alguem duvidasse  
Da sua palavra de rei portuguez,  
Com seu azorrague e com elle contasse,  
Que a mais duvidar não tornava talvez.



It is probable that the same result  
will be obtained in all cases where  
the same conditions are present.

It is also probable that the same  
result will be obtained in all cases  
where the same conditions are present.

It is also probable that the same  
result will be obtained in all cases  
where the same conditions are present.

It is also probable that the same  
result will be obtained in all cases  
where the same conditions are present.

It is also probable that the same  
result will be obtained in all cases  
where the same conditions are present.

It is also probable that the same  
result will be obtained in all cases  
where the same conditions are present.

It is also probable that the same  
result will be obtained in all cases  
where the same conditions are present.

## SOROR ROSIMUNDA

---

No *Portugal* de Ferdinand Denis, paginas 10, e no *Agiologio* de Cardoso a folhas 46 do tomo 1.<sup>o</sup>, colhi eu o thema para ensaiar um genero de poesia antiga: o Soláo.

Rosimunda é, pois, uma estreia, e 'nesta qualidade, imperfeita.

Este Soláo, já impresso 'num opusculo meu, é de novo dado á estampa por acompanhar estas composições, cuja natureza tem.

Soror Rosimunda, a virtuosa Abbadessa d'Arouca, obsecrando ao céo o triumpho das armas do Conde D. Henrique, contra as do Rei mouro de Lamego, é, na verdade, assumpto digno da poesia.

E se já na infancia, Portugal vivia das crenças que tinha, que muito que hoje em dia, invalido, recorde as obras d'então e viva d'ellas?

---





## SOLÃO

Ao illustrissimo e excellentissimo senhor

EZEQUIEL DE PAULA SÁ PREGO

---

## ROSIMUNDA

OU A ABBADESSA D'AROUCA

---

### I

Quem bate, quem bate ás portas  
D'esta casa do Senhor?  
— É o Conde D. Henrique,  
Vinde-as abrir por favor;  
É de todas as Hespanhas  
O mais nobre campeador.

Assim respondia  
Um gentil donzel,  
E que parecia  
Filho d'Ismael.

— Nós só temos orações  
P'ra lhe poder offertar;

Pobres freiras, mal podêmos  
Um tal senhor gasalhar:  
Pobres freiras, peccadoras,  
Que lhe havemos nós de dar ?

Assim respondia  
Lá dentro uma voz,  
E a porta se abria  
Brandamente após.

## II

— Abbadessa Rosimunda,  
Qu'rida serva de Jesus;  
Por ver vossa sanctidade  
A caminho aqui me puz;  
Por levar a vossa benção  
Neste estandarte da cruz.

Ámanhã rija batalha  
Á mourisma se ha de dar;  
Ámanhã em lide honrosa  
Ha de esta cruz triumphar:  
Ámanhã, mas hoje quero  
A vossa benção levar.

No templo entraram,  
No templo entrou  
O Conde Henrique,  
Prostrado, orou,  
E Rosimunda  
O abençoou.

III

Adeus convento d'Arouca,  
Adeus belleza tambem;  
Adeus minha Rosimunda,  
Adeus qu'rida, adeus meu bem:  
Adeus minha Rosimunda  
«Minha, sim, de mais ninguem.

D'est'arte fallava  
Um mouro gentil,  
Que apenas entrava,  
Da vida no abril.

Vou prêso por teus encantos,  
Minha vara de condão;  
Cegou-me a luz de teus olhos,  
Minha primeira affeição:  
Cegou-me o brilho da graça  
Que tens no teu coração.

D'est'arte fallava  
Um mouro gentil,  
Que apenas entrava  
Da vida no abril.

Toda moura é minha estirpe,  
A tua é toda christã;  
Mas vem tu da minha vida  
Ser a aurora da manhã,  
Mas vem tu ser minha esposa,  
Abbadessa tão louçã!

D'est'arte fallava  
Um mouro gentil,  
Que apenas entrava  
Da vida no abril.

IV

D. Henrique, o nobre Conde,  
Quando viu tamanha dôr,  
Disse ao mouro que a abbadessa  
Já lá tinha o seu amor;  
Disse ao mouro que a abbadessa  
Era esposa do Senhor.

Ai pobre de ti, coitado!  
Que não podes ser amado.

E a abbadessa Rosimunda,  
Ao saber de nova tal,  
Tambem disse ao que nos braços  
Acalentou Portugal,  
Tambem disse ao nobre Conde:  
— Rosimunda pensa em al.

Não desanimes, coitado!  
Talvez possas ser amado.

V

E á porta do seu convento,  
Que rescendia a alecrim,  
A freira co'as irmãs suas

Ao mouro fallava assim:

« Mouro, dissei-me a verdade,

« Qu'reis perder a liberdade?

« Por esposa qu'reis-me a mim?

— São esses os meus desejos,

São esses, amado bem;

Por esposa a vós sómente,

Por esposa a mais ninguem.

## VI

Deu-lhe a mão, e para a egreja

A abbadessa o conduziu,

E depois com taes palavras,

Ao mouro se dirigiu:

«Para esposa me escolheste,

«Mas, pois que mouro nasceste,

«A sorte nos desuniu:

Faz-te, mouro, renegado,

Talvez possas ser amado...

«Abraçae os bons preceitos

«De Jesus, meu Redemptor,

«E eu serei a vossa esposa,

«Dar-vos-hei divino amor,

«E assim, junctos viveremos

«Na fé sancta do Senhor!

E o mouro, p'ra ser amado,

Teve de ser renegado.



## ESPINHOS E LOUROS

---

Quando em 1861 Coimbra acordava as comemorativas festas do 1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1640, e no Theatro de D. Luiz I se ensaiava o drama do Sr. Mendes Leal — *O dia da Redempção*, a ideia me occorreu de escrever uma poesia em que, resumidamente, se tocassem todos os pontos capitaes da calamitosa quadra de vida, que Portugal viveu desde a fatalissima jornada d'Africa, em 1578, até á completa expulsão dos Castelhanos em 1640.

Com o titulo *Espinhos e Louros* a escrevi, e tencão havia de a ir declamar no mesmo Theatro: mas, o homem põe e Deus dispõe — As festas da independencia portugueza não se fizeram, e o Theatro não se abriu em tal dia...

O halito da morte bafejára o mais querido dos Reis Portuguezes, e D. Pedro V, entrava no abril da existencia, cadaver frio, no jazigo de seus avós, em S. Vicente de Fóra...

A poesia não se recitou. Um anno depois, em 8 de Maio de 1862, o rei do lyrismo portuguez, o



Sr. Antonio Feliciano de Castilho, convidava os mancebos academicos da Universidade, esses que alimentavam em seu peito o sagrado fogo da poesia, para um *Saráo poetico* a que presidíra no Theatro Academico.

Por convite de Sua Excellencia, assignado pelos Secretarios do Theatro, os Srs. Rodrigo Veloso e Jeronymo Pimentel, accorri ao chamamento, ao obsequioso convite; e lá, entre doze ou mais estudantes, recitei a poesia — *Espinhos e Louros*.

Era um caso novo desde que se fundára aquelle Theatro, porque pela lettra de seus Estatutos só 'nelle podiam declamar os que fossem academicos, os empregados maiores da Universidade, ou os actores de fama europeia, e eu estava fóra do espirito da lei; era um artista.

O modo porque alli me houve, disseram-no os periodicos d'esse tempo, sendo do *Commercio de Coimbra* estas palavras: «... se não fôra uma dama e um artista que acompanharam o nosso poeta, ...o *fiasco* seria ainda maior...»

Relevem-me o que ahi deixo dicto de mim, que não é vaidade ou immodestia, mas o desejo de animar meus collegas a iguaes trabalhos, á conquista de uma posição melhor na esteira social em que a sorte os lançou.

## ESPINHOS E LOUROS

1.º DE DEZEMBRO DE 1640



### I

Valente o moço Rei, co'a mocidade  
Do nobre Portugal, correrá ás armas,  
E d'Alcacer-Kibir aos quentes plainos  
Rápido vôa.

Investem feras mahometanas filas;  
No curvo alfange tine a espada rija;  
E um sceptro, c'roa e Rei alfim sepulta  
Torrida areia!..

Não vimos a victoria. A louca fama  
Pelo mundo correu, disseminando  
A nova da jornada, com sentidas  
Funebres vozes.

E as sanctas quinas, em que o mundo absorto  
Mil vezes Portugal saudado havia,  
Rôtas, batidas, o africano solo  
Subito varrem...

Do sangue portuguez lá derramado,  
Da areia ardente que o bebeu sequiosa,  
Para os vencidos os grilhões fundiram  
Barbaros mouros...

Converte o bac'lo em sceptro D. Henrique,  
Da mitra c'roa faz, ao throno sóbe;  
E da nau do governo toma o leme  
Tremulo braço.

Ai, pobre Portugal armipotente!  
Já foste grande e forte, e já temido,  
E em cambio d'isso só terás em breve  
Lagrimas tristes...

## II

Expirára D. Henrique  
E com elle Portugal;  
A maga estrella d'Ourique,  
De tantos brios fanal,  
Escondia o rosto lindo...  
Era um agouro fatal!

Do velho Rei que expirára  
Nenhum filho nos ficou;  
Que a morte, com mão avara,  
Orphandade decretou  
A um povo que fôra grande,  
Que a dous mundos abarcou.

As cruas leis de um mau fado  
Era forçoso cumprir;  
Foi venturoso o passado,  
Como seria o porvir?  
Talvez noute tenebrosa  
Sem nenhum astro a luzir!

E assim foi! Em sessent'annos  
De captiveiro cruel,  
Com mão larga esses tyrannos  
Nos deram a beber fel...  
E enganando nossa esp'rança,  
Castella foi infiel.

Promettêra a autonomia  
D'esta nação respeitar,  
Os foros e a regalia  
Já d'aquem, já d'além mar,  
E de nos dar mão d'amiga  
Bem alto o disse em Thomar.

Mas promessas de Castella  
Todas foram desleaes;  
Portugal falle por ella  
E mostre d'isso os signaes,  
Nas laudas da sua historia  
Para a Hespanha tão fataes.

Mostre claro, ao mundo inteiro,  
Seu arbitrario poder,  
Quando, fero e justiceiro,  
Cruel em seu proceder,

Esse Leão de Castella  
Nos veio a morte trazer.

Aceitámos coagidos  
Essa fatal união,  
Para sermos opprimidos  
Na mais atra escravidão...  
E captivos sessent'annos,  
Em poder d'essa nação!

O pêso de mil tributos -  
Não podémos rebater,  
Que os ministros dissolutos  
Decretavam sem tremer  
A morte dos nossos reinos,  
O fim do nosso viver.

E expirámos. Só vivíamos,  
Como Lazaro viveu,  
Na esp'rança de que podíamos  
Dar á Hespanha o que era seu,  
E ouvirmos dizer — *surrexit!*  
A esse povo que morreu.

### III

Oh! bemdita seja a esp'rança!  
Que da casa de Bragança  
Feliz astro de bonança  
Faz surgir em Portugal!  
Converte nossos proavos

Em centenaes de bravos,  
Parte os ferros aos escravos,  
Humilha o genio do mal.

Bemditos sejam, mil vezes,  
Esses nobres portuguezes,  
Que firmissimos pavezes  
Fizeram dos peitos seus,  
Que a sujeição de Castella,  
Que o barbarismo revela,  
Oppozeram por tutela  
Honra, patria, amor e Deus!

Relembre um sec'lo de gloria,  
Abra-se o livro da historia,  
Dê-se respeito á memoria  
De quem tanto por nós fez;  
E um tributo verdadeiro,  
Consagraremos primeiro  
A... a João Pinto Ribeiro,  
Tão leal, tão portuguez!

Ó manes de Antão d'Almada!  
Nunca temaes que olvidada  
Seja a acção tão afamada  
Que nos veio redemir!  
Coutinhos, Mellos temidos,  
E vós, Almeidas subidos,  
Jámais sereis esquecidos,  
Eternos heis de existir.

Que a memoria d'esses feitos,

Guardâmos em nossos peitos,  
Como sagrados direitos  
Que tendes ao nosso amor;  
Como o nauta ama a bonança,  
Como o pobre adora a esp'rança,  
Como idolátra a lembrança  
De quem foi seu redemptor.

IV

Triumphámos — foi nossa a victoria  
Que as algemas nos veio quebrar;  
Triumphámos — foi nossa a victoria  
Que da Hespanha nos veio livrar.

Eram poucos, mas bravos os nossos;  
Eram muitos e fortes os seus seus;  
Mas que importam altivos colossos  
Se a justiça têm contra, e têm Deus!?

Não ha noute que zombe do dia;  
Não ha vida que zombe da morte;  
Da tristeza não zomba a alegria,  
Nem ha forças que zombem da sorte.

Triumphámos. Perdão, ninguém vence  
Se contrarios no campo não tem;  
Assim como a razão não convence  
Se actuar não poder sobre alguém.

Não vencemos — sómente expulsámos  
D'este solo hespanhoes deshumanos;



D'homens livres os hymnos cantámos  
Sem saber se são bravos, tyrannos.

Mas nas trevas lá tinha o futuro  
Annos cinco, mais vinte, e mais tres,  
P'ra o Leão de Castella, seguro,  
Encontrar o valor portuguez.

Para vir no Alemtejo, sanhudo,  
Talar campos, mostrando bravura,  
Para vir entre nós perder tudo,  
Para achar entre nós sepultura!

V

Que o digam rudes muralhas  
Que 'inda velhas por 'hi estão;  
Que o digam tantas batalhas  
Se a Hespanha perdeu ou não;  
Que diga o livro da historia  
Qual de nós colheu mais gloria  
Á sombra de seu pendão.

Que o diga a tremenda lucta  
Que tantos annos durou,  
Qual das nações mais exulta,  
Qual mais gloria conquistou,  
Qual d'ellas era mais forte,  
Qual mostrou mais alto porte,  
Qual mais coragem mostrou?!

*Montijo*, primeiro falle,  
(Se o consentir sua dôr),  
Se ha fôrça que a fôrça eguale  
Do nosso brio e valor,  
Quando, depois de abatidos,  
Convertemos, destemidos,  
Em vencido o vencedor?

Depois, *Elvas*, a invencivel,  
Que diga por sua vez,  
Se viu cousa mais terrivel  
Do que o braço Portuguez,  
'Nessa batalha famosa?  
Que diga a Hespanha orgulhosa  
Se mais do que nós lá fez?!

Se as suas *Linhas* tão fortes,  
Vencidas alli não viu?  
Se ás suas valentes cohortes  
A robustez lhes serviu?  
Se, na completa derrota,  
Qual fôra a d'Aljubarrota,  
A fortuna lhes sorriu?

— É que a causa quando é sancta  
Ao mais fraco dá valor;  
E se um povo se levanta  
De si proprio defensor,  
Combate com mais firmeza,  
Da victoria tem certeza,  
Da guerra não teme o horror!

Que o diga a batalha ingente  
Chamada do *Ameixial*,  
Onde o inimigo potente  
Nos fez um povo immortal,  
Perdendo dez mil soldados,  
Vendo de louros c'roados  
Os filhos de Portugal!

Falle por fim *Montes-Claros*  
Das nossas grandes acções;  
Dos nossos heroes preclaros  
Mostre os distinctos brasões:  
Que o diga a Hespanha abatida,  
Tão nobremente vencida  
Pelos nossos esquadrões.

Fallem todos d'essa lucta,  
Que tantos annos durou,  
Qual das nações mais exulta,  
Qual mais gloria conquistou  
Qual d'ellas era mais forte,  
Qual mostrou mais alto porte,  
Qual mais coragem mostrou?!

## VI

Co'a fronte coroada de verde oliveira,  
Que foi mensageira da paz nacional,  
Ao cabo da lucta de guerra tamanha,  
As forças d'Hespanha venceu Portugal!

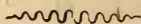
E ha homens que dizem que os filhos d'agora,  
Como esses d'outr'ora valor já não têm;  
Eu não — que taes dictos são graves offensas  
Ás mais puras crenças que o peito contém.

Ás crenças de um povo — por Deus só vencido!  
E que hoje abatido sem forças se vê;  
Mas, bem como a phenis das cinzas renasce,  
De gloria se pasce, na gloria só crê;

E póde das cinzas surgir poderoso,  
Crescer vigoroso, ás armas correr;  
E em pugna espantosa engeitar a tutela  
*Que a nobre Castella lhe possa off'recer!..*

.....

Irmãos! folgae todos — com maga alegria  
Festejae o dia que livres nos fez:  
— Com magicos gozos o porvir aguarde  
Quem não for cobarde, quem for Portuguez!



## OURO E PESTE

---

Ainda a base d'este conto é uma popularissima tradição, uma lenda patriotica.

Onde um solitario cunhal de fortaleza, desmornado represente o nosso Portugal bellicoso, onde exista um arruinado castello romano, arabe ou portuguez, onde vestigios houver apenas de passadas, extinctas habitações, ahi tambem assumpto para eguaes escriptos.

A raça mussulmana que dominou a peninsula desde 714 até aos primeiros seculos do independente viver do nosso reino, passava além de imaginosa, por ser senhora de grandes riquezas.

A nossos avós transmittiu ella essa faculdade inventriz, essa imaginação ardentissima: As riquezas, se as tinha, penso que não.

D'ahi vem esse excessivo numero de historias de mouras encantadas e de preciosos haveres escondidos.

Portugal, e nomeadamente a provincia da

Beira, sabe muitos d'estes contos, que nas longas noutes de inverno ensina aos filhos e aos netos, no familiar e doce trato da lareira.

Este do *ouro* e da *peste* é conhecidissimo.

Não sei se existe já algum conto, ou romance, cujo assumpto seja o mesmo; não o lembro, pelo menos.

Sei que por vezes o ouvi em creança, com tantas variantes na fórma prosaica, quantas as pessoas que o contavam.

Sendo uma de minhas primeiras composições, impressa foi já 'num opusculo meu; mas, porque devia por sua essencia estar juncta com estas, e porque incorrecta se publicára, para aqui de novo a trago, mais limada e revista na fórma, mas não livre de todo dos aleijões com que nascêra.

Fechando estes dizeres, pedirei perdão do anachronismo historico que no conto se vê. Nuno Martim da Silveira não é fructo imaginativo: existiu, e foi escrivão, da puridade d'El-Rei D. Affonso v.

Os mouros foram totalmente espulsos de Portugal em 1250, reinando D. Affonso III, e a acção do conto devia ter logar antes.

## OURO E PESTE

(CONTO)

---

Queres ouvir uma historia  
Meu neto? senta-te aqui;  
É toda mui verdadeira,  
Já em pequena a ouvi;  
Contava-m'a um sancto velho,  
Como eu t'a conto a ti.

— Conte, conte de caminho,  
Muito gosto de as ouvir;  
E até prometto, avósinha,  
De não tugir nem mugir.

### I

Nesses tempos que passaram,  
No Castello da Ladeira,  
Vivia o Conde D. Nuno,  
Nuno Martim da Silveira.

O Conde tinha uma filha,  
Que Auzenda por nome havia;  
Era todo o seu encanto  
Porque a mãe já não vivia.



D. Auzenda da Silveira,  
Dezeseis annos só tinha;  
Mas castellã mais perfeita  
Nunca se fez tão asinha.

O Conde estimava-a muito,  
Amava-a do coração;  
Mas de que ella o merecia  
Resam chronicas d'então.

Os fidalgos, 'nesses tempos,  
Iam ver Jerusalem:  
'Nessa cruzada tão sancta  
D. Nuno lá foi tambem.

Aos cuidados d'umas aias  
A linda filha deixou;  
E em prol do sancto sepulchro  
Á Palestina voou.

Depois, passaram seis mezes.  
No Castello da Ladeira  
Não ha noticias do Conde  
Nuno Martim da Silveira.

Um dia em que D. Auzenda  
No seu jardim passeava,  
Quando colhia uma rosa,  
Busina ao longe soava.

Era então no mez das flores;  
Rescendia o jasmineiro;

Por entre moutas de trevo  
Do nardo sahia o cheiro.

Á sombra de fresca rama,  
D. Auzenda se assentou;  
E olhando a flor com ternura,  
Depois no peito a guardou.

O sol já ia descendo  
E a virgem alli sentada,  
Co'os olhos fitos na terra  
Dôs jardins lembrando a fada.

Detrás d'espessa folhagem,  
D. Auzenda ouviu ladrar;  
E 'nisto, d'alli bem agil  
Um lebreo viu retouçar.

Treme a donzella assustada,  
Do jardim quer já fugir,  
Quando gentil cavalleiro  
A seus passos vem sahir.

As largas vestes que o cobrem,  
O fazem d'alta semel;  
A curva espada que cinge  
Mostra um filho d'Ismael.

— Perdoae, nobre condessa,  
O susto que vos causei;  
A tal hora, e 'neste sitio,  
Que não me esp'raveis bem sei.

Nem eu contava tão pouco,  
Achar-vos senhora aqui;  
E em vez do gamo ligeiro  
Topar tão celeste huri.

Contou-lhe que andando á caça,  
Alli viera perdido;  
E que os demais caçadores  
D'elle se haviam sumido.

O que mais lhe disse o mouro,  
Meu neto, não sei reŕrir;  
Só que a flor que ella colhêra  
Acabou por lhe pedir.

Em troca deixou-lhe um cofre,  
D'ouro todo e de marfim,  
E lhe disse soluçando:  
— Lembrae-vos sempre de mim.

— Esta joia preciosa,  
Deu-a a meu pae, minha mãe;  
Meu pae á hora da morte,  
Confiou-m'a a mim tambem.

— Tenho d'abrir esse cofre,  
Quando vinte annos contar;  
Só depois da meia noute,  
E antes do gallo cantar.

Depois Ibrahim, o mouro,  
Da castellã se ausentou;

Mas pela Kaaba sagrada,  
De voltar breve jurou.

II

Dobram os sinos na torre  
Do Castello da Ladeira:  
Fallecêra o velho Conde,  
Nuno Martim da Silveira.

'Num recontro co'a mourisma,  
Seus largos dias findou...  
Foi um velho paladino  
Quem tão má nova contou.

E ahi fica D. Auzenda,  
Orphã de pae e de mãe;  
Rica dos bens da fortuna,  
Rica d'encantos tambem.

Muitos gentís cavalleiros  
Lhe vem requestar a mão;  
Mas a todos a donzella,  
Responde sempre que não.

Alguns diziam que Auzenda  
Do mundo não qu'ria ser;  
Que pois que seu pae perdêra,  
Só lhe restava morrer.

Outros deitavam peçonha  
No viver da castellã,

Crendo que falsos amores,  
Tinha um pêrro co'a christã.

Razão, até certo ponto,  
Tinha quem pensava assim,  
Que certas juras prendiam  
Auzenda com Ibrahim.

Mas que juras essas foram,  
Isso não soube ninguém;  
Porque o mouro, 'nessas cousas  
Nem sequer fallou também.

Andou talvez por seis mezes  
Que vagarosos passaram,  
E nunca do mouro ausente,  
Noticias a cá chegaram.

Trajando do lucto as vestes,  
Sahe Auzenda ao seu jardim;  
Cuidosa leva comsigo  
O cofre d'ouro e marfim.

Já não sendo a vez primeira,  
Em tôsca pedra se assenta;  
Fita os olhos no horisonte,  
Verte pranto e se lamenta.

— Justos céos! poupae-lhe a vida,  
Começa a triste a dizer:  
— Pae e mãe já m'os lá tendes,  
Quem hora me ha de valer?

E 'nisto, fervente prece,  
Joelhada aos céos envia:  
Na terra fallava Auzenda,  
Mas no ceu Deus a ouvia.

— De que me serve, diz ella,  
Conservar este penhor?  
E no cofre precioso  
Attentava com amor.

— Que tens tu, ó cofre 'amigo,  
Ail que tão callado estás?  
As mãos que te possuiram,  
Jámais a ver tornarás.

— Já não ha rosas nos prados,  
Nem alecrim p'ra florir;  
'Neste peito amargurado  
Só ha penas p'ra curtir.

### III

Que festas vão tão luzidas  
No castello da Ladeira?  
São as bôdas da Condessa  
D. Auzenda da Silveira.

O mouro por quem se esp'rava  
Voltára a pedir-lhe a mão;  
E voltára renegado,  
De mouro feito christão.

P'ra celebrar o consorcio  
Dos dous amantes fieis,  
Concorrem de toda a parte  
Os bardos e os menestreis.

Tudo é já prazer e festa,  
Tudo é rir, tudo é folgar:  
E as más linguas já não fallam,  
Pois não têm de que fallar.

Ao cabo de bons tres dias  
Acabou toda a funcção;  
É casada D. Auzenda  
Co'o mouro feito christão.

— Este conto é verdadeiro,  
Já em pequena o ouvi;  
Contava-m'o um sancto velho,  
Como eu t'o conto a ti.

— Pois d'elle não gosto nada,  
Que tão mal acaba assim;  
Os contos que a avó me conta,  
Costumam ter outro fim.

— É verdade, mas a historia  
Ainda aqui não acabou;  
Socega tu, meu netinho,  
E ouve mais o que passou:



Muitos dias decorreram  
Depois que Auzenda casou;  
E tempo tão venturoso  
Nenhum desgosto manchou.

No Castello da Ladeira,  
Nova festa se vae dar,  
Porque apenas quatro lustros,  
Vae o mouro completar.

Ia a noute adiantada,  
Quando a funcção se acabou;  
Quando Auzenda e o renegado  
Para os seus quartos entrou.

Perto da bella assentado,  
Ibrahim fallava assim:  
—Dous annos se fazem hoje,  
Que eu te vi no teu jardim;

—Preso por esses teus olhos,  
Foi p'ra sempre que fiquei;  
Captivo por teus encantos,  
Da minha fé reneguei.

—Dous annos tinha de vida,  
Quando perdi minha mãe;  
Quando tres lustros contava,  
A meu pae perdi tambem.

—Uma rosa que me déste,  
Foi a minha perdição;

Ouve, ó qu'rida da minh'alma,  
Ouve a minha confissão.

— Ás portas do paraíso,  
Meu pae me fallou assim:  
— «Guarda, meu filho, este cofre,  
«Lembra-te sempre de mim.

«Quando fizeres vinte annos,  
«Has de o segredo quebrar;  
«Só depois da meia noite,  
«E antes do gallo cantar.

— «Se fiel ás tuas crenças,  
«Longa vida has de viver;  
«Se amares christã donzella,  
«Has de mui breve morrer...

— A meu pae perdi p'ra sempre,  
Para sempre me perdi;  
Da sua final vontade,  
Tredo filho me esqueci.

— O relógio, amada Auzenda,  
Duas horas fez soar:  
Vamos abrir esse cofre,  
Antes do gallo cantar.

Em seguida abriu o cofre,  
O cofre que o pae lhe deu;  
E achou dentro um pergaminho,  
Que por esta fórma leu:

«Sobe filho, á Torre Negra  
«Do teu Castello d'Ourem;  
«Vae mui prestes sem detença,  
«Quem t'o pede é tua mãe.

«Enxergarás na parede  
«Alfange d'ouro pintado;  
«Has de tocar-lhe no punho,  
«Pós do gallo ter cantado.

«Ha de se abrir uma porta,  
«Por onde deves entrar;  
«Riquezas, riquezas grandes,  
«Has de, filho, dentro achar.

— Eu vou, pois, Auzenda minha,  
Por mando de minha mãe,  
Ver o thesouro escondido,  
No meu Castello d'Ourem.

— Ibrahim, ó meu amado,  
Eu contigo quero ir;  
Quero ver tuas riquezas,  
Quero-as contigo fruir.

E eil-os vão por ahi fóra,  
Para o Castello d'Ourem,  
Cavalgando cada um d'elles  
Um formoso palafrem.

Chegaram breve ao Castello,  
A Torre Negra subiram;

E pelo alfange pintado.  
Logo a porta descobriram.

Enxergaram para a esquerda  
Dous caixões de pedra escura;  
'Num d'elles, em letra moura,  
Dizia assim a escriptura:

*Um, muita riqueza encerra;  
Tem outro peste encerrada:  
Se abres um, domina a terra,  
Porém se outro... serás nada!*

— Fujâmos d'estes logares,  
Diz D. Auzenda a tremer;  
Deixa, deixa essas riquezas,  
Anda comigo viver.

— Isso não, Auzenda amada,  
Minha sina hei de cumprir;  
Parte e deixa o renegado,  
Que um dos caixões vae abrir.

— Ninguem mais já tem no mundo,  
Quem seu pae e mãe perdeu:  
Ó vida d'esta de minh'alma,  
Deixar-te não deixo eu.

— Foi por mim que renegaste,  
Que trahiste a tua lei...  
Se ahi findarem teus dias,  
Eu contigo morrerei.

E um dos caixões foi aberto,  
Pelas mãos do renegado,  
Que prèstes cahiu sem vida,  
Co' a sua Auzenda abraçado...

Pós do mouro, ainda se conta,  
Sem vida no chão cahir,  
No cimo da Torre Negra  
Esta voz se fez ouvir:

Tua morte prematura,  
É castigo do Senhor:  
— Quer a Deus, quer á familia  
Ninguem deve ser traidor.

—

É bem bonito, avósinha,  
Agora digo que sim;  
Os contos que avó me conta  
Costumam ter este fim.





## D. ALVARO VAZ D'ALMADA

---

Em todos os livros de Historia Portugueza que descrevam o combate d'Alfarroubeira, póde o curioso leitor encontrar o sujeito d'esta composição.

A amizade, sentimento sublime, elo naturalissimo, affeição pura que póde unir dous seres, sem a mácula do baixo interesse das conveniencias; astro sem nuvens, ouro sem fezes, brilhante sem jaça, topa-se alli, no proceder de Alvaro Vaz d'Almada para com o Duque de Coimbra, D. Pedro.

A innocencia repudiada, a honra descrida, o saber desprezado, e os laços do sangue partidos, tambem resaltam execraveis d'essa ominosa conta, na victima de miseraveis insidias, no homem que só queria em paga de sua boa regencia, uma estatua de affeições nas porvindouras épocas, no chorado Duque de Coimbra.

A ingratição, a estulticia, a irreverencia, os



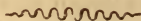
verdes annos e a cracissima obcecação de um Rei maldoso, ainda avultam no painel d'esse combate, na pessoa de D. Affonso v.

Em tudo isso ha sobeja inspiração a pintores e a poetas.

Sem embargo do Sr. J. Pizarro de Moraes Sarmiento, no seu *Romanceiro*, julgar tão boa causa nos tribunaes das musas, eu, ignorado cantor, como a ave silvestre que na deveza repete os trilos das semelhantes, solto a voz e exalço a amizade, lamento a innocencia e vitupero a tyrannia.

Homens que vos dizeis amigos d'outros, farieis vós por elles o sacrificio da vida?

Meditae a resposta, e lede a canção;



## D. ALVARO VAZ D'ALMADA

OU

A BATALHA D'ALFARROUBEIRA

1449

---

### I

D. Pedro, Duque de Coimbra,  
Governava, por seu mal!  
Com saber e experiencia  
O Reino de Portugal,  
Porque apenas uns seis annos  
Tinha o principe real.

Não havia nas Hespanhas  
Um homem de mais saber  
Do que era o Duque; prudente,  
Sem grandes ambições ter,  
Character probo, integerrimo,  
Virtuoso a mais não ser.

Tinha, porém, inimigos,  
Como toda a gente os tem:  
Um, no Duque de Bragança,

No filho, Conde d'Ourem,  
No Arcebispo de Lisboa,  
E em muitos nobres tambem.

Inventavam mil calumnias  
Para o deitar a perder;  
Affirmando que D. Pedro  
Para subir ao poder,  
A D. Duarte e á Rainha  
Déra veneno a beber!

D'este sudario de intrigas  
Não quero o véo levantar;  
É patente nossa historia  
Ao que a quizer consultar;  
Por isso ao meu fim caminhou  
Sem outro preliminar.

Se o nobre Duque de Coimbra  
Tinha inimigos mortaes,  
Tambem tinha cavalleires  
Que lhe seriam leaes,  
Defendendo seus direitos  
Contra mil, dez mil, ou mais.

Chegára, vindo de Ceuta,  
Ás praias de Portugal,  
Um homem que n'esses tempos  
Não tinha na Europa igual;  
E que na honra e no esforço  
Nunca manchára o brial.

Era um d'esses cavalleiros  
Que D. João primeiro, armou;  
Que na França e na Inglaterra  
Com distincção militou,  
E que mesmo n'Allemanha  
Grandes serviços prestou.

D. Alvaro Vaz d'Almada,  
Que bonito nome o seu!  
Conde d'Avranches, na França,  
Que esse condado lhe deu,  
Por notaveis feitos d'armas  
Quando 'nella combateu.

Em hora boa D. Alvaro  
À capital aportou:  
Hora boa não foi ella...  
Que o triste fim lhe marcou  
Quando o povo de Lisboa  
Por Alferes o acclamou.

Como o passado, o futuro  
Bem mal se póde entender!  
— Quem diria ao nobre Conde  
Que o termo do seu viver  
Sellava a sua amizade?  
Só Deus sabe o que ha de ser!

## II

Já reinava Affonso quinto,  
O que *Africano* seria,

E o sabio Duque de Coimbra  
Em seu ducado vivia.

Seus inimigos, no entanto,  
Lá o faziam lembrar,  
E teciam mil intrigas  
Para a morte o arrastar.

Certo, o Duque de Bragança,  
Do patrocínio d'El-Rei,  
E, por tanto, que podia  
Torcer o rigor á lei;

Lembrou vir com mão armada  
E por Coimbra passar,  
Sem pedir licença ao Duque,  
Sem nem sequer o avisar.

Era offensa manifesta  
Que não podia esconder;  
Mas a que o Duque de Coimbra  
Podia bem responder.

E, como tal lhe cumpria,  
Em se lhe oppôr resolveu:  
Comtudo, préviamente,  
Uma carta lhe escreveu,

Na qual, pouco mais ou menos,  
D. Pedro dizia assim:  
«Duque, desista da empreza  
«Que o deshonra a si e a mim:

«Porque importa ao meu bom nome  
«Muita quebra em seu valor,  
«E os brios d'um cavalleiro  
«Não a soffrem sem se oppôr.

Baldado foi este meia  
De que o Duque mão lançou,  
Porque a gente de Bragança  
Sobre Coimbra marchou.

D. Pedro com seus soldados  
Ao encontro lhe sahiu ;  
Mas o Duque de Bragança  
Desanimou... e fugiu!

Era maior do que a offensa  
A vergonha que soffreu !  
Por isso o Duque medroso  
Vinganças mil prometeu.

E contra o Duque D. Pedro  
Tantas mentiras creou,  
Que El-Rei D. Affonso quinto  
*Rebelde* o pronunciou.

### III

Já vinham sobre Coimbra,  
Para D. Pedro cercar,  
As forças de D. Affonso;  
E para a morte lhe dar

Tinham ordens terminantes  
Se o podessem captivar.

Em tão tristes circumstancias  
Que tinha o Duque a fazer?  
D. Alvaro Vaz d'Almada  
É que o podia dizer,  
E mostrar se cavalleiros  
*Rebeldes* costumam ser.

Deu conselho, pois, ao Duque  
— De brioso presistir,  
E ao encontro do exército  
Do sobrinho, prestes ir;  
Não como rebelde armado,  
Mas p'ra justiça pedir.

— E que se El-Rei não quizesse  
Suas razões aceitar,  
Ao menos seus inimigos  
Deixasse desafiar,  
Para por armas no campo  
Essa pendencia acabar.

— E se quando a tal pedido  
Não quizesse ainda attender,  
Que tregoas a razões desse  
Sem mais pedidos fazer,  
E que em lucta em campo aberto  
Combatesse até morrer.

— Que os brios de um cavalleiro



Se um dia manchados são,  
Só lavam em sangue a nodoa,  
Embora seja d'irmão!  
Devendo sahir da lucta  
Vencedor, vencido — não!

Assim o Duque de Coimbra  
A sua gente aprestou:  
E a um dos filhos, D. Jaime,  
A mais d'ella confiou;  
E que se fosse marchando  
Na vanguarda, lhe ordenou.

Com seis mil homens selectos  
D. Pedro, o filho seguiu:  
A seu lado vae D. Alvaro,  
Que a amizade não trahiou,  
E que ao Duque, em juramento,  
Até á morte se uniu....

Dadas ao vento as bandeiras,  
E ao sol armas a luzir;  
Entregues os rostos lédos  
A esperançoso sorrir,  
Taes as hostes de D. Pedro  
De Coimbra vão sahir.

Pede — *justiça* — *vingança*  
O mote que o Duque tem  
Escripto 'nessas bandeiras;  
E — *Liberdade* — tambem

Vão mostrando do outro lado,  
Por essas terras além.

Chegado juncto d'Alverca,  
D. Pedro, o plano mudou;  
E, em vez de ir sobre Lisboa,  
Como até 'li tencionou,  
Na margem do Alfarroubeira  
Seu arraial assentou.

As margens do Alfarroubeira,  
Apenas simples ribeira,  
Grata sombra ás aguas dão;  
Ás aguas que entre salgueiros  
E por entre os amieiros  
Murmurando ao Tejo vão.

Escondidos na folhagem  
De uma densa e verde margem  
São os bésteiros d'El-Rei;  
E na outra, pouco distante,  
Tem seu arraial o Infante  
Com sua pequena grei.

Lá d'um erguido cabeçaço  
Á pugna já dão comêço  
'Spingardeiros a atirar,  
Já os inquietos bésteiros  
Manobram tiros certos  
Que nos contrarios vão dar.

As settas já formam bardas!

Já lhe respondem bombardas  
Do contrario arraial,  
E uma bala caprichosa  
Zunindo vae pressurosa  
Bater na tenda real.

Qual destruidora faisca  
Que não necessita de isca  
Se na polvora vae dar,  
E que um volcão accendendo,  
Com um abalo tremendo  
Tudo em cinzas faz voar,

Tal da bala foi o effeito!  
Pois que sem ordem, sem geito,  
Os soldados fez partir,  
E, como tigres raivados,  
Os fez ir por muitos lados  
Sobre os do Infante cahir.

Travou-se 'num instante a briga,  
Que aos dous partidos obriga  
A valentia mostrar;  
A derribarem trincheiras,  
A defenderem bandeiras,  
Ou mortos no chão ficar.

Já vae brava a gritaria!  
Já troa a fuzilaria,  
Por um modo aterrador!  
Já se confundem partidos,

Já se escutam mil gemidos  
Nos que se curvam á dor...

O nobre duque D. Pedro,  
Tambem logo como o cedro  
Que um raio dos céos lascou:  
Porque era um bravo soldado,  
E por isso mal armado  
Pelos contrarios entrou,

D. Alvaro Vaz d'Almada,  
Quando a nova lhe foi dada,  
Luctava como um leão!  
De cada bote que dava  
Dous ou tres aos pés lançava,  
De mortos cobrindo o chão!

Mas, que fazer entretanto?  
Serenosusteve o pranto  
E á tenda se encaminhou:  
Cameu, para haver alento,  
Armou-se bem 'num momento,  
E á briga lesto voltou.

Vencida a batalha estava,  
E já ninguem se lembrava  
Senão dos hymnos cantar:  
E em tão triste conjuntura,  
Faltava uma sepultura  
Para um bravo se enterrar!

Faltava, porque essa gente,

Não sabia que um valente  
De mortos jazigo faz,  
Antes que ao sôpro da vida  
Faça o corpo despedida  
Para a morada da paz!

Qual valoroso 'spartano,  
O valente lusitano  
Vae a pé pelo arraial;  
Co'as armas todas armado,  
Com semblante carregado  
Parece o genio do mal:

Parece uma estatua enorme  
D'essa gente que ali dorme  
Fundida 'num homem só,  
Que, para vingar amigos,  
Prostrará tantos imigos  
Quantos descançam no pó!

Recomeçou o combate  
P'ra decidir o empate  
De muitos mil contra um!  
Renasciam mil gemidos,  
Que dos golpes despedidos  
Não se perdia nenhum!

Co'a mais provada coragem  
Almada abria passagem  
Como o raio a póde abrir!  
Não soltava uma palavra,

E, como o incendio que lavra,  
Avante sempre a investir.

'Num pedestal de vencidos,  
Já com os braços pendidos,  
Estatua da destruição ;  
Co'as armas tintas de sangue,  
Almada, cançado, exangue,  
Vacillou, cahiu no chão !...

E conversando comsigo,  
Aquelle exemplar amigo,  
Taes vozes poudesoltar :  
« *Já não posso erguer os braços...*  
« *Alma, desfaz os teus laços...*  
« *Fartar, rapazes, fartar !* »

FIM DO CANCIONEIRO

## ADVERTENCIA

---

Os trabalhos historicos que se vão ler, já vieram á estampa; não têm, conseguintemente, o interesse da novidade.

O que primeiro segue, publicou-se haverá cinco annos, 'num opusculo de 29 paginas, hoje algum tanto raro. Por isto, e porque bom logar me parece ter em um livro de historia portugueza, a lume sahe de novo, correcto no todo, e additado em partes.

O segundo foi impresso 'num folhetim do *Conimbricense*, e depois incorporado a uma pequena collecção de escriptos, que sob o titulo *Novas Lucubrações de um Artista*, publiquei em 1863.

Tractando um de *Conimbrica*, cidade importante da Lusitania, e concernindo outro a uma cruz de pedra que no sitio de Luso, proximo ao tão visitado Bussaco, o Ex.<sup>mo</sup> Conde da Graciosa mandára erguer, util se me afigura a sua publicação aqui.

Para os amadores de antiguidades, um mimo será por certo; para os que o não forem, leitura curiosa, em que, se nada aprenderem, avivarão o que souberem.





# BREVE MEMORIA HISTORICA

âcerca

DA VELHA COIMBRA ARRAZADA POR ATACES E REMISMUNDO,  
E DA FUNDAÇÃO OU REEDIFICAÇÃO DA ACTUAL COIMBRA;  
E EM QUE SE COMBATEM ALGUNS FACTOS  
CONCERNENTES Á MESMA CIDADE.

## I

A primitiva historia da Peninsula, como a de todas as nações mais ou menos civilisadas da Europa, mostra-se-nos envolvida sempre no maravilhoso, no mysterio, nas trevas perpetuas d'um passado de seculos, que não é dado perscrutar, ainda ao menos severo indagador da verdade.

É que o pesado véo que nol-a encobre, amortalha em si muitas gerações famosas, que nos poderam ter legado em seus escriptos o que nós debalde agora procurâmos, se o espirito d'esses mysteriosos tempos fosse a verdade; se o Martyr do Calvario mais cedo nos houvera trazido com sua morte a verdadeira civilisação!

É que o manto do passado esconde em suas dobras o impossivel.

Qual espirito indagador ousará seguro ultrapassar os limites do passado que conhecemos, com o passado desconhecido? Certamente nenhum.

Além dos sabios escriptos, que nos legou Moisés no Pentateuco, além dos maviosos cantos de David, e das sentidas queixas do paciente Job; além dos gentilicos livros, que sob o nome de *Vedas* nos transmittiram os Indios, e dos sagrados *Kings* dos chinezes, aonde as admiraveis maximas de Confucio abrilhantam o livro de *Tao-tsee*, ou da razão primitiva; além dos indecifráveis *Quipus*, dos Americanos, que na singeleza de seus nós occultam a historia dos Incas; além d'alguns velhos *papyrus*, que houvemos da antiguidade, e d'esses livros de pedra dos Phenicios e Egypcios, aonde cada hieroglypho é representante de uma pagina admirável d'esses grandes povos; além de tudo isto não vae o espirito humano: lá, tem o impossivel!

Se a famosa *metempsychose*, que da India passou para o Egypto, e d'elle para a Grecia, e modernamente da Grecia para a Allemanha; se essa portentosa theoria, encarnando nosso espirito num invólucro mais ou menos intelligente, mais ou menos perfeito, nos fizesse reviver com memoria, com lembranças do passado, certo que poderíamos nós saber a historia dos mais obscuros tempos da infancia do mundo. Mas, na *metempsychose* só vemos uma gigante concepção do espirito humano; e, na parte divina, que nos anima, não ha, infelizmente, lembranças hereditarias.

Assim, tentaremos ver se demonstrámos e desenvolvemos a nossa these, soccorrendo-nos dos escriptores de boa nota, e em particular do Sr. Alexandre Herculano. Guiados por elle, traçare-

mos em breve quadro as successivas dominações da Peninsula, desde os mais retirados tempos, isto é, desde a dominação dos valentes Carthaginezes até á expulsão dos Sarracenos.

## II

Alguns escriptores portuguezes houve, que, para escreverem a historia patria, levaram suas indagações até Noé e Tubal. A historia, porém, não se póde encontrar 'nesses tempos despida d'hyperboles, d'inverosimilhanças e até de falsidades. É por isto que os nossos primeiros traços começarão 300 annos antes de Christo.

A Peninsula foi primeiro habitada pelos Iberos, depois pelos Celticos. Da fusão, ou mistura d'estas raças Asiaticas, vieram as tribus Celtiberas.

Descendentes dos Celtiberos, os Lusitanos, occuparam o territorio que pelo norte e ponente limita o mar, e pelo sul o rio Tejo. Os seus limites orientaes não se podem marcar com precisão, crendo-se, comtudo, que as raias que hoje separam Portugal da Hespanha não são as mesmas que serviram de terminos á Lusitania.

Occupada assim por 30 tribus, que tantas eram ellas, a Lusitania (1), em seu poder esteve até

(1) «A denominação geral, talvez proveio do nome dos Luzones (que Strabão colloca juncto das fontes do Tejo, e que talvez eram d'origem phenicia) completado pela terminação punica *tan*, vulgar na península.» Sr. A. Hereulano.

300 annos antes de Christo, em que o dominio da Republica Carthagineza (phenicios), de facto se estabeleceu na Peninsula.

Durou este Imperio, ou Republica dos Carthaginezes, 84 annos, até que Gneu-Scipião, capitaneando as forças de uma poderosa armada Romana, veiu começar, em 220 antes de Christo, a guerra com os Carthaginezes, que completamente expulsou da Hespanha em 216, depois de 4 annos de sangrentas e porfiosas luctas.

Os Romanos, depois de uma guerra de 200 annos, dominavam a Peninsula!

Viriato, meio seculo depois, abi por 30 da nossa era, vencia e desbaratava os exércitos Romanos de Manlio e Pisão. Havia deixado as inhospitas fragas dos Herminios para vir combater Roma á frente dos indomaveis Lusitanos.

Roma tremeu! porque «... o genio militar do selvagem montanhez Viriato, tornou por alguns annos duvidosa a victoria de Roma nos territorios do occidente.»

Rijos combates se deram  
Entre Lusus e Romanos!  
Roma tremeu assustada...  
Roma soffreu grandes damnos!  
E, Viriato, na historia,  
Eternizou a memoria  
Dos valentes Lusitanos!

Sertorio, o famoso proscripto Romano, quiz tambem oppôr-se ao absoluto dominio dos que

mais tarde foram senhores do mundo; e assim, a Lusitania, a Celtiberia, e parte da Betica, chegaram a ser dos bravos Lusitanos que capitaneava.

Quatro seculos haviam passado depois do nascimento de Christo, e o Imperio dos Cesares entrava já no seu ultimo quartel de vida, corrompido pela devassidão.

Soára-lhe a ultima hora! Os Vandalos, Alanos e Suevos, apossavam-se da Peninsula. Por decisão da sorte, os Vandalos e Suevos occuparam a Galliza, e os Alanos assentaram na Lusitania.

Esta onda de barbaros, antes de escolher ponto para quedar, divagou terrivel pela Peninsula, levando ante si o terror, o espanto e a ruina de muitos homens, que partilhariam a sorte desgraçada dos que ficavam sem vida, após essas hordas selvagens.

Curto dominio foi o d'estas gentes na Peninsula.

Os Wisigodos, capitaneados por Attahulfo, dobravam os pyrinéus. Accendeu-se a guerra entre estes e os primeiros; e, passados annos, sendo Walia capitão dos Wisigodos, 'numa batalha dada juncto a Merida, foram os Alanos desbaratados, e morto seu Rei Ataces. Estes *«viendo-se sin cabeza, se entregaron á Gunderico Rey de los Vandalos en Galicia, confundiendose cõ ellos su ceptro, y su nombre (2)»*.

Dominavam a Peninsula os Wisigodos, quando

(2) Saavedra, *Coron. Goth.* pag. 41.



em 714, com a invasão dos Mussulmanos, comandados por Tarik, acabou em Rodrigo a monarchia wisigótica. Estes povos dominaram a Península, sem embargo de Pelagio ter sido aclamado Rei por um pequeno troço de Godos (3) nas Asturias, e, consequentemente, dominarem só em parte.

O dominio dos Mouros foi um tecido de dissensões civis, para o que muito contribuiu Pelagio, o heroico fundador da primeira monarchia christã, mais tarde conhecida por Oviedo e Leão.

Esta pequena arvore religiosa foi-se arraigando pelo territorio mourisco, que diminuia, até que, em Janeiro de 1064, D. Fernando I, de Castella, abria com as lanças de suas hostes franca passagem pelas terras do occidente, acabando por libertar do poder dos Mouros a mais formosa perola da Lusitania, a pitoresca Coimbra (4).

### III

Um monte de ruínas é só o que actualmente

(3) «A denominação de Godos dada aos descendentes dos Wisigodos, que depois da conquista da Hespanha pelos Arabes se recolheram ás Asturias, não é rigorosamente exacta, mas é geralmente recebida pelos historiadores da península, como a de Sarracenos e Mouros para designar os Mussulmanos.»  
Sr. A. Herculano.

(4) Os mouros só deixaram o sul de Portugal no reinado de D. Affonso III.



existe de uma das mais fortes cidades da Lusitania (5).

*Conimbrica* (6), ou *Colimbriga*, foi fundada pelos povos *Colimbrios*, que vieram á Peninsula com os Turdulos, Gallo-Celtas e Andaluzes, 308 annos antes de Christo (7).

*Conimbrica*, composta de *Colimbrios*, e da palavra celtica *briga* (logar), queria dizer em mais lato sentido — logar ou cidade dos *Colimbrios*.

Da grande variedade de origens, que diversos escriptores dão a Coimbra, tomâmos esta, por nos parecer mais coadunavel com a boa razão, e com os principios observados em palavras em que tambem entra a terminação celtica *briga*, sendo por isso sua origem a mesma (8).

D'aqui se levanta já uma duvida, que tentaremos desfazer.

Muitos escriptores, referindo-se a *Conimbrica*, empregaram as designações de *Colimbria*, *Conimbria*, *Colimbrica*, *Colimbriga*, e finalmente *Conimbrica*.

(5) Era esta *Colimbria* uma das mais fortes e inexpugnaveis cidades e praças d'armas da Lusitania.

B. de Brito Botelho.

«Cidade em tempo de Romanos nobilissima, e mui conhecida de sumptuosas obras.»

A. C. Gasco.

(6) *Conimbrica*, segundo uns, procede de *Colimbrios*, segundo outros de *Collis-imbrium* (outeiro de chuvas), ou mesmo de *conus* (pinha), e ainda de *coluber* (serpente) e da terminação celtica *briga*.

(7) P. A. Carvalho, *Chorographia*.

(8) *Cetobriga* (Setubal), *Lacobriga* (Lagos), *Merobriga* (Sant'Iago de Cacem), etc.

D'onde provirá esta divergencia? Será por que na Lusitania existiram duas Coimbras, como quer alguém? ou por que os que a tal respeito têm escripto foram pouco escrupulosos, e, para designarem *Conimbrica*, empregaram nomes adulterados? É o que nos parece mais verosimil.

Em favor da nossa opinião, quer dizer, do assento que damos a *Conimbrica* (9), vem o Cardeal Fr. Francisco de S. Luiz, 'num artigo publicado na *Revista Estrangeira*, no qual, para demonstrar que a actual Coimbra foi chamada *Eminio*, e o Mondego tambem *Eminio*, quer (segundo e confrontando os Itinerarios de Plinio e de Antonino) que *Conimbrica* fosse *Condeixa*.

Além do parecer dos dous geographos, cita o 3.º concilio de Toledo, em que se lê o nome de *Possidonio*, bispo da egreja Eminiense: *Possidónius Eminiensis ecclesiae episcopus*: e diz, referindo-se á destruição de *Conimbrica* pelos Suevos, e á sua mudança para o *Eminio*: «... o qual além da sua situação tão bella e amena como forte, propria para a defeza, é de crer que recebesse e acolhesse muitos dos habitantes dispersos de Coimbra, quando elles intentando restituir-se á sua patria foram achar 'nella estragos, ruinas e desolação» (10).

Effectivamente, nas copias dos Itin. citados, diz-se *Conimbrica*, e *Conimbrica* se lê no que diz

(9) Condeixa, a Velha.

(10) Cardeal S. Luiz, cit. art.

Idacio: *Conimbrica in pace decepta*, etc. (11) ed'aqui deduz S. Luiz que *Conimbrica* era Condeixa, a Velha, e *Eminio* a actual Coimbra.

Esta decisão, porém, julgâmos que não se póde admittir no todo, mas sim em parte; porque parece evidente que o cardeal S. Luiz baseou o seu artigo 'num engano, ou troca de distancias (12), que se vê no Itin. de Antonino.

O Itinerario diz assim:

|                                                        |        |
|--------------------------------------------------------|--------|
| Itin. de Antonino ab Olissipone Bracaram Augusta ..... | CCXLIV |
| Jerabrica .....                                        | XXX    |
| Scalabim .....                                         | XXXII  |
| Sellium .....                                          | XXXII  |
| Conimbrica .....                                       | XXXIV  |
| Eminium .....                                          | X      |
| Talabrica .....                                        | XL     |
| Langobrica .....                                       | XVIII  |
| Calem .....                                            | XIII   |
| Bracara .....                                          | XXXV   |

Dissemos troca de distancias, e assim é: ahi vae agora o Itin. reformado, unicamente na mudança das distancias, pelo mestre Rezende, Vasconcellos e outros:

(11) *Conimbrica in pace decepta diripitur: domus destruntur; cum aliqua parte murorum, habitatoribusque captis atque dispersis, et regio desolatur et civitas.*»

(12) *Erat autem in codice Antonini numerus transpositus, et praeputere mutatus*

Rezende, *De Ant. Lusit* T. 1. p. 339.

|                  |       |
|------------------|-------|
| Conimbrica ..... | XXXIV |
| Aeminium .....   | XL    |
| Talabricam ..... | X     |

Confrontando nós esta alteração com o que mais adiante diremos a respeito do Eminio, apparece-nos um resultado, que vae de encontro á opinião de S. Luiz, auxiliando a nossa; porque o *Eminio* existiu realmente, mas não em Coimbra.

Agueda foi chamada dos antigos, *Eminium*; quer dizer, das ruínas do *Eminium* dos Romanos, foi que nasceu Agueda (13) ; Como é, pois, que a Coimbra d'hoje foi o *Eminium* dos Romanos?

Chega tambem o momento de apresentarmos um facto que, se fôra verdadeiro, atacaria o nosso parecer.

No 8.º Concilio Toletano, celebrado em 652 ou 53, appareceram dous bispos da Lusitania.

Um d'esses bispos assignou-se *Celidonius Co-*

(13) «Fuit autem Aeminium eo loci ubi hodie est oppidum dictum vulgo Agatha, seu Agueda.»

Rezende, *De Ant. Lusit.* T. 1.º, p. 358.

«... Que Agueda existisse já no tempo em que procede a nossa historia, formada das ruínas da antiga Eminio, nada menos parece certo.»

Rocha, *Portugal Renascido.*

«... Eminio está perto d'Aveiro no lugar d'onde agora chamam Agueda.»

Manuel Severim de Faria, *Noticias de Portugal.*

« ..Eminium. Agora Agueda.»

D. Rodrigo da Cunha, *Catal. dos Bispos do Porto*, p. 42.

*limbriësis episcopus*; e *Sisebert Conimbricensis episcopus* (14).

Esta passagem, apresentada por Mariz e outros (15), parece-nos falsa, mal interpretada pelo douto Rezende (16), ou mal copiada d'este escriptor, por esses que a mencionam (17).

(14) Mariz — *Dialogos de Varia Historia*, p. 6.

(15) D. Nicolau de Sancta Maria — *Chronica de Sancta Cruz*.

A. M. Barreto Côrte Real — *Bellezas de Coimbra, etc.*

(16) Rezende suppõe que Celidonio foi bispo de *Colimbriga*, além Mondego, para collocar em *Conimbrica* (a actual Coimbra) o bispo Siseberto; diz Barreto Côrte-Real, nas *Bellezas de Coimbra*.

(17) Mariz, Côrte-Real e D. Nicolau de Sancta Maria dizem que Rezende falla d'esta mesma passagem, conjecturando ser *Celidonio*, bispo de *Colimbriga*; d'aquella cidade destruida pelos Alanos e Suevos. O livro de André de Rezende — *De Antiquitatibus Lusitaniae*, a que provavelmente se referem estes escriptores, não falla de tal passagem: duas vezes o lemos, e só encontrámos um logar, que parece alludir á questão, no qual Rezende promete dizer cousas novas, e não sabidas, a respeito de Coimbra (\*). Isto, porém, lê-se a paginas 256 do segundo volume; e d'alli até ao fim não encontrámos tal conjectura: de modo que, se bem entendemos as antiguidades da Lusitania, cremos falsa essa interpretação que attribuem a Rezende, Mariz (reportando-se a João Vaseu), Côrte-Real, e os mais que a trazem em seus escriptos; ou, se não falsa, e se realmente se lê 'nalguma outra obra do mesmo auctor, o que nos parece que 'neste caso póde salvar Rezende, é haver elle lido realmente *Colimbriëse* em alguma copia do 8.º Concilio de Toledo, em que algum copista menos exacto escrevesse *Colimbriëse* em logar de *Calabriëse*.

(\*) De qua urbe, de que ejus vetustate, et nomine aliquando non vulgara neque obvia nos dicturos pollicemur, si vita suppeditaverit.



A passagem como a lemos em 4 copias do citado concilio Toletano, diz: *Caliabriēsis*, ou *Calabriēsis*; e não *Colimbriēsis*, ou *Colimbricensis*, como se lê em Côrte-Real.

Ha 'nisto, portanto, uma grandissima differença, que nos dá uma ideia toda diversa.

De *Colimbriēse* facilmente se poderia fazer *Colimbricense*: porém de *Caliabriense*, ou *Calabriense*, o que naturalmente se póde fazer, i. é, o que podemos entender, é que Celidonio foi bispo da *Calabria*, ou de *Caliabria*.

*Caliabria* ou *Calabria*, foi, segundo uns, uma cidade dos Romanos, que existiu distante seis legoas de Merida, de que fôra suffraganea: é hoje a villa de Montanches; e, segundo outros, entre Almendra, Moncôrvo, Foz-côa e Barca d'Alva. Crê-se que fôra arrasada pelos Suevos ou pelos Alanos. Ainda alli existem sobre um monte os restos de uma gigante muralha (18), que naturalmente circumdou *Caliabria*. Suppõe-se tambem, que os bispos da Lusitania que assistiram aos Concilios de Toledo 4.<sup>o</sup>, 6.<sup>o</sup>, 7.<sup>o</sup> e 8.<sup>o</sup> eram d'esta cidade. Um d'elles, que assistiu aos tres primeiros assignou-se *Servusdei*, bispo *Calabriense*, ou *Caliabriēse*; e o outro *Celidonius Calabriēsis ecclesiae episcopus* (19).

(18) «... nas ruinas que ainda se vêm de muralhas, se deixam ver uns claros indicios de sua grandeza, comtudo, não é conjectura firme de que tivesse cadeira Episcopal, e fosse a *Caliabria* sujeita á Metropoli de Merida.»

Leitão Ferreira, *Catal. dos Bispos de Coimbra*, pag. 13, nas Mem. da Acad. Real de Hist. Port. de 1724.

(19) Vid. *O Castello de Caliabria*, por Francisco Antonio Veiga.

Parece-nos, pois, que sem muita difficuldade se poderão tirar d'estes principios as conclusões: houve na Lusitania uma cidade chamada *Conimbrica*, no lugar aonde hoje é Condeixa, a Velha. Houve tambem uma cidade dos Romanos chamada *Eminium*, sobre cujos restos se fundou Agueda.

#### IV

Em 409, depois de haver nascido J. C. , os barbaros do norte invadiram a Lusitania; e em 420 começou na Peninsula o dominio dos Suevos. Estes barbaros, no largo espaço de 165 annos em que dominaram a Lusitania, marcaram bem fundo com a ponta de suas espadas no livro da destruição, as suas altas façanhas de conquistadores.

*Conimbrica*, a nobre filha dos povos *Colimbrios*, a que viu em seus muros tantas nações adversas em costumes, leis, crenças e linguagem, a que viu raiar para o mundo a civilização no magnifico e divino astro nascido em Bethlem; a que tantas vezes encontrou seu forte escudo de muralhas com as armas dos conquistadores; essa donairoza princeza da Lusitania, succumbiu aos golpes obstinados e á traição (20) dos numerosos

(20) «Suevi Conimbricam dolose ingressi familiam nobilem cantabri spoliant, et eaptivam abducunt matrem cum filiis.»  
Idac. *Chronicon*.



Suevos (21) em 464 (22), como já tinha aberto suas portas aos Alanos, commandados pelo famoso Ataces.

Ataces, rei dos Alanos, havia destruido toda a *Conimbrica*, mas os dispersos habitantes tinham necessidade de habitação; e foi para lh'a dar que, passando o Mondego, Ataces veio erguer na margem direita do Mondego uma nova *Conimbrica*, para 'nella receber os espalhados habitantes da destruida cidade.

'Nesta edificação de Coimbra (23), trabalharam até mesmo os proprios ministros do altar! Tal era o feroz despotismo do celebre Ataces.

«Passando pela nova Coimbra, diz o Bispo do Porto, Arisberto, ao Arcebispo de Braga, Seme-rico, vimos 'nella muitos ministros do Senhor, trabalhando por mandado d'Ataces no edificio da nova fortaleza, que edificou sobre o Mondego,

(21) Remismundo, rei dos Suevos, a destruiu completamente em 464 «*Colimbriam pacem deceptam,*» etc., diz a chronica dos Ostrogodos.»

Simão J. da Luz Soriano, *Revelações de minha vida*.

(22) Em 468 diz o Chronicon de Idacio; e, pelo que se lê no tomo XXIII da *Hespanha Sagrada*, este chronicon goza de bons créditos.

(23) «A fundação da nova Coimbra se attribue d'alli a algum tempo a Ataces, Rei dos Alanos, o qual declarando guerra a Hermenerico, Rei dos Suevos, em cuja demarcação entrava a antiga Colimbriga, epicado da resistencia, que achou 'nesta cidade, a mandou despovoar inteiramente, e para recolher aquelles moradores, edificou nas margens do Mondego a nova povoação, que hoje tem o nome de *Coimbra*.»

L. Caetano de Lima, *Geog. Hist.*

destruída já a primeira povoação. Ahi estava o servo de Deus Elipando, bispo da mesma cidade, e o sacerdote Estenio, com muitos que serviam nas mesmas obras: chorei com elles a commum afflicção e o direito dos Imperadores perdido já na Lusitania (24).

Por isto vemos que a nova Coimbra estava em poder dos Alanos: mas é certo tambem que, sendo arrasada por Ataces, foi posteriormente destruída pelo barbaro Remismundo, rei dos Suevos.

Esta destruição de *Conimbrica*, feita pelos Suevos, leva-nos a crer que o moribundo povo Romano ainda a reedificou toda ou em parte: ou, se não foram os Romanos, foram certamente os proprios destruidores, talvez para se aproveitarem do sitio, que, em verdade, offerecia vantagens por ser ponto mui defensavel.

Nada mais nos diz a historia. Entremos agora na descripção d'esses preciosos restos da antiguidade, d'esses tempos de cruel e lamentavel barbarismo.

(24) «Transeuntes Conimbriam novam, vidimus ibi multos Dei ministros laborantes, jussu Atacis, in constructione murorum novae arcis, quam ipse supra mundam facit (devastata jam prima populatione): ibi erat servus Dei Elipandus Episcopus et Essenus presbyter et multi alii servientes in operibus: flevi cum illis comparem afflictionem et ablatum in Lusitania jus imperatorum.»

D. Rodrigo da Cunha, *Catal. dos Bispos do Porto*, p. 44.

V

A famosa Conimbrica dos Romanos, estava situada ao sul do Mondego, sobre um monte de pequena altura, proxima ao logar a que hoje chamam *Condeixa, a Velha*.

Para o sul, o monte sobre que assentam as ruinas venerandas de Conimbrica, é cortado quasi a prumo, offerecendo 'numa ingreme descida um terrivel precipicio. Em baixo corre no inverno uma grande ribeira, que na força do estio diminue bastante, se não chega a seccar totalmente.

Esta parte das ruinas revela ainda hoje ao viandante a grandeza respeitavel das fortalezas romanas. Acabando 'num angulo agudo, os fortes muros d'esta parte da cidade são, pela sua solidez de construcção e grossura, a admiração das modernas gerações (25).

Dentro d'estes muros pôde a agricultura metter mãos; e, por entre os restos das habitações romanas, tijolos, telhas e desmoronadas paredes, rebentam ao sol do inverno verdes searas de cevada e trigo, a que dá sombra em partes um grande numero d'oliveiras.

Para o norte, o que resta das muralhas abrange maior extensão. Aqui se levanta uma porção do aqueducto, que conduzia para a cidade as aguas

(25) «As muralhas que cingem o recinto de Condeixa, a Velha (em parte com 20 palmos de largo!), são ainda tão fortes, que disputam duração a uns poucos de seculos vindouros.»

Ant. L. S. H. Sêcco — *Mem. Hist. Chorogr.*

de *Alcabedeque* pelo espaço de uma legoa. Além, em meio de uma terra cultivada, ergue-se um velho cunhal de fortaleza. Além mais, um pedaço de muralha que ainda não cedeu ao destruidor alvião, que ainda não quiz deixar o posto que lhe haviam confiado os heroicos dominadores do mundo — parece sentinella perdida, a quem abandonou a esperança d'encontrar os seus!

Assim, por essa extensão de norte, veem-se e admiram-se muitas d'estas mudas testemunhas d'esses tempos que passaram.

A entrada para a parte sul da cidade, era por sobre um arco, que ainda lá se vê intacto! — Mais abaixo ainda existem dous arcos segurissimos, sobre que se construíram casas; sendo por isso custoso dar com elles, o que não conhecer aquelles sitios.

Mas, nem uma inscripção! nem um signal intelligivel d'essa passada grandeza!

Ha pouco alli fomos e só podémos ver parte de uma inscripção latina 'num pedaço de pedra desprezada! Ainda lemos: C. IULIO, e nada mais.

Seria Caio Julio Cesar o sugeito de quem fallava o letreiro? Ninguem o póde dizer; os seculos são mudos, e a historia calla-se.

Mas, archivaria ella, comtudo, algumas noticias a respeito de seus habitantes, a respeito de sua grandeza, de sua destruição? Algumas noticias encontrámos nos livros; mas escassas, mas incompletas.

Pedro de Mariz nos seus *Dialogos de varia historia*, diz: «... aonde ainda hoje estão muitos

signaes e mostras de nobreza e antiguidade: como são arcos de pedraria bem lavrada, pilares e alicerces bem fundados; e muitos letreiros de diversas lingoas, signal certo de ter tambem diversos senhores».

Infelizmente, esses letreiros de que falla Mariz, já não existem. Mariz escreveu nos fins de 1500, e se no seu tempo existiam essas inscrições em diversas lingoas, hoje nem uma existe.

Sabemos sim, que 'nessa contínua lucha de mais de 774 annos, entre Conimbrica e os barbaros invasantes, ella teve necessariamente diversos senhores, e d'elles o mais poderoso e civilizado foi certamente o Romano, e aquelle em cujo poder esteve por mais tempo.

Bernardo de Brito Botelho em sua *Historia breve de Coimbra*, tambem falla de sua grandeza «...e bem o justificam ainda seus fortissimos muros e vestigios de castellos, que defendiam os canos d'agoa, que vinham de Alcabedeque.»

Em muitos escriptores antigos e modernos, achámos referencias áquella cidade; porém os seus dizeres são os mesmos: era grande, era forte, era nobre, e eis aqui tudo.

Encontrámos apenas em Gaspar Barreiros, e em Coelho Gasco, a copia de uma inscrição romana, achada na ponte da *Atadoa*, proximo a Condeixa, tirada, dizem elles, d'entre muitas que viram na referida ponte (26).

(26) Lá estivemos: não vimos inscrição alguma, apenas fragmentos em pedras partidas, com seus labores e rendados.



A inscripção, segundo Gaspar Barreiros, diz assim :

D. M.  
VALERIO AVITO  
VALERIO MARINI  
FIL. A. XXX.  
VALLERIA FUSCILLA  
MATER, FIL.  
CARISSIMO ET PIENTISSIMO,  
ET OBSEQUENTISSIMO  
P.

SCRIBI IN TITULO VERSICULOS VOLO QUINQUE DECENTER.  
VALERIUS AVITUS, HOC SCRIPSI, CONIMBRIGA NATUS, MORS  
SUBITO ERIPUIT.

VIXI TERDENOS ANNOS SINE CRIMINE VITAE.

VIVITE VECTURI.

MONEO, MORS OMNIBUS INSTAT.

Em portuguez:

«Em nome dos Deuses Manes. Eu Valeria Fuscilla, levanto este monumento ao meu muito amado, piedoso e obediente filho Valerio Avito, filho de Valerio Marino, que a morte me roubou na idade de trinta annos.

Quero que estes cinco versos, sejam convenientemente gravados como epitaphio na sua sepultura.

Eu Valerio Avito, o escrevi,— nasci em Coimbra,— a morte subitamente me arrebatou.— Trinta annos vivi sem mancha em toda a minha vida.— Vós os que por aqui passardes vivei.— Lembrae-vos porém, que a morte é partilha de todos».

A ponto vem lembrarmos que Fr. Agostinho de Sancta Maria no seu *Sanctuario Mariano* (27) apresenta nove inscripções copiadas de pedras da torre de Condeixa, a Nova (pedras que debalde procurámos em 1860), das quaes mostraremos as tres primeiras.

D. M.

AURELIO RUFO ANN. 23.

VERNACULUS MATERNAE.

LIB. ET FORTUNATA AEMILIAE.

LIB. FILIO PIITISS.

F. C.

|                                                   |
|---------------------------------------------------|
| DICROCO QUI TRANSIS,<br>SIT. TIBI TERRA<br>LEVIS. |
|---------------------------------------------------|

---

D. M.

M. AURELIO AVITO ANN. 21.

M. AURELIUS LABERIANUS ET

PUBLIA AVITA FILIO PHISSIMO.

F. C.

---

D. M. S.

HELEN. ANN. 33 FESTIVA ET

AN. XVIII AUGUSTIN. AN. XIII.

ARQUIA HELENA MATER.

E. T. P.

F. C.

(27) *Sanctuario Marian.* T. 4.º, pg. 693.



Agora temos de fallar das muitas moedas romanas, que alli se encontram actualmente. São de cobre pela maior parte, e de pequenas dimensões. Apparecem tão deterioradas e carcomidas pelo tempo, que difficilimo se torna por isso a sua leitura.

Devemos a um cavalheiro, que habita na Atadôa (28) a posse de duas moedas romanas, nas quaes se lê ainda: no anverso de uma, Divo, CARO, PIO; e no reverso: CONSECRATIO. Esta palavra lê-se em volta de uma aguia que tem por baixo II (29), e Divo, CARO, PIO, em volta de um busto de guerreiro, coberto com um capacete.

A outra moeda é do imperador Constantino. De um lado tem a cabeça de um homem, enfeitada com dois fios de perolas (?), e em volta a legenda: CONSTANTINUS AUGUSTUS; e do outro tem uma como fortaleza, em orla da qual se lê: VIR-TUS AUGUSTISSIMUS (?): no exergo d'esta fortaleza

(28) O ill.<sup>mo</sup> sr. Wenceslau Martins de Carvalho, que teve a bondade de nos dar algumas moedas romanas, arabes, e portuguezas, e nos mostrou um precioso achado por elle feito em suas terras. Consiste elle em mais de 5:000 tijolos romanos, pouco mais ou menos com um decimetro de comprimento cada um, 25 millimetros de altura, e 5 centimetros de largura. Pela limpeza e perfeita côr do barro mostram não haver ainda servido. Appareceram em monte, quando se abria uma cova em uma propriedade d'este senhor.

(29) Talvez dous asses. O ás representava a unidade de valor na moeda romana. A principio pesou uma libra, mas depois foi muito reduzido o seu valor. O ás corresponde a  $8\frac{1}{2}$  réis de nossa moeda. V. *Instruc. de numismatica*, por M. de Queiroga Carneiro de Fontoura.

leza parece ler-se Constantino, por abreviatura Const.: crescem, porém, tres letras a que não podemos dar traducção alguma, crendo, comtudo, que qualquer numismata as decifrárá facilmente; são dois *SS* e um *F*.

Além de muitas medalhas romanas, encontram-se tambem outras arabes; e por isto nos lembra ainda, que talvez a cidade, em parte reedificada, chegasse até ao dominio dos Arabes ou Mouros, começado em 714; e que até mesmo fosse occupada pelos sectarios de Mohammed.

As medalhas com caracteres arabigos são prova d'esta asserção; e tambem o facto de chamarem os habitantes de Condeixa, a Velha, *Almedina*, ás ruínas da cidade; porque, *Almedina*, significa cidade na lingua Arabica (30).

Depois da mudança, Conimbrica começa de ser a famosa rainha do Mondego, sob o sceptro de monarchas Mouros, e a arrazada cidade lá vae, pouco a pouco, dando ao esquecimento o seu viver e o seu nome.

O tempo corre, e o glorioso anno de 1064 assoma para a Lusitania brilhante de esplendor e liberdade!

Fernando Magno, rei de Castella, Aragão, e mais tarde de Portugal, vem derribar do throno de Coimbra o seu ultimo rei Mouro, Cide Arabum Arabe, e Coimbra christã, começa então o seu reinado auspicioso com o governo do nobre conde D. Sesnando.

(30) Fr. João de Sousa. — *Vestig. da ling. Arabica em Portugal*.

Desde esta época, a historia de Coimbra é mais sabida; conhecem-se-lhe os Bispos, podem-se-lhe contar os governadores até ao comêço da nossa monarchia, e sabem-se finalmente os principaes acontecimentos que 'nella se deram.

Quanto á sua antiga historia, pouco se pôde dizer; porque apesar de a darmos fundada por Ataces, creem alguns escriptores que anteriormente já aqui existia uma cidade, ou povoação importante, que fôra fundada por Hercules. Pela nossa parte duvidámos de tão grande antiguidade, porque os auctores que lh'a dão, não se fundam para isso em documento algum.

Mas, apresentaremos ainda assim o que deu origem á crença do vulgo.

Na entrada para o Castello de Coimbra lia-se outr'ora: *Quinaria Turris, Herculeu fundata manu*. Em vista d'esta lettra, attribuiam a Hercules a fundação não só da torre, senão tambem a da cidade; porque até aos formosos campos de Coimbra, chamaram os antigos *Herculeos*.

Encontrámos ainda em João Pedro Ribeiro, no sabio investigador de preciosidades historicas, a inscripção da *Quinaria*, precedida d'estas palavras:

« A inscripção da *Quinaria* acha-se ha muito tempo defeituosa, e no estado actual se lhe divide em lettras parte Onciaes, ou Gothicas, e parte Romanas iniciaes, ou majusculas com algumas lettras conjunctas, em sete regras o seguinte:

✠ Era MCCXXX. Regnante apud Portugale Rege Sancio incliti Regis Alf...

Et Regine Mahalde filio et illustris comitis  
Henrici et nobilissime Tar...

Regine nepote ipso jubente contractas est hec  
turris anno Reg...

sius et uxoris ejus Regine Dulcie tercio de...

A captione vero civitateis per Reg...

nandum ex Sarracenis centesimo trieessi...

Presidente tunc in predicta civitate Episcopo  
Domno Pet...» (31).

Em portuguez diz:

No anno de 1230, reinando em Portugal o Rei  
Sancho, filho do famoso Rei D. Affonso Henri-  
ques e da rainha D. Mafalda, neto do illustre  
conde D. Henrique, e da muito nobre Rainha  
D. Thereza, foi levantado este monumento por  
seu proprio mando, no terceiro anno do seu rei-  
nado e de sua esposa D. Dulce, cento e trinta  
annos depois que a cidade foi tomada aos Sarra-  
cenos, em tempo que á referida cidade presidia  
o Bispo D. Pedro.

Em meio de tão desencontradas opiniões, fize-  
mos quanto em nossas forças cabia. Neste cahos  
de incertezas determinámos alguma cousa: mas  
seriamos verdadeiros 'nesta determinação? Deci-  
dam-no os eruditos, e façam elles o mais que  
não podémos fazer.

(31) J. P. Ribeiro. *Dissert. Chron. e Crit.* T. 1, pg. 27.

O sr. A. de C. no 10.º vol. do *Instituto*, pg. 213, apresenta  
esta mesma inscripção com as lacunas interpretadas

# VOPELIARES

---

Ao illustrissimo e excellentissimo senhor

CONDE DA GRACIOSA

---

## I

Quem hoje quizer fallar na historia d'esta ou d'aquella povoação coeva da infancia da nossa monarchia, não o poderá fazer sem conjunctamente tractar da historia geral do paiz, visto que laços apertadissimos unem o viver das poucas cidades e aldeias que Portugal teve em seu principio; com a historia dos limites do Condado de Portugal, com a de seus possuidores e com a de seus mosteiros e ordens religiosas.

Procurando nos escriptores de melhor nota, noticias ou mesmo simples esclarecimentos a respeito de *Volpeliars*, ou melhor, *Vopeliars*, povoação ou quinta que existiu entre o rio Mondego e o Douro, pelos annos de 1040 e seguintes, achámos, tão intimamente ligados com os acontecimentos notaveis da historia, os esclarecimentos a respeito de *Vopeliars*, que não poderemos



tractar d'estes esclarecimentos sem tambem fallar 'naquelles factos notaveis.

Assim, guiados nas trevas do passado pela Historia do Sr. A. Herculano, entraremos com passo firme e seguro 'nessa noute de oito seculos, e, consequentemente, no que faz agora parte d'esta pequena memoria.

## II

Com Raymundo, Conde de Borgonha, viera á Hespanha um nobre cavalleiro francez, filho de Henrique, neto de Roberto Conde de Borgonha, e bisneto de Roberto II Rei de França, chamado Henrique. Ou elle procurasse fortuna na Peninsula, entre as contínuas guerras e conquistas que então alimentavam a Hespanha, ou tivesse em vista o conseguimento de um casamento illustre — «É certo... que no principio de 1095 Henrique estava casado com Tarazia, Tareja (The-reza), filha bastarda de Affonso VI.» (1).

Henrique, a quem D. Affonso VI havia dado, com a mão de sua filha, o titulo de Conde e a provincia Portucalense, governava em 1097 o territorio entre o Minho e o Tejo (2).

Não se sabe ao certo as condições com que D. Affonso deu ao conde D. Henrique a provincia Portucalense; e d'aqui vem a famosa contenda, entre os escriptores hespanhoes e portuguezes, ácerca da independencia de Portugal.

(1) Sr. A. Herculano, *Hist.* vol. 1.º, pag. 197.

(2) Sr. A. Herculano,

No principal documento que os hespanhoes apresentam, para mostrar a sujeição do Condado de Portugal a Castella (3), achâmos nós tambem a principal noticia a respeito de *Vopeliaries*.

É uma carta de Affonso VI ao Conde D. Henrique, a respeito da quinta de *Vopeliaries*, que o Bispo de Coimbra D. Mauricio (4) disse lhe haviam tirado para a darem a D. Cypriano (5), pertencendo ella ao seu Mosteiro da Vaccariça, ou Bubulense.

(3) E tambem portuguezes — «... nos dous annos que decorreram entre o fallecimento de Raymundo e de Affonso VI (1107 a 1109), elle (D. Henrique) residiu quasi sempre em Portugal na obediencia do sogro.» — Sr. A. Hercul. *Hist.* liv. 1, pag. 211.

«Deu-lhe depois o governo de Portugal com o titulo de *Conde*, que elle exerceu: mas com sujeição a seu sogro.» — M. A. Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a Historia do Governo*, pag. 43.

(4) «D. Mauricio Burdino, aquelle, que nascido em França na cidade de Limoges, veyo á Hespanha com o Arcebispo do Toledo D. Bernardo, e passados alguns annos chegou a ser Bispo de Coimbra e de Braga; e movendo depois em Italia um Scisma escandaloso, se quiz chamar Gregorio VIII.» — Rocha, *Portugal Renascido*.

(5) Quem fosse este D. Cypriano é cousa que não podemos saber. Pelo final da carta, vê-se que D. Cypriano devia ser Bispo ou pessoa ecclesiastica, e sendo, como ao diante se verá, a posição de *Vopeliaries* nas terras da Feira ou de Sancta Maria, faz lembrar que D. Cypriano fosse Bispo do Porto. No catalogo dos Bispos d'esta cidade não apparece tal nome. Depois do Bispo D. Sesnando houve Sé vacante, e tres prelados governaram o Bispado: D. Paio, primeiro em o nome; D. Rodrigo e D. Paio, segundo. Por este tempo era Bispo de Coimbra D. Mauricio, de modo que, se a carta de D. Affonso VI, quando diz Cypriano, se refere ao Bispo do



A carta diz assim:

«Affonsus Dei gratia Imperator vobis dilectis-  
«simo filio meo Comite Henrico in Domino salu-  
«tem. Venit ad me querela de ipso Episcopo de  
«Colimbria de Villa de Volpeliars quae est sub  
«testamento de suo Monasterio de Vaccariça, quam  
«habent minus, et dicunt mihi, quia ego dede  
«illam ad Dominum Ciprianum, sed non venit  
«mihi in mente, et quamvis ego eam dedissem si  
«in testamento erat de illo monasterio, ego nec  
«autorigo, nec autorigabo eã, sed vos quantum  
«mihi bene quaeritis causam de illa sede et illos  
«monasterios inderẽzata illas. Valet.»

Em portuguez:

«Affonso por graça de Deus Imperador, a vós  
«amantissimo filho meu o conde Dm Henrique,  
«saude em o Senhor. Fez-me queixa o bispo de  
«Coimbra, que lhe falta a Villa de Vopeliars, a  
«qual pertence ao seu Mosteyro da Vaccariça, e

Porto, devia então dizer D. Paio. A D. Paio seguiu-se o Bispo D. Hugo, na Sé do Porto, e na de Coimbra, a D. Mauricio, D. Gonçalo, e foi no tempo dos ultimos Bispos d'estas Dioceses, que realmente houve a contenda a que parece alludir a carta de D. Affonso; porque «com o Bispo D. Gonçalo fez o Bispo D. Hugo uma composição»... «avieram e concertaram sobre as igrejas d'além Douro e terras da Feira» (\*). Harmonisam-se, comtudo, estas cousas. As palavras da carta: «encaminhai lá, e resolvi a contenda d'estas igrejas» referem-se ás Sés de Coimbra e Porto, e aquelle D. Cypriano foi, provavelmente, algum rico-homem, senhor de *Vopeliars*.

(\*) D. Rodr. da Cunha, *Catalogo dos Bispos do Porto*, 2.<sup>a</sup> ed., part. 1.<sup>a</sup>, pag. 318.

«dizem que eu a dei a Dô Cipriano, do que não estou lembrado. E dado caso que eu a dêsse, «se ella era do dicto Mosteyro, eu nem auctoriso, «nem auctorisarei a doação. Vós pelo bem que «me quereis encaminhai lá, e resolvei a contenda «d'estas igrejas. Deus vos guarde.» (6)

Dissemos que fôra o Bispo D. Mauricio quem se queixára a D. Affonso vi, e assim é. Attribuindo-se ao anno de 1109 o famoso documento, (7) e sendo Bispo de Coimbra D. Mauricio, desde 1098 até 1110, anno em que foi para Arcebispo de Braga (8), concluimos que — a mitra dos Bispos de Coimbra devia 'nesse tempo cobrir a cabeça de Mauricio Burdino (9).

Dissemos tambem que os escriptores hespanhoes desuniam da carta de D. Affonso vi a obediencia do Condado de Portugal a Castella, e agora diremos tambem que os nossos a produzem em seu favor. Brito, e Barbosa, são d'esta opinião, assim como o é, á face do direito, J. Pinto Ribeiro, encarando a queixa de D. Mauricio, mais como um meio de que o Bispo se serviu para saber se D. Affonso tinha dado a quinta de *Vopelia-*

(6) *Monarchia Lusit* part. 3.<sup>a</sup>, cap. viii. Barbosa, *Cat. Chronol. das Rainhas de Portugal*, pag. 39. J. Pinto Ribeiro, *Injustas Successões*, pag. 68.

(7) J. Pedro Ribeiro, tit. 3, part. 1.<sup>a</sup>

(8) Francisco Leitão Ferreira, *Catalogo dos Bispos de Coimb. nas Memor. de Hist. da Acad. Portuguesa*, de 1724, pag. 51.

(9) «Burdino que se entende ser nome de familia.» Leitão Ferreira, *Catal. dos Bispos de Coimbra*.

res a D. Cypriano, do que com outro fim, e inferindo das mesmas palavras da carta que, o conde D. Henrique governava do Minho ao Tejo (10), sem obediência ou sujeição a D. Affonso vi.

Sem allusão ao documento ainda Duarte Nunes de Leão impugna as opiniões dos escriptores castelhanos, mostrando que o dote de D. Thereza lhe foi dado sem vassallagem ou foro algum (11).

Mas, porque o nosso proposito não é verdadeiramente este, e porque sòbejamente hemos fallado já da carta de D. Affonso vi, concluiremos com o que diz um escriptor contemporaneo: «Fôsse, ou não, tributario a Castella o Condado de Portugal, o que é fóra de toda a dúvida é que a nacionalidade portugueza foi devída a D. Henrique (12).»

### III

Fallaremos agora de um outro documento concernente a *Vopeliars*, mas dizendo alguma coisa quasi promiscuamente a respeito das ordens religiosas e dos mosteiros em geral.

Antes do 18.<sup>o</sup> anno do governo Tiberio, em que foi crucificado Jesus Christo, claro está que

(10) «Comite Domno Henrico genero supradicti Regis (Affonso vi) dominante a fluvio Minio usque in Tagum.» Brandão, *Monarch. Lusit.* tom. 3, liv. 8, cap. 10.

(11) Duarte Nunes de Leão, *Chronica do Conde D. Henrique*, pag. 33.

(12) Sr. J. A. de Sousa Doria, *Comp. de Hist.*

não podia haver na Peninsula templo algum que não fôsse pagão.

Com a peregrinação dos Apostolos pelo mundo veio á Hespanha a religião de Jesus Christo, pois — «É certo... que pelos fins do seculo II havia já nas Hespanhas Egrejas Christans» (13).

Como arbusto novo em escavada encosta, exposto ao capricho dos ventos, assim a nova arvore religiosa com difficuldade foi medrando, açoitada de contínuo pelas invasões das hordas barbaras de Vandalos, Suevos e Alanos.

Com a vinda dos Godos (Visi-godos e Ostro-godos), em 585, veio tambem para a religião tempo de maior bonança. « Os barbaros a quem a ignorancia e o espirito da independencia dispunham para obedecer antes ás ordens de Deus, de quem os Bispos se diziam os oraculos, do que ás dos outros homens, ainda mesmo dos Reis... » — por interesse proprio sympathisavam com ella. « Em taes circumstancias... procuraram o apoio dos chefes da religião. Chamaram-os para o seu conselho: remetteram aos Concilios todos os negocios de importancia; e encarregaram aos Bispos, em grande parte, a administração da justiça » (14).

Em 714 os Arabes, ou Mouros, invadiram a Peninsula; e, com a morte de Rodrigo nas margens do Cryssus, terminou o dominio Godo nas Hespanhas.

É facil de conceber a lucta espantosa entre in-

(13) M. A. Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a Hist.* pag 13.

(14) Coelho da Rocha, *Ensaio*, pag. 20.

vasores e invadidos!... Tardia chegou a transacção, mas veio.

Livre tinham os christãos o exercicio de sua religião (15), e, a par d'essa liberdade de culto, grande era tambem a miseria e pobreza.

Uma cousa havia então, verdadeiramente civilisadora: era a devoção religiosa.

Permittia-se a todos a fundação de Mosteiros, Cenobios e Asceterios.

Avultado era o numero de doações feitas e estas casas, já pelos Bispos, já pelos grandes senhores, já pelo povo, e, o que mais é, até por alguns Mouros. D'aqui veio a creação de muitas casas religiosas durante os seculos 9.º, 10.º e 11.º.

Entre os muitos mosteiros que havia no vasto territorio de Coimbra ao Porto, existia o Mosteiro Bubulense, ou da Vaccariça «na antiga villa da Vaccariça, hoje pertencente ao concelho da Mealhada, situada perto do Bussaco, meia legua ao poente de Luso» (16).

Foi um mosteiro rico e afamado, de religiosos Agostinhos ou Benedictinos (17), fundado, ao que parece, entre os annos de 537 a 543 (18).

(15) «Os Ministros communicavam e correspondiam-se livremente; celebravam Concilios; usavam de vestes ecclesiasticas, e até dos sinos para a reunião dos fieis.» Idem, pag. 38.

(16) Vid. *Hist. do Mosteiro da Vaccariça*, pelo Sr. Dr. A. A. da Costa Simões.

(17) Fr. Antonio da Purificação chama-lhe Mosteiro da sua ordem, e Fr. Leão de S. Thomaz diz que pertencia aos Benedictinos. Vejam-se estes chronistas.

(18) Sr. Dr. Simões, cit. *Memoria*.



Era este mosteiro senhor de muitas villas, logares, pequenos mosteiros e igrejas, como se póde ver no livro Preto da Sé de Coimbra (19).

Entre as doações d'este Mosteiro é que reencontrámos noticia de *Vopeliarses*.

É uma avultada doação feita por um Resemundo, filho de Maurelio e de Bazelisa... cujo theor é o seguinte:

«Ego domine famulus tuus resemondus prolix  
«maurele et baselise... Adicimus ibidem domine  
«ad ipsius sacrosanctum et venerabilem templum  
«qui sunt per velamen servorum vel ancilarum  
«deo de servicio, medietatem de ecclesia que sita  
«est in villa foramontanos vocabulo sancte marie  
«cum medietate de mea hereditate de villa vopeliarses, etc.» (20)

Aonde seria o assento de *Vopeliarses*? Seria uma villa, pequena povoação, ou simplesmente uma quinta? Porque se chamaria *Vopeliarses*? São perguntas que naturalmente se fazem depois da leitura d'esse vetusto documento.

#### IV

Não é possível determinar o logar em que existia *Vopeliarses* (21); comtudo, emittiremos a tal respeito uma opinião.

(19) *Livro Preto*, folhas 35, 61, 67 v.º e 68, etc.

(20) *Livro Preto*, folhas 64.

(21) «Ninguem sabe agora onde foi a Troia, nem Athenas, nem Corintho... Tal aconteceu a algumas cidades da Lusitania de que não ficou mais memoria que o nome que tiveram.» Duarte Nunes de Leão, *Descripção de Portugal*, pag. 28.

Fr. Leão de S. Thomaz, depois de fallar nas muitas povoações que o Mosteiro da Vaccariça tinha entre o rio Vouga e o Mondego, diz: «E no Bispado do Porto tinha a villa de *Gelpilhares*... juncto ás terras de Sancta Maria...» (22) Seria esta *Gelpilhares* a mesma *Vopeliars* da carta de D. Affonso vi, e a mesma da doação? Parece-nos que sim; porque o facto de Fr. Leão de S. Thomaz não fazer menção d'esta *Gelpilhares* no escholio que faz das povoações do Mosteiro entre o Mondego e o Vouga, para a ir collocar nas terras de Sancta Maria, prova que esta *Gelpilhares* é a mesma *Vopeliars*, só com a differença na corrupção do vocabulo. Com a troca de um *o* por um *e* e de um *e* por *i*, ainda hoje existe a uma legoa do Porto (23). Poderá parecer ainda uma dúvida o dizer Fr. Leão de S. Thomaz que era no Bispado do Porto essa povoação, e o Bispo de Coimbra chamar-lhe sua, na carta ou queixa que fez a D. Affonso vi; mas é esta uma duvida que de prompto desaparece.

Pela carta de D. Affonso ao conde D. Henrique, vê-se que o Bispo só deveria ter dicto que *Vopeliars* era do seu Mosteiro da Vaccariça, sem comtudo estar no seu Bispado: e, mesmo que assim fosse, a duvida desfazia-se ainda — «Pedi (Nuno Soares, o velho) ao Bispo de Coimbra D. Cresco-

(22) Fr. Leão de S. Thomaz, *Benedict. Lusit. Tract.* 2.º, part. 2.ª, pag. 352.

(23) «Gospelhares — freguezia da Provincia do Douró, concelho de Gaia, comarca a uma legua do Porto, 51 de Lisboa, 753 h.» — *Taboa Geographico-Estatistica Lusitania*, por nm Flaviense.



nio (chegava 'naquelle tempo o Bispado de Coimbra até ao rio Douro...)» (24).

Seria Vopeliars uma villa como aquellas povoações a que hoje damos tal nome? Cremos que não. A carta de Affonso vi e a doação de Resemundo dizem villa; mas esses documentos são escriptos em latim, é verdade que barbaro, e *villa* quer dizer *quinta* ou *casa de campo*. Demais, sendo Portugal limitadissimo, muito especialmente a respeito de povoações (25), não é provavel que tivesse muitas villas, mormente com o sentido em que hoje tomâmos a palavra *villa* (26).

«A escacez de numerario era tal que não é raro encontrar-se vendas ou permutações de terras, de largas herdades, e das chamadas *villas*, a troco de um boi, de uma vacca ou bezerra, de uma egua, de uma ovelha, de uma manta, etc.» (27).

O facto d'este escriptor depois de mencionar herdades fallar nas chamadas *villas*, sublinhando a palavra, prova que villa era uma herdade como outra, mas que tinha mais alguma cousa, sem comtudo ser uma povoação como as de hoje.

Porque se chamaria Vopeliars? Foi duvida

(24) D. Nicolau de Sancta Maria, *Chronica de Sancto Agostinho*, part. 1.<sup>a</sup>, pag. 280.

(25) «Porque as terras de Portugal que estavam ganhadas aos Mouros, quando o deram ao Dom Henrique estavam ainda tão hermas e despovoadas que apenas em todas se achavam trezentos de cavallo.» Duarte N. de Leão, *Chronic. do conde D. Henrique*, pag. 33.

(26) Vid. o *Supplemento ao Elucidario*, na palavra Villa.

(27) Coelho da Rocha, *Ensaio*, etc., pag. 39.

que também creámos e a respeito da qual passámos a emittir um parecer.

*Volpes*, ou *vulpes*, *vulpis*, significa a — raposa — de modo que, sendo Portugal, por assim dizer, despovoado, e, consequentemente muito arborisado, nada mais facil de admittir que suppôr a existencia da dicta *quinta* ou *casa de campo*, encostada, ou cercada de matas em que andassem raposas (28), visto que de *volpes*, ou *vulpis* se faz *vulpinor*, *vulpinaris*, que para *Vopeliars* não frisa muito mal (29).

Ahi fica o que, como simples curioso, podemos obter depois de examinarmos trinta ou quarenta livros diversos.

(28) Os antigos chamavam a uma raposa *Golpelha*. Ainda isto vem em auxilio da nossa *Golpelbares*.

(29) Também foi muito lisongeira para nós a opinião do erudito e esclarecido Sr. M. da Cruz Pereira Coutinho, que disse a um amigo nosso terem estas conjecturas attingido a verdade.

## LISTA DOS SENHORES ASSIGNANTES

---

III. <sup>mos</sup> Ex <sup>mos</sup> Srs.

Dr. Antonio d'Oliveira Silva Gaio  
Dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles  
Annibal Pippa Fernandes Thomaz  
Antonio José Lopes Navarro  
Antonio Julio da Costa  
Antonio Borges de Medeiros  
Adelino Soares  
Alexandre d'Albuquerque  
Adriano Anthero de Sousa Pinto  
Antonio Maria d'Araujo  
Antonio das Neves e Sousa (Padre)  
Ayres Mendes de Carvalho  
Augusto de Miranda  
Antonio Cardoso Vieira  
A. C. Girão  
Augusto Francisco Aleixo dos Santos  
Augusto Maria de Castro  
Arthur Palmeirim  
Antonio Joaquim de Caldas  
Alvaro do Carvalhal  
Alfredo de Faria  
Antonio Maria Larcher Marçal  
Antonio Monteiro Rebello da Silva  
Augusto Cesar Moutinho d'Abreu Andrade  
Antonio da Costa Brandão e Brito  
Adriano Augusto Brandão da Silva Ferreir  
Affonso d'Almeida Fernandes  
Affonso José Lucas  
Antonio Feliciano da Costa Teixeira de Brito  
Antas (Conde das)  
A. S. de Noronha (Padre)  
Antonio Augusto Manique de Mello  
Antonio José d'Oliveira Mourão

Alfredo Carlos Passanha  
Antonio da Silva Alves Pereira  
Antonio de Padua Ponces  
Antonio Joaquim da Cunha Berrance  
A. H. da Silva  
Antonio Joaquim Margarido Pacheco  
Adriano Augusto de Serpa Pinto  
Antonio de Sousa Teixeira  
Antonio Julio de Santa Martha  
Antonio d'Albuquerque Amaral  
Antonio Eduardo de Moura  
Alipio Coelho do Amaral  
Antonio d'Oliveira Brandão  
Annibal Corrêa Taborda  
Augusto Madureira  
Augusto da Cunha Pimentel da Gama  
Antonio Duarte Marques Barreiros  
Antonio de Sousa Maldonado  
Adriano Acacio Moraes Carvalho  
A. Germano da Fonseca Santos  
A. Machado  
Antonio Telles Macedo  
Bernardo Ferreira Bairrão Ruivo  
Bernardo José Pinto de Mendonça Ferrão  
Bernardo José dos Santos Ferraz  
Bernardino Alves de Moura  
Carlos Eugenio Ribeiro Dias da Silveira e Castro  
Candido Augusto d'Oliveira  
Christovam de Brito Pereira de Sousa Menezes  
Constantino do Valle Coelho Cabral  
Cyriaco Lourenço de Sousa  
Cesar Augusto Henriques  
Dr. Custodio Nunes Borges de Carvalho  
Delfim Deodato Guedes  
Duarte Augusto de Frias Ribeiro  
Eugenio Rodrigues Severim d'Azevedo  
Eugenio Elvizio Alvares Fortuna  
Eduardo Pereira Tovar de Lemos  
Eduardo Candido de Castro e Mello  
Eduardo Correia d'Oliveira

Eduardo R. de Mattos Coelho  
Elysio Freire d'Abreu  
Francisco José de Medeiros  
Francisco de Mello  
Francisco Augusto Caldeira  
Francisco Eduardo de Barahona Fragoso  
Francisco Augusto Cardoso  
Francisco João de França  
Francisco Antonio Soares Carrapatoso  
Francisco José Lopes de Mattos Viegas  
Francisco Thomaz Ferreira  
Francisco Caldeira  
F. de Bettencourt Miranda  
Filomeno da Camara  
Francisco Porfirio de Magalhães  
Francisco L. d'Azevedo Coelho  
Francisco Mendes Callado  
Fernando Frederico Bartholomeu  
Francisco Augusto Correia Barata  
Francisco Botelho Correia Machado  
Francisco da Silveira Vianna  
Fernando Rocha  
Fernando (Visconde da Barca)  
Gonçalo Xavier d'Almeida Garrett  
Guilherme Machado de Faria e Maia  
GuilhermeGorden Norton  
Henrique Manoel Ferreira  
Henrique de Queiroz Pinto Serpe  
Hermano Victorino de Medeiros  
Heitor de Lemos e Sousa d'Aragão  
Honorato Pinto do Rego  
Ildefonso Porphyrio de Mendonça e Silva  
Isidoro Augusto de Sá  
Joaquim Ferreira Machado  
José Galião  
José d'Albuquerque Pimentel Vasconcellos  
José de Vasconcellos Cerveira Lebre  
José de Vasconcellos Mascaranhas Pedroso  
José Custodio Ferreira de Mello  
José Breves d'Oliveira Roxo



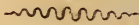
João Tavares de Macedo  
José Carrilho Videira  
Joaquim Carrilho Garcia  
José Mendes Norton  
José Augusto Guedes Teixeira  
José Manuel da Silva Guizado  
Joaquim Guedes de Magalhães  
José de Castello Branco  
José Cabral Teixeira  
José M. Penha Carvalho  
José Julio Teixeira  
José Maria Pestana  
José Soares de Barros Machado  
José de Castro Guimarães  
José Maximino da Silva Azevedo  
Jorge Monjardino  
Joaquim Lisbano d'Almeida Didier  
José Joaquim Dias Gallas  
João Antonio Ferreira Maia  
José Maximiano Dias  
José Antonio de Sancta Anna Correia  
José Rodrigues Pardinha  
José Antonio Pimenta de Castro  
José Victorino Pareto  
João de Freitas  
José Simões Dias  
José Lopes Bandarra  
João Cardoso da Cunha Ferreira da Motta  
José Joaquim Gomes de Vilhena  
José Maria Pedroso Barata dos Reis  
Joaquim José da Costa e Simas  
Joaquim Romão Mendes Papança Rojão  
João Maldonado Passanha  
José Augusto da Silva Mattos  
José Augusto da Cruz de Vasconcellos Salgado  
João Dally Alves de Sá  
José Franco Ramos  
José Machado de Faria e Maia  
José da Costa Delgado  
João Augusto Teixeira

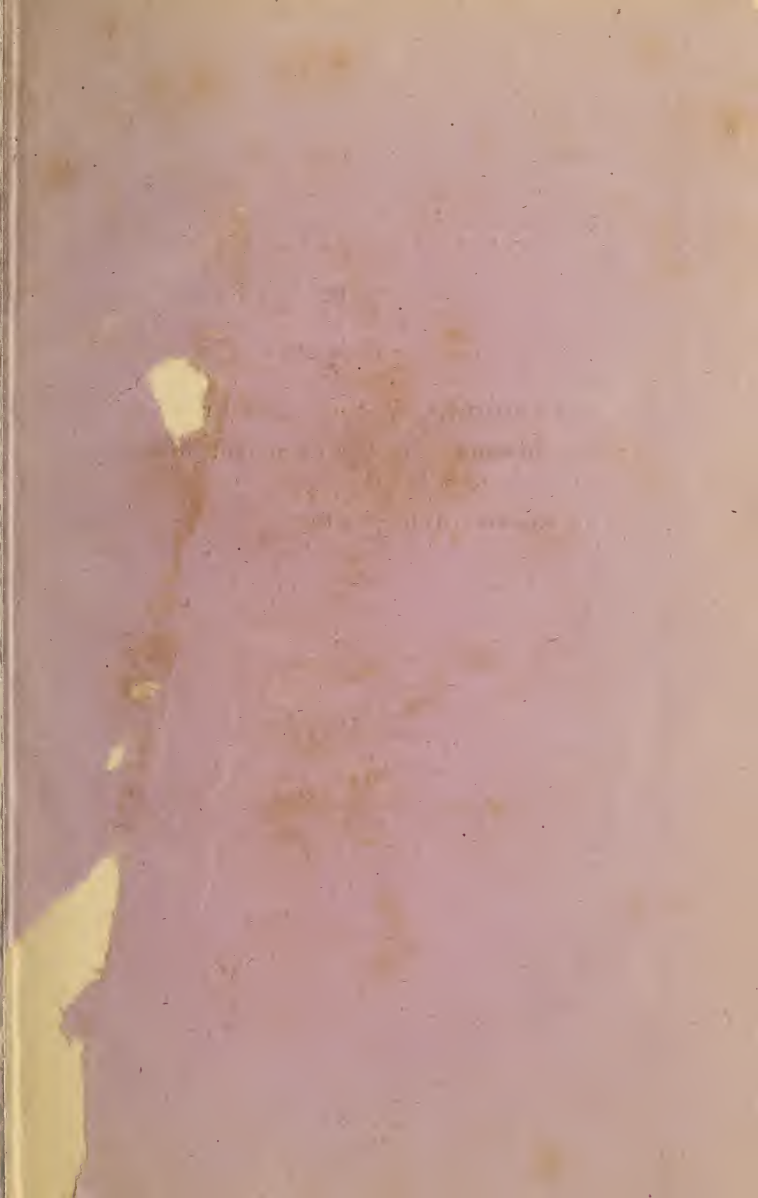
José de Barros da Silva Carneiro  
José Luiz Ferreira Freire  
José Simões da Silva Junior  
Julio Gomes da Silva Sanches  
José Lopes de Mattos Viegas  
José Augusto de Mattos Coelho  
Joaquim Paes da Cunha  
João Marques Antunes  
João Ribeiro d'Andrade  
João José d'Antas de Souto Rodrigues  
José Christiano Dias de Medeiros  
João Machado de Faria e Maia  
José Augusto Veiga  
João Taborda de Magalhães  
José Rebello Cardoso de Menezes  
João d'Almeida Tojeiro  
José E. C. e Silva  
José Maria Neves  
Joaquim B. Cochado Freire  
João Maximo de Brito e Castro  
José de Paiva Magalhães  
José Mocinha e Pereira  
Julio da Fonseca Borges  
João Pedro Gomes F. Teixeira  
Joaquim Pinto Vilella  
João Patricio d'Albuquerque  
João Vicente Teixeira  
Julio Pereira  
João Bernardo Barata  
Joaquim d'Oliveira Rino Jordão  
Joaquim Gaspar Pinheiro d'Almeida da Camara Manuel  
Manuel Francisco de Paula Barreto Junior  
Manuel Francisco Machado  
Manuel da Maia Alcoforado  
Manuel Cardoso de Sequeira Barbedo  
Manuel da Cunha Paredes  
Manuel José Gonçalves dos Santos  
Manuel d'Arriaga  
Manuel d'Almeida e Silva  
Dr. Manuel Emygdio Garcia



Manuel Jacintho Saraiva  
Manuel Gomes Fevelim  
Manuel Sieuve Zagallo Nogueira  
Manuel José Espada  
Manuel Esteves Ribeiro  
Manuel Domingues Tinoco  
Rodrigo Augusto Cerqueira Velloso  
Rodrigo de Freitas Araujo Portugal  
Ricardo Leal de Faria  
Sebastião Alberto de Sousa Couto  
Sebastião Maria d'Azevedo Lobo  
Sebastião Maria da Nobrega Pinto Pizaria  
Torquato José Fernandes do Couto  
Torquato Pereira Soares de Motta (Padre)  
Vicente Rodrigues Monteiro

Faltam aqui alguns Senhores, porque apenas assignaram seus appellidos, porque ainda me não vieram á mão alguns prospectos e porque outros chegaram já depois de impressa esta lista.





parte

**Vende-se por 450 réis**

**Em Coimbra** — nas principaes livrarias.

**Em Lisboa** — em casa do Sr. Antonio Rodrigues,  
travessa de S. Nicolau.

**No Porto** — na livraria Moré.

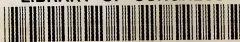
~~~~~







LIBRARY OF CONGRESS



0 024 327 548 9

